



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: RECEPÇÃO E PRÁTICAS DE LEITURA

A leitura da literatura no Distrito Federal:

MAPA CULTURAL

Edna de Oliveira Freitas

Brasília-DF, julho de 2010.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: RECEPÇÃO E PRÁTICAS DE LEITURA

A leitura da literatura no Distrito Federal: MAPA CULTURAL

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do título de **Mestre em Literatura**,
pelo Programa de Pós-graduação em Literatura
da UnB, sob a orientação da professora
doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra.

Edna de Oliveira Freitas

Brasília-DF, julho de 2010.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: RECEPÇÃO E PRÁTICAS DE LEITURA

A leitura da literatura no Distrito Federal: MAPA CULTURAL

Banca Examinadora:

Professora Doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra

Orientadora

Professora Doutora Micheline Madureira Lage

Membro externo

Professor Doutor Robson Coelho Tinoco

Membro interno

Professora Doutora Ana Laura dos Reis Corrêa

Membro suplente

A

minha mãe **Maria**,

pela alimentação

recebida da *palavramundo*.

E a meu pai **José**,

que, no ato de transportar

telhas,

tijolos,

cimento

e areia,

abriu caminhos, em meu coração,

para a construção da minha história de leitora.

*É preciso saber decifrar o rosto
para descobrir as feições da alma.*
Baltasar Gracián



LER significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista do ponto. Para entender como alguém lê é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da LEITURA sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha (...) Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada LEITOR é co-autor. Porque cada um lê e relê com os olhos que têm. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.

Leonardo Boff

Muitíssimo obrigada,

Ao ESPÍRITO DE LUZ que sempre me guiou.

A meus irmãos Eliton, Eridam e Evanildo, pela existência em minha vida. Anjos existem. Anjos são amigos. Anjos são irmãos. Acredito neles.

Aos Agentes Literários que tornaram possível a construção do Mapa Cultural, empreendimento cujo alicerce foi iniciado antes de meu ingresso na UnB: Ana Laura dos Reis Corrêa, Adauto Gonçalves, Aglaia Souza, Alex Fabiani, Ana Maria Bandeira, Andréa Paixão, Anunciato, Antonio da Conceição, Arlinda, Baia, Batista de Lima, Canuta, Bia, Carolina José, Cida Bomtempo, Clara Etiene, Cleide Lemos, Cristina Santana, Cristina Stevens, Dagoberto Buim, Dão João, Destêrro, Dinorá, Dora Duarte, Elga Laborde, Elizabeth Alfinito, Elza Caetano, Elza Uberti, Fátima Rosa, Getúlio Francisco, Giambastiani, Gislene de Souza, Grupo de Pesquisa LER/UnB, Hélio Alfinito, Iara Kern, Iêda Muniz, Ilse Shinzato, Irismar Damasceno, Israel Ângelo, Ivonete Silva, Jaciara de Jesus, Jairo Zelaya, Jaqueline Nobre, Jaqueline Silva, João Almino, John Sherman, José de Assis, José Henrique, Josefina, Jayme Vasconcelos, José Teles, Júlia Pereira, Kadidja Boaventura, Laura Rodrigues, Linda Paranhos, Lisianny Oliveira, Lúcia Leite, Luís de Lima, Luis Turiba, Luzia Borges, Luzia Manzolillo, Luzia Simões, Magaly Suchi, Mano, Margareth Villalba, Maria Alice, Maria da Glória, Maria Elvira, Maria José, Mariinha Domingos, Maristela Vilela, Marmenha, Micheline Lage, Miguelina, Miriam Mônaco, Myriam Fortuna, Nayla Reis, Neli Silveira, Newton Rossi, Paula Pimentel, Paulo Goyaz, Reginalda de Carvalho, Robson Tinoco, Rosamélia, Rosângela Pereira, Suzie Rubino, Telma Teixeira, Tony Anderson, Valdete Ferreira, Valentim, Vilma Reche, Welber Félix, Elizabeth Hazin. Cada Agente é co-autor, edificante, deste trabalho.

Àqueles que, **levados pela correria do tempo,** foram impossibilitados de me receber. Desse gesto, abriu-se a oportunidade para mais Andanças e outras descobertas.

Ao projeto Roedores de Livros por possibilitar a Ana Paula Bernardes, Célio Calisto, Tino Freitas e a mim, o encontro com o OUTRO. São momentos em que nos (re)conhecemos em cada criança assistida. Espaço em que a leitura é SER-VIDA feito água de beber.

A UnB por me proporcionar transitar e enveredar por suas veias físicas e emocionais, sentindo o orgulho de ser parte desse corpo.

A muito querida professora-orientadora Hilda Orquídea Hartmann Lontra. Com sabedoria, soube perceber e compreender meus vazios literários. Com sinais de luz, fez-me visualizar em minha prática que os teóricos, sem que eu os percebesse, estavam ali, a meu lado, dando sustentação a minha fala. E por esses sinais, pude reconhecer-me em Freire, Helena, Cândido, Bakhtin, Benjamin e tantos outros que, sei, estão em mim. Desse modo, foi muito prazeroso construir o Mapa Cultural tendo a meu lado esse farol que, além de me iluminar, mostrava-me alguns caminhos, várias luzes.

SUMÁRIO

PALAVRAS INICIAIS	11
1. A PESQUISA: ancoragens teóricas e metodológicas	16
1.1. O que é leitura: perspectivas antes e fora da escola	19
1.2. Leitura e literatura: convergências	24
1.3. Leitura e linguagem: consonâncias	27
1.4. Sistema literário: sociedade em movimento	30
1.5. Cultura literária e multiculturalismo: a situação social mais imediata	33
2. MAPA CULTURAL	38
2.1. Caracterização e composição dos mapas	39
2.2. Simbologia e legenda	42
3. CRÔNICAS DE ANDANÇAS: desmitificações e deslumbramentos	44
3.1. Andanças em busca das fontes	45
3.1.1. Ministério da Educação – MEC	46
3.1.2. Companhia de Desenvolvimento do DF – Codeplan	46
3.1.3. Ministério da Cultura – MinC	48
3.1.4. Secretaria de Cultura do Distrito Federal	49
3.1.5. Secretaria de Educação do Distrito Federal	50
3.1.6. Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI	51
3.2. Andanças pelos órgãos oficiais de educação superior	52
3.2.1. Faculdade SENAC-DF	52
3.2.2. Faculdade do Meio Ambiente e de Tecnologia de Negócios – FAMATEC	52
3.2.3. Universidade de Brasília – UnB	53
3.3. Andanças pelos órgãos oficiais de educação básica: ensino fundamental e médio	54
3.3.1. Escolas públicas	54
3.3.2. Escolas particulares	56
3.4. Discursos a respeito de leitura	57
3.4.1. Fórum Nacional + LIVRO + LEITURA nos Estados e Municípios	58
3.4.2. Seminário Dia e Semana Nacional da Leitura	60
3.4.3. III Fórum Brasília, capital das leituras	62
3.4.4. Seminário Internacional França-Brasil de Bibliotecas Públicas	63
3.4.5. II CNC – Conferência Nacional de Cultura	65
3.5. Andanças pelas iniciativas não-governamentais de incentivo à leitura	70
3.5.1. Roedores de Livros	72
3.5.2. Parada Cultural T-Bone	74

3.5.3. La Bella Cultural	77
3.5.4. Centro de Desenvolvimento Comunitário – CDC	79
3.5.5. Tra-la-lá	80
3.5.6. Biblioteca Comunitária do Jaguar	81
3.5.7. Israel Ângelo	82
3.5.8. Boneca Bela Aparecida	83
3.5.9. Cultura no Ônibus	84
3.5.10. Eu sou comunidade consciente	86
3.6. De volta a UnB / Mesa Redonda: Brasília e literatura – diálogo com escritores.....	88
4. PESQUISA DE CAMPO	91
4.1. Visita aos órgãos públicos oficiais	91
4.2. Contato com as instituições educacionais	93
4.3. Visita aos organismos não-governamentais	94
4.4. Pontuando o Mapa Cultural	95
4.4.1. Planisfério do Distrito Federal	95
4.4.2. Programa Mala do Livro	96
4.4.3. Brasília	97
4.4.4. Ceilândia	99
4.4.5. Sobradinho	102
4.4.6. Guará	105
4.4.7. Planaltina	106
4.4.8. Taguatinga	107
4.4.9. Recanto das Emas	109
4.4.10. Samambaia	110
4.4.11. Brazlândia	111
4.4.12. São Sebastião	112
4.4.13. Santa Maria	113
4.4.14. Gama	114
4.5. Sistematização e análise dos resultados alcançados	115
4.5.1. Análise da parte quantitativa dos questionários	116
4.5.2. Análise da parte qualitativa dos questionários	117
4.5.2.1. Quanto aos objetivos	117
4.5.2.2. Quanto aos resultados alcançados	119
4.5.2.3. Quanto às dificuldades vencidas	119
PALAVRAS FINAIS	121
BIBLIOGRAFIA	126
ANEXOS	131

RESUMO

Esta reflexão objetiva a apontar, visualmente, quais são, onde estão e como funcionam as iniciativas culturais, no tocante à leitura, especificamente, à do texto literário, tomando a região geopolítica abrangida pelo Distrito Federal. No intuito de mostrar cartograficamente tais iniciativas culturais, o presente trabalho estrutura-se em dois grandes blocos. O primeiro deles explicita a fundamentação teórica subjacente ao tema proposto e relata as “andanças” feitas; o segundo, a sequência das leituras dos instrumentos para a sondagem dos dados que levam à construção do Mapa Cultural. O destinatário desta pesquisa cujos resultados são apresentados em forma iconográfica, com a finalidade de não deixar um espaço sequer sem o atendimento de leitura no DF, são, principalmente, os organismos governamentais interessados em conhecer seus agentes culturais que operam para a melhoria da quantidade e da qualidade de leitura em geral e da recepção da literatura, em particular, no DF. Com tal produto, a sociedade leitora e não-leitora têm um diagnóstico das lacunas a serem preenchidas e ocupadas com novas iniciativas de incentivo ao inestimável ato de ler e de fortalecer-se cidadão.

Palavras-chave: Mapa Cultural. Iniciativa cultural. Leitura e cultura. Literatura e sociedade. Leitor e agente cultural.

ABSTRACT

The ongoing reflection aims at visually pinpointing cultural initiatives pertaining to reading, particularly as regards the literary text, taking place in the geopolitical region of the Federal District, in an effort to show where they are to be found and how they work. With the goal of cartographically displaying such cultural initiatives, this paper is based on two large units, the first of which focusing on the theoretical foundation for the subject under consideration and all relevant moves towards that end, while the second bears on the sequence of readings of the instruments for the analysis of data conducive to the making of the Cultural Chart. This research, whose findings are shown in an iconographic manner lest every single space should be unprovided with reading opportunities, is mainly intended for government agencies interested in getting to know their cultural agents who prove active in enhancing both the quantity and quality of reading overall and, chiefly, reception in literature in the Federal District, thereby enabling the reading and nonreading public to be provided with a diagnosis of the vacuum to be filled with new initiatives capable of fostering the inestimable reading practice and strengthening citizens.

Key words: Cultural Map. Cultural initiative. Reading and Culture. Literature and Society. Reader and Cultural Agent.

PALAVRAS INICIAIS

*Contadoras, sejam mágicas, e os livros saltarão
de suas prateleiras nas mãos do leitor.*

Daniel Pennac



Esta reflexão destina-se a apontar, visualmente¹, quais são, onde estão situadas e como funcionam as iniciativas culturais, no tocante à leitura, especificamente à do texto literário, tomando a região geopolítica abrangida pelo Distrito Federal. Decorrente de uma pesquisa na área de Letras, associada à linha de recepção e práticas de leitura do Programa de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade de Brasília, o texto relata e reflete uma sequência de atividades desencadeadas na passagem da primeira para a segunda década do século XXI: os anos de 2009/2010.

¹ Seguindo a reflexão de Carlos Perrisa Jr. e de Marisa Landim (em “O pensamento como imagem” em *Walter Benjamin: Imagens*, acredita-se que um pensamento é constituído através de noções visualizadas, “imagens seriam utilizadas na sua construção, ou seja, a construção de um novo paradigma estético, cuja tentativa é pensar através de imagens.” (2008: 27).

Algumas considerações de base devem ficar explícitas desde estas palavras iniciais. A primeira, diz respeito à concepção de literatura que subjaz às atividades de investigação. Seguindo a premissa de Antonio Cândido², entende-se por literatura

um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é um produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos inter-atuantes a que se junta o autor, termo inicial deste processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura, atuando no tempo (apud Afrânio Coutinho, 1955:158).

Nesse sentido, a literatura, somente após a leitura dos textos, exerce uma função civilizatória na sociedade³, como criadora de modelos cultos e civilizados de existência, que demonstram padrões universais e locais ao público leitor.

Outra postura que convém ser explicitada no início da reflexão refere-se à concepção de horizonte da crítica da literatura, em face das exigências da modernidade. Nesse sentido, antecipa-se a vinculação da pesquisa às idéias de Walter Benjamin⁴, que, antes de qualquer outro filósofo da modernidade, advogou, segundo Lontra (2009)

o conceito de crítica como possibilidade de conhecimento, um meio de reflexão. Benjamin propõe para a crítica um projeto tanto estético como político. O ato da crítica era visto por ele como um meio de crítica de todo o sistema cultural e de sua base econômica; o objeto da crítica transcendia o texto; era o contexto, a realidade.

Devido à necessidade de dar a conhecer aos cidadãos desta capital aspectos da sua cultura, construída nos 50 anos de história, procuramos visualizar, nessa macrorregião administrativa, as iniciativas de estímulo à leitura, para desvelar áreas (des)cobertas de livros, bibliotecas, computadores, mapotecas, com a finalidade de ampliar-lhes o campo de visão.

No trânsito de coleta e interpretação dos dados, segue-se, também a postura benjaminiana, cujo conceito de crítica histórica une, intrinsecamente, estética e política:

descortina o passado e suas ruínas, sobre as quais construímos nosso presente, como um único e gigantesco arquivo de inscrições vivas ao qual se deve associar um modo de leitura e de interpretação. O elemento político,

² CANDIDO, Antonio. "O escritor e o público" In: COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A., 1955. Vol. I.

³ Justificando nosso pensamento, recorremos a Luzia de Maria (2009) que afirma: "É nos vastos domínios da literatura que pode ser encontrada a chave para a formação do brasileiro-leitor que tanto desejamos ver proliferar em nosso país." E mais, citando Thomas Carlyle: "o único lugar possível para adquirir conhecimentos está nos livros. A verdadeira universidade de hoje é uma biblioteca."(2009:17-8).

⁴ LONTRA, Hilda O. H. Subsídios do curso: A (est)ética da sensibilidade moderna, em Walter Benjamin Universidade de Brasília; Programa de Pós-Graduação em Literatura, 1º semestre de 2009.

dessa forma, domina todos os momentos do trabalho: do arquivo, da seleção, passando pela conservação e pelo acesso, chegando à leitura dos documentos. Em Benjamin, a história é aproximada ao modelo do colecionador e do catador de papéis. O historiador deve acumular os documentos que são como que apresentados diante do tribunal da história. O crítico da cultura, num trânsito semelhante ao do flaneur, lê, analisa e interpreta as passagens e os documentos, refletindo acerca da história que a eles subjaz (Lontra, 2009:26).

Ainda faz parte da seleção inicial dos conceitos de base a visão de cultura que, centrada nos postulados de Walter Benjamin, é percebida

como arquivo e memória, devido ao viés crítico e revolucionário de seu modo de leitura; não deixa a sociedade e sua história se cristalizarem em museus e parques temáticos. Ao viés conservador da cultura como mercadoria, Benjamin opõe sua visada da cultura como documento e testemunho da barbárie (Idem, 37).

Assim, tal qual Benjamin, em seu percurso crítico na Europa, há cerca de um século, foi movido pela necessidade de compreender, submergindo no seu objeto, a lei oculta de um determinado procedimento político, percorreremos “as veias abertas⁵” do Distrito Federal, a fim de revelar onde e por que sangra ainda a sociedade, quando se trata de leitura.

Pela necessidade de se colherem informações fundamentais acerca de estudos cartográficos⁶, constata-se que a cartografia é uma ciência e uma técnica bastante antiga, mas cuja importância na modernidade vem crescendo a cada dia neste mundo global, em que fronteiras e limites entre conhecimentos, temas e espaços ficam cada vez mais diluídos. Mas cartografia pode ser entendida como a arte da disposição espacial⁷, em forma de mapas, dos dados levantados, redigidos e analisados com o fim de divulgação.

⁵ Alusão a *As veias abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, que registra, sob o título de “Cento e vinte milhões de crianças no centro da tormenta”: *É a América Latina, a região das veias abertas. Desde o descobrimento até nossos dias, tudo se transformou em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal tem-se acumulado e se acumula até hoje nos distantes centros de poder. Tudo: a terra, seus frutos e suas profundezas, ricas em minerais, os homens e sua capacidade de trabalho e de consumo, os recursos naturais e os recursos humanos. O modo de produção e a estrutura de classes de cada lugar têm sido sucessivamente determinados, de fora, por sua incorporação à engrenagem universal do capitalismo. A cada um dá-se uma função, sempre em benefício do desenvolvimento da metrópole estrangeira do momento, e a cadeia das dependências sucessivas torna-se infinita, tendo muito mais de dois elos, e por certo também incluindo, dentro da América Latina, a opressão dos países pequenos por seus vizinhos maiores e, dentro das fronteiras de cada país, a exploração que as grandes cidades e os portos exercem sobre suas fontes internas de víveres e mão-de-obra* (Consulta em março de 2010, no sítio: copyfight.noblogs.org/.../Veias_Abertas_da_Amãrica_Latina(EduardoGaleano.pdf).

⁶ Já há em São Paulo um instituto especializado em cartografia, cuja área de atuação (passível de conhecimento pelo site <http://www.igc.sp.gov.br>) objetiva desenvolver investigação metodológica e tecnológica na área de cartografia, bem como desenvolver projetos de pesquisa geográfica relacionados ao quadro territorial-administrativo do Estado. Não havendo algo semelhante no DF, teremos de, até nesse aspecto, construir nosso caminho.

⁷ E nessa acepção iremos demarcar os caminhos, os pontos de referência plenos e vazios de atividades voltadas à leitura, no espaço geopolítico do Distrito Federal – DF, capital do Brasil.

No Brasil utiliza-se o termo mapa, de forma genérica, para identificar vários tipos de representação cartográfica. Mesmo que, em alguns casos, a representação não passe de uma lista de palavras e números, ou de um gráfico que mostre como ocorre determinado fenômeno, essa representação recebe o nome de mapa. Inicia-se a reflexão a partir da pergunta: o que é um mapa? Como construir e ler um mapa? E qual a utilidade de se aprofundar o conhecimento de determinada área usando a cartografia.

Dois aspectos convém destacar:

1. mapas são manifestações escritas, são registros visuais e verbais híbridos; portanto, são textos. Na qualidade de textos, convencionou-se denominá-los, classificá-los como multimodais porque, além dos códigos verbais já citados, ainda empregam cores, movimentos, volumes, indicações de outra natureza.

2. mapas são também objetos de leitura que exigem do observador muito mais do que uma simples apreciação estética (ou não): cobram do leitor uma capacidade elevada de compreensão, interpretação, uso e avaliação dos dados.

No intuito de mostrar cartograficamente tais iniciativas culturais, o presente trabalho estrutura-se em dois grandes blocos. O primeiro deles explicita a fundamentação teórica subjacente ao tema proposto e relata as “Andanças” feitas; o segundo, a sequência metodológica da leitura de instrumentos que levam à concretização do mapa cultural.

Como ponto de partida, faz-se um resgate conceitual de leitura, a partir da concepção de Paulo Freire⁸. Após, cruzam-se as vozes de Maria Helena Martins (2006), Ezequiel Theodoro da Silva (2000, 2003, 2004), Wolfgang Iser (1996), Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2003), Mikail Bakhtin (1999), Antônio Cândido (1997, 1999) entre outros, focalizando a leitura, com destaque à literária. Com referência à pesquisa de campo, nos caminhos da modernidade, inspirou-se em Walter Benjamin (1996), principalmente, em estudos alusivos às teses de História e à reprodutibilidade técnica da arte.

O segundo bloco apresenta os planos e os passos de visitação previamente estabelecidos para a pesquisa de campo, a tabulação e a análise dos instrumentos de coleta de dados, a montagem do mapa e, por fim, algumas reflexões pertinentes.

⁸ É desnecessário, no estágio atual dos acontecimentos culturais, falar muito acerca de Paulo Freire: o mais notável estudioso brasileiro do tema da leitura, no Brasil e no mundo, no século XX.

Objetiva-se, ainda, para o momento em que se divulguem os dados coletados, que esforços sejam despendidos a fim de que, com 100% de cidadãos alfabetizados, tenhamos no DF um significativo volume de leitores críticos, servindo de indicador de excelência no panorama (inter)nacional. Isso pode parecer um sonho, mas, com o esforço coletivo, firmes na crença do poder transformador da leitura, principalmente da leitura literária, pode se tornar uma realidade. E em pouco tempo.

O destinatário da pesquisa cujos resultados apresentamos, em forma de um Mapa Cultural, com a finalidade de não deixar um espaço sequer sem o atendimento de leitura na área do DF, são, principalmente, os organismos governamentais interessados na melhoria da quantidade e da qualidade de leitura em geral e da recepção da literatura, em particular no DF. Com tal produto, a sociedade não-leitora e a leitora⁹ terão um diagnóstico das lacunas a serem preenchidas e trabalhadas.

Reunir cada uma das partes visitadas e consultadas numa área territorial de 5.802 km² que compreende o Distrito Federal, num grande planisfério, destacando, fundamentalmente, as iniciativas não-governamentais, vai mostrar as áreas que de fato estão (ou não) cobertas com iniciativas em favor da leitura. Pretende-se, assim, que o leitor do mapa, ao identificar as áreas carentes de entidades ou organismos voltados à formação do hábito de leitura desde a infância, tenha condições de perceber e priorizar os espaços em que devem ser implementadas novas iniciativas¹⁰.

Após a indicação cartográfica, a enumeração, descrição e caracterização de cada iniciativa não-governamental, levantam-se sugestões de atividades, divulgação de iniciativas exemplares, denúncia de áreas descobertas.

Isso posto, declaramos que o presente texto, em que nossa voz será ouvida, terá, por um lado, ancoragem no arcabouço teórico que o sustenta formatado em notas de rodapé, principalmente; por outro, um permanente diálogo com as pessoas que participaram da pesquisa na situação de informantes, cujo exemplo de dedicação, perseverança e solidariedade para com o outro, desde já enaltecemos.

⁹ Não só os organismos governamentais são os beneficiários deste relato, mas também as instituições não-governamentais que, além disso, serão os interlocutores.

¹⁰ O intuito de descrever e narrar esta pesquisa é motivar duplamente os cidadãos brasileiros/brasilienses para, comemorando os 50 anos da Capital, envidar esforços a fim de que nos próximos 50 anos se chegue a 100% de área coberta com iniciativas da leitura.

1. A PESQUISA: ancoragens teóricas e metodológicas



O livro é a materialidade portátil que faz circular a palavra e, ao mesmo tempo, chancela que identifica seu usuário a uma condição superior.

Bruno Fagundes

Quando da elaboração do projeto de pesquisa, perguntávamos: “Por que ler literatura?” Encontramos um coro de vozes que entoavam razões convergentes. Portanto, tais vozes não caracterizavam polifonia¹¹, mas, sim uma monofonia – coro em unanimidade – de pensamento, entre os quais colhemos alguns que circularam pela internet em 2007, decorrentes do Seminário *Prazer em Ler*¹²:



“Porque a literatura é a arte da palavra e a nossa mente humana é linguística, não há nenhuma outra coisa. Nascemos predispostos para a estética da palavra. Nós pensamos o mundo só com palavras e isso é o que mais desenvolve o cérebro: quando lemos, quando falamos... é só com palavras. É quando o cérebro tem a máxima atividade mental, quando melhor pensamos... É o que nos ajuda a entender, quando o mundo se faz

inteligível sem dizer que nos faz inteligentes! Também a filosofia o faz, outras disciplinas conseguem fazê-lo, mas a literatura tem sido muito eficaz.”

Teresa Colomer, Universidade Autônoma de Barcelona

¹¹ O conceito de polifonia está respaldado em BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*: São Paulo: Hucitec, 1999.

¹² Literatura pra quê? Conferencistas, palestrantes, presidentes e coordenadores de mesa do Seminário **Prazer em Ler** de Promoção da Leitura, realizado em São Paulo, em 2007, respondem, em mosaico, porque a leitura de textos literários é importante.

“Porque a literatura, como a gente entende, é a expressão de arte por meio de palavras. Então, a literatura é o pão para a alma, para o pensamento e também para as coisas concretas.”

Elizabeth D’Angelo Serra, FNLIJ

“Ler literatura é importante enquanto a possibilidade de uma forma de conhecimento que só se faz pela arte. É tão importante ler literatura quanto estudar ciência, filosofia e política. A literatura é uma forma de experiência que nos põe em risco o tempo inteiro, que nos põe o tempo inteiro perguntando o sentido da própria existência.”

Luiz Percival Leme Britto, Universidade de Sorocaba

“Ler proporciona uma abertura da mente que permite você se conhecer melhor e conhecer o outro melhor. Por isso ler histórias de outros povos é importante para a gente ver os nossos pontos em comum e também para reforçar as nossas diferenças. A meu ver, a literatura, seja a de conto, a da memória, a do testemunho, ajuda muito a gente a se perceber no mundo. Eu me sinto mais munduruku quando eu conheço mais as histórias da África, ou as histórias do outro lado do mundo, do Japão, da China, dos povos árabes. Ou dos outros povos indígenas. Eu me percebo melhor, me sinto melhor, reforça minha identidade e reforça, sobretudo, minha humanidade (...). A literatura permite que a gente exercite nossa tolerância. E tolerância não é suportar o outro, como normalmente a gente pensa. Mas é deixar que o outro seja.”

Daniel Munduruku, escritor

“(Ler literatura é importante) por muitas coisas: nós, humanos, adoramos as histórias. Somos os únicos animais que necessitamos, como ao alimento e como o ar, das histórias. Esse é um fato. Porque a leitura nos faz mais livres e nós necessitamos da vivência de liberdade mesmo que sejamos livres. Também buscamos um fator de transcendência para a vida. Não admitimos para nós mesmos o fato de que um dia desapareceremos, então procuramos caminhos de transcendência. E a literatura é um caminho claríssimo de transcendência.”

Xosé Antonio Neira Cruz, escritor

“Porque a gente pode conhecer a vida. A gente pode conhecer como é que as pessoas vivem em outros lugares ou muito próximas, a gente pode ver a forma de as pessoas tentarem e resolverem problemas e até dar uma dica pra que a gente resolva os nossos ou tenha uma dimensão da identidade própria.”

Márcia Wada, Centro de Estudos A Cor da Letra

“Literatura é arte, é uma maneira de conhecer e é, possivelmente, a maneira mais aberta, menos autoritária e com maiores possibilidades de conhecer de maneira criativa. Distanciar-se do mundo, da realidade para ver melhor o mundo, para significar melhor o mundo, para compreender melhor o mundo e o papel, o lugar que temos nele. Creio que a literatura nos permite viver a vida de muitas maneiras distintas e, na medida em que podemos ver com os olhos dos demais, vemos o mundo com muitos olhares.”

Silvia Castrillón, Associação Colombiana de Leitura e Escrita

Em face desses pronunciamentos, justificamos a escolha de nosso viés temático declarando que, na atualidade, por meio de políticas governamentais¹³, o Brasil tenta sensibilizar a sociedade acerca da importância da leitura. No Distrito Federal, especificamente, no momento em que se comemoram os 50 anos de construção da Capital do País, é oportuno trazer ao conhecimento da sociedade as iniciativas de organismos não-governamentais que difundem a literatura em nossa região e buscam divulgá-la a partir da leitura.

O panorama atual é de muita discussão acerca da aplicação de políticas públicas que movam a sociedade, levando-a a despertar para a importância da leitura, essa ferramenta capaz de alargar horizontes individuais e coletivos. Assim, vejam-se os resultados da investigação “Retratos da Leitura no Brasil”¹⁴ e as iniciativas do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL¹⁵ para o biênio 2008/2010.

No estágio atual das (idealiza)ções acerca de liberdade e cidadania, conquistados pelo domínio público¹⁶ da palavra, é inadequado se iniciar alguma reflexão sem citar o polígrafo Paulo Freire e seus olhares a respeito da leitura.

Ele¹⁷ e Maria Helena Martins, através de seus “fundadores” livros *A importância do ato de ler* e *O que é leitura*, mapeiam esse universo de forma dinâmica e integrada ao cotidiano do homem.

¹³ Refiro-me, principalmente, a “Retratos da Leitura no Brasil” e às iniciativas do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL para o biênio 2008/2010.

¹⁴ Instituto Pró-Livro-2008: <http://www.prolivro.org.br>

¹⁵ www.pnll.gov.br

¹⁶ A consulta de grandes clássicos da literatura nacional e internacional pode ser feita pelo site WWW.dominiopublico.gov.br, que necessita ser muito divulgado a fim de que se justifique a permanência “no ar”

¹⁷ De um lado, o educador brasileiro Paulo Freire, numa linguagem acessível, partindo da prática, mostra a importância do ato de ler, nas suas mais diversas formas, sobretudo, como instrumento de libertação do ser humano em seu contexto social.

Os olhares de Freire e Martins¹⁸ miram um mesmo horizonte: o de perceber a leitura como um ato transformador e libertador¹⁹. É com essa percepção de liberdade e de transformação que nossos olhares vislumbram os resultados decorrentes da prática de leitura aplicada à realidade das crianças em formação²⁰. Assim, ancorados na leitura de tais obras, objetivamos refletir a respeito das questões inicialmente levantadas.

Porque o exercício da leitura como processo formativo de cidadãos é feito, principalmente, na escola, de onde partem as vozes uníssonas declarando a “crise da leitura”, fechamos esta parte inicial²¹ com as palavras de Silva (2003):

Nunca é demais lembrar que existe uma gama considerável de metodologias que podem ser estudadas e reinventadas pelos professores no momento de orientar a leitura dos alunos na escola. Outrossim, caso a didática seja tomada como espaço de criação e não como campo de respostas fechadas, o professor poderá criar suas próprias metodologias para o ensino da leitura, desde que carregue consigo o entusiasmo pela escrita, o amor pelos livros, e seja capaz de discutir com o coletivo dos professores da sua escola as finalidades cumpridas pela leitura na sociedade brasileira.

1.1. O que é leitura: perspectivas antes e fora da escola

A leitura da escrita como ponte para outro entendimento é a reflexão a partir da qual Martins (2006) tece seu texto na busca de desmitificar a mentalidade da ligação de leitura tão-somente ao texto escrito.

Ela começa exatamente pelo calcanhar de Aquiles: o fato de a leitura estar associada à escrita, à leitura de livros. Abre essa discussão mostrando a existência da leitura no cotidiano do homem; evidencia que a leitura o acompanha desde seus

¹⁸ De outro, a educadora brasileira Maria Helena Martins percorre todo um caminho desmitificando a noção de leitura entendida pela maioria das pessoas como algo ligado à escrita; mostra que a leitura começa bem antes de a criança ingressar na escola, conforme também preceitua Freire.

¹⁹ Nesse mesmo sentido, um jovem pesquisador brasileiro, professor doutor Ezequiel Theodoro da Silva vem, há mais de duas décadas, batalhando por incentivos oficiais e essenciais à leitura, em ambiente de ensino ou fora de espaços institucionalizados. Para isso, confira-se o endereço <http://leituracritica.com.br> cuja leitura recomendamos.

²⁰ Por fazer parte do projeto sócio-educativo Roedores de Livros, fundamentado nessa filosofia, que encetamos a pesquisa agora relatada. Uma atualizada abordagem desse aspecto encontra-se principalmente na “Trilogia Pedagógica” de Ezequiel Theodoro da Silva, com as *Unidades de Leitura*, a *Leitura em Curso* e as *Conferências sobre Leitura*.

²¹ Porque a finalidade deste trabalho é expor e discutir o tema da leitura e sua importância na sociedade, principalmente, fora dos muros escolares, embora reconheçamos a relevância das considerações de Ezequiel Theodoro da Silva para a ampliação desse enfoque em prisma didático e pedagógico, por este não ser o mais relevante à nossa pesquisa, limitamo-nos a referi-lo apenas neste espaço.

primeiros dias de existência; acontece quando se percebe a existência do objeto a ser lido. Perceber significa ler e, para isso, não se precisa estar escolarizado²².

A mentalidade de associar leitura à decifração de letras ainda se mantém na atualidade por alguns educadores das mais diversas áreas, dada à aplicação de métodos conservadores que exploram textos totalmente descontextualizados, fora do repertório experiencial do leitor e, ainda, à falta do conhecimento teórico e à falta de qualificação de alguns profissionais da Educação.

A existência dessa forma de pensar inibe o desvelamento do papel da leitura na formação do cidadão, uma vez que todo o contexto contribui para a construção de uma ideologia restritiva acerca do ato de ler. Entre elas podemos citar: ler é ler livros, ler é difícil, ler é ruim, ler é para pessoas privilegiadas, ler é obrigação, ler para tirar boas notas. Tudo isso leva o leitor a se considerar distante da leitura, longe de algo que faz parte de seu cotidiano. Referente a questão Paulo Freire (1991) faz colocações aos educadores quanto à responsabilidade de ensinar de forma comprometida, libertando-se e libertando o outro de amarras, de nós: isso equivale a dizer que cada um deve ler com “seus próprios olhos”²³.

O ato de perceber a vida e tudo o que nos cerca é o passo inicial na caminhada para aprender a ler. Sentir medo, aconchego ou carinho, irritar-se com algo ou alguém, são manifestações e reconhecimentos de que a leitura está se realizando. Trata-se de um aprendizado cultural e fundamental para a compreensão de outras leituras. A partir do sentido dessa leitura primeira, acontecerão as subsequentes, na vida. Esse aprendizado realiza-se de forma única, singular. A comunhão do pré-leitor com o mundo revela que a leitura acontece.

Quando educadores incentivam o hábito de ler, tendo por argumento a crise da leitura, estão se referindo à de livros. A crise da leitura tem mão-dupla: o aluno chega à escola e às vezes não é despertado para uma leitura que vá além da decifração de letras; o educador, por sua vez, é desprovido da ferramenta imprescindível para que se estabeleça a troca de leituras, tendo em vista que muitas vezes este não é um leitor do

²² Diz Luzia de Maria, em *Leitura e colheita*: “Se por um lado estou convencida da riqueza da literatura e do seu caráter formador, por outro lado defendo, em qualquer proposta de leitura, o espaço daquele que se faz interlocutor do texto.” E mais, pois ela defende que: “O texto a ser lido possa corresponder às expectativas do leitor enquanto pessoa, que possa dar-se ao diálogo tomando-se em consideração os interesses pessoais – que, sem dúvida, são particulares e temporários.” (Maria, 2002: 52).

²³ Recordando a epígrafe: “por que cada um lê e relê com os olhos que tem”. Leonardo Boff.

mundo e muito menos de livros. Primeiro, tem-se que transformar esse professor em leitor para que ele possa se instrumentalizar e estimular a leitura; segundo, apresentar a leitura de forma prazerosa, como se fosse um brinquedo e, para isso, o educador necessita se mobiliar didaticamente para alcançar o não-leitor.

Ciente da forma equivocada como a leitura tem sido vista pela sociedade e, principalmente, como ela é conduzida dentro da escola, Martins propõe a ampliação do olhar acerca da noção de leitura, a fim de que ela aconteça a despeito da escola e tenha seu espaço fora dos muros escolares; que ela floresça, também, onde ela foi germinada, ou seja, na vida cotidiana de cada um. O propósito é fazer com que a leitura se alastre por todos os cantos; que não permaneça delimitada a uma minoria que se encontra em ambientes fechados.

Ao levar a noção de leitura para além das escolas, dos ambientes fechados, abrindo-se na direção do povo²⁴, tem-se o resgate dos valores culturais e da sabedoria daqueles que não decodificam a palavra escrita, mas que, como poucos, sabem ler o mundo. Martins objetiva com essa ampliação que se estenda o poder da leitura e da escrita a outros cidadãos e não permaneça somente nas mãos de uma minoria dominante. Daí o sentido que se tem da leitura crítica, envolvendo texto e contexto.

Ao tratar a questão da leitura de mundo, Freire revela um ângulo pouco reconhecido tanto na escola quanto no cotidiano de cada pessoa. Sabe-se que a leitura de mundo tem sua base construída fora da escola, para ter continuidade dentro dela.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo... o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava (Freire, 1991:12).

Desconhecer essa leitura de mundo colocada por Freire é descartar um pilar de suma importância na base de formação de qualquer leitor ou pré-leitor. Da leitura de

²⁴ Em uma sociedade complexa, encontramos vários problemas, entre os quais: a ideologia e suas máscaras, o neo-liberalismo e seus valores, a consagração da mentira e os pactos da mediocridade e da ignorância. Para enfrentá-los são necessárias ações e reações complexas que vão além da convivência com textos: estudo e pesquisa, mas que alcançam a leitura crítica em suas dimensões: de constatar - ler as linhas e ver que há sentido; de cotejar - ler nas entrelinhas e ver que há outros e novos sentidos; de transformar - ler para além das linhas e alcançar que há mais sentidos, ainda. Em www.cosmo.com.br/.../Leitura_subsidios_para_planejamento_Palestra_Prof_Ezequiel.ppt. Acesso em março de 2010.

mundo depende a conexão com a da palavra escrita; e dessa conexão, a possibilidade de um novo conhecimento.

As reflexões de Freire e Martins se entrelaçam no decorrer de seus escritos ao colocarem a questão de ser essencial considerar a leitura de mundo para acontecer a leitura da palavra escrita. Dessa conversa, do diálogo das leituras, surge um novo leitor, atualizado.

Freire e Martins conversam e, no diálogo estabelecido, os mistérios se desfazem, as casas se oferecem com suas portas e janelas abertas, e o leitor percebe a presença de um novo mundo que enriquecerá seu atual com ricas perspectivas de vida; os diálogos se interceptam e a mágica da leitura acontece nesse ato de depreender a palavra escrita, através de sua experiência de leitor do mundo.

Buscar entender a “palavramundo”²⁵, no dizer de Freire, demonstra uma atitude política que nos leva a uma mudança de pensamento frente ao mundo particular e ao mundo da palavra escrita. Do surgimento da palavramundo de Freire, tem-se um mundo com menos vazios, permeado de sentidos, sobre o qual temos mais conhecimento e condições de sermos atores principais em nossa própria história, nossa própria escrita, de nossa palavra. Conhecer o seu mundo particular torna-se condição para cada indivíduo decifrar a palavra escrita.

Das leituras de Freire e Martins podemos entender que a palavramundo funciona como uma chave, e a palavra escrita como uma fechadura. A leitura acontece quando a chave, com toda sua bagagem de história sócio-cultural, se encontra com a fechadura. O ato de girar a chave na fechadura dá início a todo um sentido decorrente do processo transformador do ato de ler e reler o mundo.

²⁵ Há uma diversidade de códigos linguísticos e não-linguísticos: placas de trânsito, cartazes, “outdoors”, receitas médicas e culinárias, faixas, bilhetes, livros, jornais e revistas, mapas, atlas, ilustrações, pinturas, filmes, pautas musicais, convites, estórias em quadrinhos, música, charge, livros com legenda, livros de imagem, vitrines, vitrais, “CD-ROOM”, “e-mail”, “Home page”, “e-book”, placas comerciais, marcas comerciais e industriais, nomes e números de ruas e avenidas, faixas, anúncios comerciais, medidores das condições climáticas, mímicas, risos, choros, olhares, posturas, etc. etc os quais espelham os sentidos do homem no mundo, mas os quais necessitam ser decodificados por seus sujeitos em constantes aprendizagens. O ato de ler não consiste apenas na decifração dos caracteres linguísticos mas também pressupõe a compreensão dos caracteres não-linguísticos constantes noutros suportes e contextos que não o texto impresso, mas muito presentes no ambiente em que se vive. Ler é entender o mundo para além das palavras: “palavramundo”. Ler a “palavramundo” é decifrar o choro do bebê, a dinâmica da política e da economia, compreender as estruturas textuais das entrelinhas escondidas nos textos verbais, interpretar as formas e as cores da fachada de um prédio e a expressão facial e gestual das criaturas humanas. A leitura da “palavramundo” faculta a compreensão da dinâmica dos sentimentos humanos expressos nas histórias ficcionais tão bem elaboradas (Weschenfelder, 2010).

Para compreender o ato de ler, faz-se necessário que o nosso foco recaia sobre a postura de um leitor crítico, ainda que esse leitor desconheça a leitura da palavra escrita. Sabe-se que, de forma inconsciente, aprendemos a ler logo que somos colocados no mundo. O ato de ler decorre do querer enxergar mais longe do que a vista possa alcançar; é essa disposição de ver mais longe e atuar sobre o mundo, de conhecer e de perceber os mais diversos tipos de textos, que caracteriza o prazer do leitor crítico.

O ato de ler se intensifica quanto mais nos detemos a observar e a identificar as alterações que acontecem em nossa memória²⁶ em um processo de construção e de reconstrução do mundo que nos cerca. Quanto mais nos embrenhamos em um texto, mais claro o mundo textualizado fica dentro de nós. Reconhece-se assim o leitor que, para Freire, percebe o mundo com o olhar renovado e atua sobre seus próprios atos, modificando-os. Ler não somente a palavra escrita, transforma a leitura de mundo e nesse olhar, o leitor passa a construir sua palavra²⁷.

O processo de ler compreender reler o antes lido e recriar um novo horizonte, sob pena de o leitor ser conduzido mundo à fora pelas mãos e olhares de outros leitores. Assim, deve-se entender a máxima de que *ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de ler pelos olhos de outrem*” (Martins, 2006:23).

Dessa ação libertadora que o ato da leitura crítica promove quando se entrelaça de forma plena a outras leituras, se constrói e reconstrói a realidade dos leitores.

A partir dessa concepção do ato de ler, dos elementos culturais de cada leitor, de suas reminiscências, constrói-se a palavra escrita que reconstrói a realidade. O ato de ler revela-se, dessa forma, um instante de volta ao passado, à história de cada leitor, de cada olhar; um resgate da infância, do horizonte de experiências, a partir do que o leitor, em contato com o texto, estabelece uma identificação, um sentido. O ato de ler

²⁶ A respeito de espaço e memória, vale a pena conferir o site do NEPEC - <http://www.nepec.com.br/1rev.htm> - em cujo periódico colhe-se a seguinte informação: o objetivo do núcleo e do periódico correspondente é introduzir geógrafos brasileiros à geografia cultural, mostrando como o espaço está impregnado de cultura. Paisagem cultural, percepção ambiental, espaço e simbolismo e cultura e lugares centrais são alguns dos temas que a geografia cultural considera. A alma dos lugares, no que concerne à centralidade, sob a perspectiva do indivíduo e grupos sociais, é apresentada em uma orientação humanista.

²⁷ “Tudo é leitura. Tudo é decifração. Ou não.” Diz o professor e renomado crítico literário Affonso Romano de Sant’Anna em http://www.gargantadaserpente.com/artigos/affonso_romano4.shtml. E continua: “Ou não, porque nem sempre deciframos os sinais à nossa frente. Ainda agora os jornais estão repetindo, a propósito das recentes eleições, ‘que é preciso entender o recado das urnas’. Ou seja, as urnas falam, emitem mensagens. O sambista dizia que ‘as rosas não falam; as rosas exalam o perfume que roubam de ti’. Perfumes falam. E as urnas emitem um cheiro estranho.” (Sant’Anna, 2010).

proporciona *o caminhar* com os próprios pés, olhar com os próprios olhos, ler com o próprio sentido histórico.

1.2. **Leitura e literatura: convergências**

Entre as vozes que mais se destacam no cenário brasileiro, voz essa que há quase meio século vem refletindo acerca da importância da leitura na formação infantil e divulgando a necessidade de pesquisar esse tema, está a de Regina Zilberman, para quem a história da leitura é construída pelos integrantes da sociedade, sendo necessário o reconhecimento da escrita por eles e que as obras produzidas sejam de conhecimento público, socializadas.

Zilberman reflete acerca de certo capítulo da história da leitura em solo brasileiro, destacando uma perspectiva que serviu de alicerce para vivenciarmos este período histórico: o capítulo de quando o acesso à escrita era privilégio de poucos, um aprendizado aplicado de forma particular, muito centrado nas famílias mais abastadas, o que promoveu um desequilíbrio na sociedade.

Um claro sinal de que a história da leitura caminha e vive é o capítulo atual de sua existência. No cenário nacional, de Norte a Sul, fala-se em leitura, seja pela voz dos excluídos ou dos socialmente incluídos. Acreditamos até que os excluídos descobriram, pela luta solitária, o caminho da inclusão, e se auto-incluíram²⁸, começando pela margem e, hoje, no centro da questão, são reconhecidos pela sociedade como um todo.

Em sua reflexão “Para uma história da leitura no Brasil” divulgada pela internet no sítio da Unicamp: (<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/regina.html>), Zilberman enfatiza a importância da escola: espaço em que a leitura se efetivou como uma atividade prática²⁹ coletiva. A escola, ainda que falte a certa parcela da população, ainda que lhe seja negada uma estrutura tal, que lhe permita ter em seu quadro professores leitores, ainda assim, ela cumpre seu papel de decifrar a escrita.

²⁸ As ações de iniciativas privadas demonstram a auto-inclusão através de projetos de incentivo a leitura.

²⁹ A leitura estimula a imaginação, distrai, informa e propicia o conhecimento. Quem lê percebe o mundo e as coisas em outra chave, em outro patamar de conhecimento. Aquele que não tem o hábito de ler acaba por trilhar a realidade; como dizia Monteiro Lobato, que encantou gerações com suas histórias: “Quem não lê mal ouve, mal fala, mal vê”. O pleno domínio do conhecimento no campo das artes, da literatura e da ciência supõe e exige o domínio e o hábito da leitura. Para que o Brasil alcance o estágio civilizatório que desejamos, faz-se necessário disseminar a prática da leitura. Numa nação republicana, o exercício da plena cidadania exige a formação de cidadãos leitores.

Por isso, devido aos avanços e recuos da sociedade brasileira, ler se estabeleceu como chave para integrar o mundo atual (ou estar fora dele). Repito: *Tudo é leitura. Tudo é decifração. Ou não*, conforme o professor Affonso Romano de Sant'Anna (2010).

O prazer da aprendizagem³⁰, para a grande maioria, ainda está ausente do espaço escolar. Sabemos que as discussões têm avançado e gerado resultados positivos. A prova disso é o reconhecimento da leitura como um bem de valor³¹. As políticas de leitura do governo federal se empenham³², envolvendo seus representantes em cada estado brasileiro, na tarefa de fazer esse bem se multiplicar e gerar frutos (leitores).

A proposta governamental de transformar o Brasil em um país de leitores pretende fazer uma revolução no território brasileiro. Para tanto, os Ministérios da Cultura – MinC em parceria com o da Educação – MEC estão dialogando com outros ministérios, a fim de conscientizar cidadãos de que leitura é uma questão de todos, uma questão brasileira³³.

São incentivadas e divulgadas políticas de leituras visando uma ampla reflexão acerca de formas eficazes de ampliar o acesso à leitura por intermédio de ações públicas e privadas. O relevante é oferecer instrumentos capazes de movimentar grupos em prol de um bem cultural que irá transformar mentes e gerações.

³⁰ *A leitura implica aprendizagem, quando existe um espaço de diálogo entre leitor e texto, aceito enquanto alteridade e perante o qual o leitor assume posições, perdendo e ganhando sua identidade no confronto com o texto e não ficando impassível frente a ele. Infelizmente, a trajetória da leitura no ensino da língua portuguesa mostra que instituições como a escola não descobriram como trabalhar com as regras desse processo, do "jogo entre identidade-alteridade" (Zilberman, 2002, p.29).*

³¹ "Apesar de ser condição *sine qua non* para a leitura, o acesso aos livros não garante que o incentivo à leitura aconteça de fato. Se considerarmos que a maioria da nossa população ainda não tem a leitura como bem, como valor, e que nem mesmo se sente no direito de se apropriar dela, ainda há muito trabalho a ser feito. E esse trabalho, que podemos chamar de mediação da leitura, que só pode ser feito por quem é, verdadeiramente, leitor." (FARIAS, 2010).

³² Para reconhecer e estimular as ações em prol das práticas relativas à leitura, o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação instituíram o Prêmio VivaLeitura, cujas coordenação e execução estão a cargo da Organização dos Estados Ibero-americanos para a Educação, Ciência e Cultura, em conjunto com o MinC, o MEC e a participação e o patrocínio da Fundação Santillana. O êxito da iniciativa constata-se, desde 2007, pelo número avassalador de inscrições: 1.855, dos quais foram selecionados 15 trabalhos finalistas, 5 em cada categoria: bibliotecas públicas, privadas e comunitárias; escolas públicas e privadas; bem como pessoas físicas, universidades e instituições da sociedade que desenvolvem trabalhos na área da leitura. Foram ainda destacadas 3 menções honrosas. O Prêmio VivaLeitura faz parte do Plano Nacional do Livro e Leitura-PNLL, que engloba um conjunto de projetos, ações e iniciativas na área do livro, da leitura e das bibliotecas, desenvolvido pelo Estado nos âmbitos federal, estadual e municipal, pelo setor privado e pelo terceiro setor. O PNLL conta com mais de 600 ações e é uma política de Estado que objetiva assegurar a todos os brasileiros o acesso ao livro e à leitura. É, pois, com grande satisfação que premiamos e parabenizamos as pessoas, os órgãos e instituições que se dedicam a tão nobre causa (MinC, 2007).

³³ Mas às vezes isso não passa de discurso, sem ações concretas equivalentes.

Na mesma linha, a história da literatura, um dos pilares importantes da leitura, acompanha, sob o viés de diversas vozes, a história da leitura, revelando assim a história da sociedade, com suas evoluções positivas.

Por outro lado, uma história da leitura – e, portanto, seu braço direito, a história da literatura – se corresponde com a história da educação. Graças a essa associação, indica quão próxima a literatura, abrindo mão da aura que a sociedade burguesa, via institucionalização lhe confere, está do ensino, da sala de aula, do professor.”(Zilberman, 2010:37)

Isso posto, convencemo-nos de que entender uma sociedade requer conhecer sua história de leitura e ter a revelação do retrato dessa sociedade, pela leitura, identificada na literatura de seu tempo. A história da literatura pelo viés da leitura, em seus altos e baixos, em movimentos de ser reconhecida ou não, conforme o padrão social da época, consegue, a duras penas, se expor e se revelar.

Algumas instituições brasileiras têm procurado elaborar seu “dever de casa”, resgatando anos de atraso nessa questão da leitura, objeto de valor no meio social vigente. Nesse caminho, muitas vozes³⁴ têm destacado que, quando lemos, associamos as informações lidas a grande bagagem de conhecimentos que temos armazenada em nosso cérebro e, naturalmente, somos capazes de interpretar, criar, imaginar e sonhar.

Assim, difundir a leitura no contexto atual é socializar uma forma ativa de lazer. Em vez de propiciar repouso e alienação, como ocorre com formas passivas, a leitura exige não só um grau maior de consciência³⁵ e atenção como também uma participação afetiva do recebedor-leitor.

E numa cadeia de exigências, a educação alcançou um patamar de competitividade em que conhecer (e ser reconhecido) passou a depender cada vez mais do ato de ler. Nessa mesma corrente, o teórico Bakhtin³⁶ lembra que ler vai muito além de decifrar códigos, e tão importante quanto ler, é entender o mundo em que habitamos.

³⁴ Tanto Vygotsky quanto Bakhtin destacam a importância da dimensão histórica do homem, a relação linguagem - compreensão, a intersubjetividade. Estes problemas são como que operações correlatas, interativas, oriundos da relação homem-mundo.

³⁵ A esse respeito, conferir o artigo de Marcus Mota, sob o título de *Bakhtin / Vygotsky: Fundamentos da tradição do horizonte compreensivo da Linguagem*. Disponível em <http://www.marcusmota.com.br/abralic.pdf>.

³⁶ Bakhtin é uma figura fundamental desta pesquisa, porque se preocupa, como filósofo da linguagem, pelas orientações de base decorrentes dos procedimentos metodológicos que alcancem a natureza real dos fenômenos investigados, em nosso caso, da leitura.

Ler, supomos, é desenhar a nossa identidade a cada movimento, a cada passo da leitura, uma vez que o ato de ler faz revoluções de dentro pra fora e de fora pra dentro de nós, sujeitos leitores.

E dessas revoluções³⁷, tal qual em uma edificação, construímos e derrubamos paredes que sustentam e elevam nossa identidade, desenhando-nos, dando-nos um novo formato.

1.3. Leitura e linguagem: consonâncias

Sob a perspectiva de outro olhar, observamos que a leitura de Martins está impregnada da leitura de Freire³⁸ e este, conseqüentemente, de outras leituras. Martins, inclusive, reconhece que bebeu na fonte de Paulo Freire para escrever *O que é leitura*³⁹.

O nosso texto compõe-se a partir do momento em que lemos, ou seja, a partir do instante em que nos apropriamos verdadeiramente daquilo com que entramos em contato, independente de ser palavra impressa ou o próprio mundo. Ler, assim, consiste em vislumbrar outras perspectivas de olhar o contexto que nos cerca. A partir desse olhar diferenciado, o mundo se modifica e, quando isso acontece, nós mudamos, também.

O mundo não será mais o mesmo quando o olhar ultrapassa a superfície do texto lido. Conforme Heráclito preconizava há séculos antes de Cristo, *ninguém se banha duas vezes no mesmo rio*⁴⁰. Se compararmos a corrente de água com a tessitura textual e o banhista ao leitor, perceberemos a verdade dessa máxima: após ler, o texto não é o mesmo, tampouco o leitor.

³⁷ Segundo Vygotsky, ocorre o predomínio dos objetos sobre os processos que os engendraram, isolando-os sem que se possa acompanhar seu desenvolvimento experimentalmente; predomínio da descrição descontextualizada sobre a explicação das relações dinâmicas como causas reais dos fenômenos: estão presos às aparições comuns de um objeto, atendo-se às similaridades externas de sua pura presença; por esta prisão ao referente imediato, reforça-se o caráter automatizante da investigação, perdendo, assim, de vista, a perspectiva histórica dos experimentos psicológicos - "estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo da mudança" (Vygotsky, 1984:73).

³⁸ Cronologicamente, Freire antecede Martins; Martins reconhece que toda a sua argumentação repousa no pensamento desse filósofo.

³⁹ Daí, indagamos: Qual a leitura de um e a leitura do outro? Existe uma linha tênue e invisível que impossibilita fechar essa questão. Sabemos, de fato, em consonância com Bakhtin e Voloshinov (1999), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, que somos produto de outras leituras. O que falamos são, além das nossas vozes, ecos de outras tantas nas quais imprimimos a marca da nossa palavra, do nosso texto.

⁴⁰ Heráclito de Éfeso dizia, há 500 anos antes de Cristo: As águas passam, a pessoa muda e, ao banhar-se no rio de mesmo nome, trata-se de uma outra pessoa em novas águas. Há sobrevivências e renovações, sempre. As coisas, em síntese, estão em devenir perpétuo.

Em decorrência disso, tem-se um novo ser, um leitor consciente e, portanto, mais crítico. Quanto mais essa visão se completa e mais longe se consegue enxergar de modo mais profundo, consegue-se uma aproximação maior ao ideal de leitura, de leitor, de cidadão. A conquista de cidadania é fruto de uma leitura profunda, reflexiva. Ler com o devido empenho amplia os espaços do homem na sociedade da qual ele é parte viva e atuante.

Estando num lado da rua, ninguém estará em seguida no outro, a não ser atravessando a rua. Se estou no lado de cá, não posso chegar ao lado de lá, partindo de lá, mas de cá. Assim também ocorre com a compreensão menos rigorosa, menos exata da realidade (Freire,1991:27).

O ato de girar a chave – metáfora já explorada⁴¹ – representa o esforço exigido para acontecer uma leitura consciente e, assim, conseguirmos abrir a porta ou atravessar a rua, levar nossa história e a ela juntarmos outras histórias. As histórias são renovadas, atualizadas através das leituras dos mais diversos olhares, das vozes que ecoam constantemente fazendo a transformação de mundo. O novo leitor, ou seja, o cidadão surge do movimento de ler e reler o mundo, de atravessar a rua, de reabrir e fechar portas.

Esse novo leitor, diante do material a ser lido, mantém seu olhar desperto para ouvir os silêncios do texto. Nos silêncios reside a essência que o autor ocultou e somente ao leitor que se permitiu abrir-se a esse mundo silencioso é que o segredo se revela. Da descoberta dos silêncios, resultam as possibilidades de mundo que o leitor atento pode ter a seu alcance.

Para ouvir os silêncios do texto (segundo Iser, em *O leitor implícito*⁴²) exige-se silêncio do leitor. Silenciar para escutar a história que o texto tem a contar: à medida que o leitor silencia, ele atua sobre o texto, completando os seus sentidos, preenchendo

⁴¹ A metáfora da leitura como chave para “abrir o texto” já está usual entre os professores de língua portuguesa. A esse respeito, em “Pontuação: chave de leitura do texto literário”, Tania Maria Nunes de Lima Câmara afirma: *Não sendo o texto um conjunto aleatório de frases, mas um todo organizado no qual as frases se relacionam de maneira coerente nos planos micro e macro textual, a dificuldade que o aluno encontra com a pontuação no texto mostra-se evidente. Diante desse quadro, cabe, portanto, ao professor apresentar condições para que tais problemas possam ser resolvidos e, a partir daí, fazer com que o aluno possa melhorar de desempenho como leitor e como autor, dando à pontuação o destaque que o assunto efetivamente deve ter* (Câmara, 2010).

⁴² O leitor implícito (LI) não tem existência real, mas é antes uma estrutura do texto. A concepção de leitor implícito designa, então, uma estrutura que projeta a presença do receptor. Dessa forma, o LI não é mera abstração, uma vez que oferece determinados papéis a seus possíveis receptores. O LI condiciona a atividade de constituição da estrutura do texto. Esse papel não deve ser confundido com a ficcionalização do leitor, pois não se trata de um leitor com estatuto de personagem, ou de um narratário explicitamente imaginado. O cumprimento do papel do leitor implícito se dá a partir de atos de imaginação, os quais conferem caráter transcendental à obra literária.

os seus silêncios⁴³. Esse percurso é o mundo do texto. A busca de mergulhar nesse mundo é a forma de conhecer melhor a si e aos outros.

Essa é a proposta de um terceiro olhar: que o leitor esteja disposto a ouvir o texto para decifrá-lo; perceber e se apropriar de seus mistérios. O texto e seus mistérios formam uma teia complexa e cada fio de sua constituição é recriado pelo olhar atento do leitor. A cada olhar, a cada leitura, a teia é desconstruída e construída novamente. Nesse ato de ler, de tecer um novo texto, uma nova teia, texto e leitor saem com suas histórias alteradas⁴⁴.

Afinal, o que é leitura? Qual a importância do ato de ler? Estas questões continuarão a ecoar, despertando olhares⁴⁵. Esse ato de despertar revela a dinâmica da leitura, na produção criadora do sentido de ler, ver o mundo, alargando horizontes. Isso continuará, ainda, porque ler é um processo vital, que move o mundo em que habitamos.

São questionamentos que aguçam e instigam a mente dos leitores e nossos olhares. A necessidade da leitura na formação do cidadão continua tecendo o texto,

⁴³ Por meio das prefigurações do LI, o leitor real (LR) dá coerência ao universo de representações textuais. Ao construir um horizonte de sentido para a obra, o LR não apenas organiza as várias perspectivas do texto, mas estabelece um ponto de vista a partir do qual compreende a sua situação no mundo. O LR acaba por encontrar nesse modelo transcendental uma referência que lhe permite orientar a sua experiência no mundo. O sentido do texto é, assim, apenas imaginável na experiência do LR, que busca correspondência entre o seu ponto de vista e o da estrutura da obra, e então acontece o preenchimento, a recepção da obra, que não se esgota em si mesma, visto que cada LR é único e que cada leitura corresponde a uma maneira de ver o mundo representado.

Dessa maneira, a idéia de LI é de grande relevância no desenvolvimento da leitura estética, pois, aliada aos estímulos produzidos no imaginário do LR, o incita a assumir um papel ativo na construção da ficção. Como afirma Iser: *As perspectivas do texto visam certamente a um ponto comum de referências e assumem assim o caráter de instruções; o ponto comum de referências, no entanto, não é dado enquanto tal e deve ser por isso imaginado. É nesse ponto que o papel do leitor, delineado na estrutura do texto, ganha seu caráter efetivo. Esse papel ativa atos de imaginação que de certa maneira despertam a diversidade referencial das perspectivas da representação e a reúnem no horizonte de sentido* (1996, p. 75).

A experiência literária possui um caráter paradoxal, à medida que ela torna possível o questionamento da diferença entre o real e o ficcional. No entanto, não basta dizermos que a ficção traz elementos de realidade para podermos analisar como essa dicotomia é superada. A ficção não é, portanto, exatamente uma representação da realidade: como uma estrutura comunicativa, a ficção conecta o sujeito à realidade (ela comunica algo sobre a realidade), podendo ser considerada uma unidade virtual autônoma, sem necessitar de um contexto previamente dado, trazendo em si indicações para que o receptor o interprete. Essas indicações, porém, não constituem todo o corpo ficcional, contendo vazios que instigam a participação do LR, fazendo com que inevitavelmente o texto exija um sujeito para poder existir. (Rejane Privetta de Oliveira e Tatiana Matzenbacher. “A experiência estética da leitura”. *Entrelinhas*, Ano IV, nº 2, jul/dez 2007) www.entrelinhas.unisinos.br/index.php Acesso em 2010.

⁴⁴ Perguntar, ou seja, refletir filosoficamente, superando o senso comum -, estar consciente do passado, presente, futuro, compreender o que é um projeto histórico não se dá por si só. Exige método que se desenvolve desde a mais tenra idade, e isto negamos nas escolas, nos meios de comunicação de massa, nas igrejas, nos movimentos sociais, sejam eles voltados para a educação infantil, educação de jovens e adultos, sejam eles para as universidades.

⁴⁵ A tragédia Édipo Rei, de Sófocles, apresenta uma esfinge que pergunta a todos que passam o enigma mais famoso da história, conhecido como o enigma da esfinge, **decifra-me ou devoro-te**: *Que criatura pela manhã tem quatro pés, ao meio-dia tem dois, e à tarde tem três?* A esfinge estrangulava qualquer inábil a responder, daí a origem do nome *esfinge*, que deriva de *sphingo*, que, em grego, significa *estrangular*. Édipo resolveu o quebra-cabeça, assim: O homem — engatinha como recém-nascido, anda sobre dois pés na idade adulta, e usa um arrimo (muletas ou bengala) quando é ancião.

velando e desvelando contextos e leitores. Assim, as questões insistem no mecanismo de serem (re)feitas, em serem lidas e (re)lidas como forma de nos lembrar o quanto somos renovados a cada leitura que temos condições de fazer.

Quando a leitura termina é para ser recomeçada, requestionada, num movimento que não pára. Esse movimento do mundo, observado pelo nosso olhar, provoca a leitura ideal que nos move, nos renova. Ao ler, germinamos outro texto e, sem que tenhamos controle, muitos textos emergem de dentro de nós, pois também somos textos. É o nascer de um texto, de uma vida nova, (re)começada, (re)construída a partir do nosso olhar. Brota o texto, sinal de leitura realizada.

1.4. Sistema Literário⁴⁶: sociedade em movimento

O sistema literário é a mola que movimenta e dá sustentação à sobrevivência da tradição da cultura literária em uma sociedade.

A leitura da literatura, sob a perspectiva de Cândido⁴⁷, é obtida por intermédio do nó de entrelaçamento de três vetores (autor-obra-público) o que foi denominado *sistema literário*⁴⁸. Trata-se da junção em um eixo de funcionamento dinâmico, em que autor, obra e público leitor são capazes de perceber e reconhecer uma herança cultural e, em contato com o horizonte de experiências de cada um, fazer inferências e serem transformados, pelo legado lido, vivido.

É nesse círculo que se movimenta a literatura que recolhe da sociedade o seu alimento. Após, repassa a colheita com as devidas transformações. Essa transferência dá-se através de uma conversa, de um livro, de algum veículo de comunicação, de forma tal, que o sistema se movimente.

⁴⁶ Antônio Cândido - pesquisador, professor e crítico - produziu uma intensa reflexão sobre a vida social brasileira. Suas incursões sobre o tema da escola e da educação e suas pesquisas que culminaram em várias contribuições acerca da cultura, da identidade e da sociabilidade, são de grande importância para a busca de caminhos para operar uma sistematização da noção de mudança social, ao longo da segunda metade do século XX.

⁴⁷ Entendo aqui por *sistema* a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores, formando um conjunto virtual, e veículos que permitem seu relacionamento, definindo uma vida literária; públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou de ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento de que obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar (Cândido, 1999:15).

⁴⁸ Através da idéia de sistema literário, Antônio Cândido procura apontar o surgimento das obras não como fenômeno pontual, expressão individual, mas como um evento de natureza sociológica, pois relacionado ao contexto social e/ou ideológico em que a obra foi formada.

Em nossos dias, acreditamos que Antônio Cândido perceba, na globalização, um suporte de significativa valia para fazer funcionar, com mais facilidade e rapidez, o sistema literário. A globalização possibilita que autores, obras e públicos saibam mais um do outro e, alimentados da mesma fonte (sociedade multicultural), busquem ler e ouvir os ecos da muitas vozes, extraindo desse material o melhor da tradição de cada um⁴⁹.

Também desse alimento, do funcionamento desse sistema é que a roda gira, que o mundo se transforma e a sociedade caminha. Logo, podemos dizer que a globalização é importante no ato de fazer o sistema acontecer e produzir literatura. É desta forma que Cândido concebe a formação da literatura⁵⁰ brasileira como prática sócio-cultural: pela consciência da sociedade da existência desses vetores, relacionados de modo coeso. Ainda ressalta o Mestre da *Formação da Literatura Brasileira*: mesmo que tenhamos interferências estrangeiras, os escritores brasileiros dispõem de uma referência de tradição local e podem caminhar, apesar das intromissões externas.

O papel do autor é significativo, pois é dele a missão de criar a realidade literária e desse modo, desempenha sua função social no sistema literário. E na dinamicidade do sistema social, colhe e recolhe material, criando e atualizando a realidade que, a cada dia, é única. É desejo do autor que o público, ao estabelecer contato com a obra, seja capaz de se reconhecer ou se estranhar diante dela.

O sistema funciona ainda que o público, pela leitura, pense diferente, discorde de alguma das idéias apresentadas pelo autor. Relevante é que haja uma reação, seja contra ou a favor; que a obra provoque algum tipo de estranhamento, peculiar a quem se atreve mergulhar na leitura. E dessa forma poder transformar e ser transformado por ela.

⁴⁹ Para Cândido, há necessidade de se produzir um conhecimento singular sobre a realidade brasileira, o qual deve ser capaz de produzir atitudes contrárias ao alheamento visível nos vários segmentos sociais. Assim, devem-se analisar as reflexões de Antônio Cândido acerca da importância do pensador e do conhecimento como agentes de mudança social, pois tanto o primeiro quanto o segundo, são analisados, por ele, em vista também das ações políticas que se foram produzindo com o próprio ato de conhecer e de pensar a realidade.

⁵⁰ Literatura é *processo formativo dinâmico*, concebido como sistema literário com sua organicidade, possuindo uma constituição progressiva de um sistema articulado e coeso, em uma tríade com interação constante e dinâmica. É um sistema que apenas permanece vivo se houver a *recepção* não-passiva da obra pelo leitor, interagindo com a produção literária, modificando-a e respondendo-lhe. A concepção de sistema literário pode ser retomada, a partir da publicação mais recente de Antonio Candido, intitulada *Iniciação à literatura brasileira*, cuja idéia de um sistema literário é analisada em pormenores.

O sistema literário – ou literatura– na percepção de Cândido é o *movimento* que garante viva a memória de uma sociedade, mantendo-a atenta aos acontecimentos⁵¹, em condições de absorver novos elementos, azeitando a engrenagem do sistema⁵², contribuindo para a formação e sustentabilidade da literatura brasileira.⁵³

Antônio Cândido ainda ressalta em suas posições a importância de se “*ver simples onde é complexo, tentando demonstrar que contraditório é harmônico*”⁵⁴. Essa é a possibilidade de pinçarmos o essencial da vida, das particularidades de uma sociedade, da mola que a impulsiona, que a movimenta; e aceitar a desordem do caos para colhermos o seu melhor. É esse o papel humanitário da literatura e de sua pesquisa.

Em seu papel humanizador, a literatura oferece estranhamento à alma, ao espírito inquietante de seu público leitor. Sendo a obra construída de ingredientes humanos, é previsível que sejam reveladas grandezas e mazelas de um contexto social e o homem-leitor, ao se deparar com seu texto, é levado a uma reflexão.

No sistema literário, o olhar capta o externo (contexto) para o interno (texto). Dessa percepção faz-se a dialética entre ficção e realidade, formando um processo de influências recíprocas.

Andar pelas linhas do texto de arte é uma oportunidade de perceber os vazios da obra, seus deleites e encruzilhadas. Pelas ruas, percorremos e conhecemos caminhos e,

⁵¹ A II Conferência Nacional de Cultura, realizada em Brasília, em março de 2010, foi um laboratório onde a tríade de Antônio Cândido se manifestou em sua plenitude, onde autores, obras e grande público se apresentaram reciprocamente, cada um revelando a origem de cada qual. A “cara de vários brasis” esteve presente a esse encontro de autores e atores da literatura brasileira, em prol de uma causa social.

⁵² No livro *Iniciação à literatura brasileira*, publicado no ano de 1997, quase quatro décadas depois da *Formação*, o conceito de sistema é debatido por Cândido, novamente: “Entendo aqui por *sistema* a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: *autores* formando um conjunto virtual, e veículos que permitem seu relacionamento, definindo uma *vida literária: públicos*, restritos ou amplos, capazes de ler ou de ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; *tradição*, que é o reconhecimento de que obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar” (1999:15).

⁵³ Segundo Cândido, a literatura desempenha uma função integradora da obra literária nos processos culturais. Este crítico da cultura ainda ressalta a função civilizatória da literatura como criadora de modelos cultos e civilizados de existência, que demonstram padrões universais e locais ao público leitor. Essa tendência ou consciência, afirma Antonio Candido, foi exacerbada com as produções, no século XIX, *dos autores românticos e seu projeto de construção nacional como um “esforço de construção do país livre”* (1997:17).

⁵⁴ Observa Antonio Candido: “se aceitarmos a realidade na minúcia completa das suas discordâncias e singularidades, sem querer mutilar a impressão *vigorosa* que deixa, **temos de renunciar à ordem, indispensável em toda investigação intelectual**. Esta só se efetua por meio de simplificações, reduções ao elementar, à dominante, em prejuízo da riqueza infinita dos pormenores. É preciso, então, *ver simples onde é complexo, tentando demonstrar que o contraditório é harmônico*. O espírito de esquema intervém, como forma, para traduzir a multiplicidade do real; seja a forma da arte aplicada às inspirações da vida, seja a da ciência, aos dados da realidade, seja a da crítica, à diversidade das obras. E se quisermos reter o máximo de vida com o máximo de ordem mental, só resta a visão acima referida, vendo na realidade um universo de fatos que se propõem e logo se contradizem, resolvendo-se na coerência transitória de uma unidade, que sublima as duas etapas, em equilíbrio instável” (1999:30). Grifos acrescentados.

principalmente, abrimos novos caminhos, (re)criamos a literatura e assim nos atualizamos como seres humanos e como sociedade.

1.5. Cultura literária e multiculturalismo: a situação social mais imediata

A cultura – dinâmica da vida em sociedade – quando colocada em forma de livro por um autor, serve de reflexão a um público leitor. A leitura da cultura funciona assim: um sujeito dando a mão a outro semelhante e, nele, se reconhecendo. Por isso, afirma-se que a cultura diversificada⁵⁵ é a matriz que alimenta todas as outras fontes geradoras de conhecimento no mundo e, principalmente, em nosso país.

O multiculturalismo⁵⁶ é uma marca bem característica da cultura brasileira no século XXI. Podemos dizer, sem exagero, que a diversidade cultural⁵⁷ é o ponto nevrálgico de todo o nosso sistema da literatura e de sociedade. O multiculturalismo traz em sua constituição componentes de níveis de leitura distintos, confronto de classes sociais díspares, variada manifestação/intenção política, distintas expressões de culturas múltiplas, diferentes exposições da literatura, quase como comportamentos sinônimos: complexas facetas de um mesmo núcleo. Leitura, literatura, arte, sociedade, política, economia são partes essenciais que atuam no funcionamento de um só corpo, a cultura; são nervos interligados que se alimentam mutuamente um do outro.

Sabe-se que há uma distância entre os discursos oficiais e os das iniciativas privadas promovidas em favor da cultura, principalmente a respeito das condições de leitura no país, em que os dados numéricos se avolumam; assim também existe uma distância entre a realidade vivida e a divulgada para a grande maioria dos cidadãos brasileiros. Construiu-se ao longo da história a idéia mítica de que livro e leitura estavam inatingíveis como qualquer mito para as classes menos favorecidas; assim

⁵⁵ A diversidade cultural engloba as diferenças culturais que existem entre as pessoas, como a linguagem, danças, vestuário e tradições, bem como a forma como as sociedades organizam-se conforme a sua concepção de moral e de religião, a forma como eles interagem com o ambiente etc. O termo diversidade diz respeito à variedade e convivência de idéias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente.

⁵⁶ Nesta exposição e durante toda a pesquisa multiculturalismo foi concebido da seguinte forma: hibridismo, diversidade étnica e racial, novas identidades políticas e culturais. Sendo assim, a diversidade cultural acompanha a história da humanidade, independente de sua vinculação a uma nova fase do capitalismo, o "capitalismo tardio" também chamado de "sociedade pós-industrial" (Cf. www.itaucultural.org.br, acessado em março de 2010).

⁵⁷ A cultura brasileira é um grande conjunto de culturas, que sintetizam as diversas etnias que formam o povo brasileiro. Por essa razão, não existe uma cultura brasileira homogênea, e sim um mosaico de diferentes vertentes culturais que formam, juntas, a cultura do Brasil. É notório que, após mais de três séculos de colonização portuguesa, a cultura do Brasil é, majoritariamente, de raiz lusitana (www.pt.wikipedia.org/wiki/cultura_do_brasil).

como, constituiu-se a idéia de que todos os benefícios culturais estavam ao dispor das novas gerações⁵⁸.

Isso em termos de geografia política não é verdade; todavia, não podemos ignorar as ações que vêm sendo implementadas pelo governo, nem vendiar os olhos ante as políticas públicas, pois, embora algumas delas venham permeadas de outras intenções, às vezes eleitoreiras, alguma coisa está sendo realizada. Sabe-se, no entanto, que essas ações e decisões políticas podem, por algum motivo, não chegar ao ponto programado⁵⁹.

Sabemos que cultura compreende todas as camadas de uma sociedade, sejam elas públicas ou privadas⁶⁰. São camadas permeadas pela ideologia, pela qual são filtrados os movimentos e as atividades, conforme os ditames de um governante. Os detentores do poder, tal qual os cidadãos comuns, através de seus atos, evidenciam o que pensam e o que fazem pelo engrandecimento e pela difusão da cultura de seu país.

Há 50 anos, com a transferência da capital do país para o interior do Brasil, aconteceu um fenômeno cultural de grandes repercussões. No planalto central brasileiro foi construída Brasília e, em decorrência dessa edificação, surgiram outras cidades que constituem o Distrito Federal.

Da forma como aconteceu a construção da capital do Brasil, Brasília, algo a diferenciou das demais regiões e cidades brasileiras. Para o Distrito Federal vieram brasileiros de todos os estados e também de outros países. Ocorreu uma espécie de chamamento, em que os primeiros operários olhavam ao redor, num movimento

⁵⁸ Assim como informa Walter Benjamin, em suas reflexões acerca do trânsito da arte na modernidade, percebemos que, excluída da atmosfera elitista e quase religiosa que cercava o acesso aos bens culturais, na tradição ocidental, a literatura, enquanto objeto de culto era de uns poucos privilegiados que faziam dela uma coisa privada e singular, assim como a arte em geral. A partir da dissolução da aura, a arte atinge dimensões sociais. Essas dimensões seriam resultantes da estreita relação existente entre as transformações técnicas da sociedade e as modificações da percepção estética. A análise de Benjamin mostra que as técnicas de reprodução das obras de arte, provocando a queda da aura, promovem a liquidação do elemento tradicional da herança cultural; mas, por outro lado, esse processo contém um germe positivo, na medida em que possibilita um novo relacionamento das pessoas para com a arte e a percepção da cultura, tornando-se um instrumento eficaz de renovação das estruturas sociais.

⁵⁹ A esse respeito, é conveniente acompanhar as ações do Plano Nacional do Livro e da Leitura, em que programas não chegam à população devido ao descaso de instâncias intermediárias do poder. Benjamin já percebia, há quase um século, que a crítica da cultura é um projeto tanto estético como político, em que todo o sistema cultural, desde sua base econômica, tinha de ser olhado criticamente. O objeto da crítica, para Benjamin, repetimos, transcendia o texto; era o contexto, a realidade.

⁶⁰ Benjamin via na modernidade de Baudelaire a superação das dicotomias público/privado, homem/cidadão. Fugindo de uma normatividade marcada pela polarização do homem e do cidadão, resistindo à divisão maniqueísta do espaço moderno, Baudelaire vestia a máscara do *flâneur*: ele era ator e espectador ao mesmo tempo, como a prostituta, "que em hipostática união é vendedora e mercadoria" (Benjamin, 1991, p.40).

análogo à *flanerie*⁶¹ e, constatando a abertura de janelas para outros concidadãos, convidavam para vir participar da epopéia de construir algo novo no cerrado. Assim, uma grande quantidade de pessoas migrou para compor uma nova geração de brasileiros na capital do país. A história começou com gente, chamando gente para aqui morar.

A cultura do DF foi construída dessas pessoas de todas as classes sociais e das mais diversas crenças. Aqui se concentram e residem representantes de todo o Brasil e partes do mundo que escolheram o DF para morar e criar seus filhos.

A história da construção desse complexo social gerou uma multicultural atípica, polifônica, onde contrários convivem e se harmonizam, compondo a imagem de vários brasis em um só. O Mapa Cultural do DF foi pensado como um gesto político, para retratar a especificidade dessa cultura ímpar, pelo viés da leitura⁶².

Por que o propósito de construir o Mapa Cultural é uma pesquisa de literatura?⁶³ Sabemos (e já é quase senso comum) que a história mostra como os fatos aconteceram pela ótica dos dominantes, com um discurso justificador das barbáries cometidas, em uma perspectiva ufanista. Essa é a história contada por uma minoria que representa o poder. Para esses, Brasília é um símbolo da modernidade; para outros, esconde a face hipocrática da história⁶⁴. E essa outra face, o que ficou soterrado sob os andaimes, a cultura dos antigos habitantes do cerrado, a literatura possibilita desvelar. É uma

⁶¹ D'Angelo (2006) relaciona o gesto desbravador do vaguear aparentemente desvinculado de objetivos a um propósito subjacente: "O *flâneur* não existe sem a multidão, mas não se confunde com ela. Perfeitamente à vontade no espaço público, o *flâneur* caminha no meio da multidão "como se fosse uma personalidade", desafiando a divisão do trabalho, negando a operosidade e a eficiência do especialista. Submetido ao ritmo de seu próprio devaneio, ele sobrepõe o ócio ao "lazer" e resiste ao tempo matematizado da indústria. A versatilidade e mobilidade do *flâneur* no interior da cidade dão a ele um sentimento de poder e a ilusão de estar isento de condicionamentos históricos e sociais. Por isso, ele parte para o mercado, imaginando que é só para dar uma olhada. As fantasmagorias do espaço a que o *flâneur* se entrega, tentando conquistar simbolicamente a rua, escondem a "mágica" que transforma o pequeno burguês em proletário, o poeta em assalariado, o ser humano em mercadoria, o orgânico no inorgânico."

⁶² Benjamin demonstrou que não existe um campo "fora" do político. A arte e sua crítica são meios de reflexão não apenas do sistema estético, mas, antes, de toda a sociedade. Neste sentido, ele extrapolou programaticamente o âmbito da crítica da literatura e da arte. Benjamin escreveu no seu último texto, dedicado à crítica da noção de progresso, que "nunca existiu um documento da cultura que não fosse ao mesmo tempo um [documento] da barbárie" (*Revista CÚLT*, de fevereiro de 2007).

⁶³ A pergunta, que a alguns pode parecer descabida, encontra em Lúcia Helena (2003) uma resposta convergente às nossas intenções: "Acredito que as análises de Benjamin, seu método, sua forma hábil de entrever vínculos entre o que parece tão disperso, sua capacidade de perceber e revelar as estreitas relações entre a matéria bruta e o imaginário da produção de bens de consumo ou mesmo, dizendo de forma mais singela, sua acuidade de examinar, como poucos, **a relação entre a arte e a sociedade são algo de inestimável valor.**" [grifos acrescentados].

⁶⁴ É oportuno aqui retomar a consideração que Benjamin nos dá do que toma por alegoria. Dizendo que ela significa um passo de transgressão ao modelo da arte vista como símbolo, ele avança que, ao contrário daquele, a alegoria "mostra ao observador a *facies hippocratica* da história como protopaisagem petrificada. A história em tudo o que nela desde o início é prematuro, sofrido e malogrado, se exprime num rosto – não, numa caveira. Essa figura, de todas a mais sujeita à natureza, exprime não somente a existência humana em geral, mas, de modo altamente expressivo, e sob a forma de um enigma, a história biográfica de um indivíduo. Nisso consiste o cerne da visão alegórica: a exposição barroca, mundana, da história como história mundial do sofrimento, significativa apenas nos episódios do declínio."

história não-oficial, a versão daqueles que não tem voz e vez, no poder; aqueles que fazem a valorização da leitura na prática, como forma de sobrevivência, de autoinclusão.

O pensador Walter Benjamin, um verdadeiro crítico da cultura, mais do que da literatura, nos propõe que a história seja contada por aqueles que não escreveram a história, os que foram calados, sob o foco dos derrotados; em nosso caso, sob o foco dos excluídos da leitura oficial. Devido a isso, os capítulos que a classe dominante autoriza a serem registrados, muitas vezes não representam a realidade de quem está do lado oposto. Essa face oculta da história da literatura⁶⁵ é o que pretendemos mostrar com o Mapa Cultural, usando o “método benjaminiano”.

Assim como os escritores, as obras e os leitores traçam uma rota dentro do sistema social, constituindo o sistema literário (cf. Candido), o crítico da cultura⁶⁶ percorre esse contexto com a finalidade de resgatar a história daqueles que não tiveram chance no discurso oficial.

Logo, nossa tarefa não é somente a de colhermos dados objetivos e subjetivos que integrarão as respostas do instrumento de coleta de dados. Além dessa ação importante, seremos *flâneur*⁶⁷ que, sem a pressa dos que passam sem ver, sentaremos para colher instantes que extrapolem ao solicitado no instrumento.

Com nosso olhar de flâneur desejamos registrar o lado heróico, poético, de quem ousa ser leitor e que ainda oferece leitura a seus semelhantes. É muito importante vermos e sentirmos as dificuldades enfrentadas por esse leitor cuja existência a história oficial conhece, mas a quem nem sempre concede a palavra nem reconhece o espaço em que ele habita. Teremos acesso à realidade desses leitores os quais, diariamente, fazem a história da leitura no Distrito Federal. Antes, porém, visitaremos aqueles que escrevem a história de hoje, os representantes dos incluídos na cultura: os organismos governamentais.

⁶⁵ Benjamin sentencia que criticar a literatura não é abrir uma obra literária e fazer a leitura. É muito mais que isso: é andar pela sociedade onde a obra circula.

⁶⁶ Benjamin nos ensinou que escrever / resgatar a história é proceder a uma leitura/escrita essencialmente polifônica: Por isso é necessário estabelecer as afinidades entre os autores estudados por Walter Benjamin e o seu próprio pensamento alegórico. Walter Benjamin lança mão dos autores tidos como exemplos radicais da arte e da literatura moderna. Baudelaire, M. Proust, Kafka, além de Marx, surgem a todo o instante, lembrando-nos a crise dos fundamentos da experiência, portanto, a crise da leitura, e a crise do historicismo, o qual representa a história em toda a sua decadência.

⁶⁷ Aquele que passa, com olhar atento e interessado, mas sem o compromisso do relógio: devagar a divagar.

Estamos cientes de que todo relato é um ponto de vista⁶⁸. Assim, ainda que procuremos ser os mais isentos possíveis em nossos registros, sem sombra de dúvidas, nossas andanças estarão impregnadas do nosso horizonte de experiências, do nosso ponto de vista.

⁶⁸ Nesta pesquisa, fomos atrás desses leitores, os receptores da literatura. Saber de suas histórias, ouvindo-lhes a própria voz. A literatura possibilitou-nos, como a arte da palavra enraizada na sociedade, compreender a nossa comunidade brasileira com seu multiculturalismo. Conseguimos “*captar o semelhante no mundo*” e dessa forma, nela e por ela, sermos protagonistas dessa história polifônica e multicultural.

2. MAPA CULTURAL



Saber ler é uma exigência das sociedades modernas. Há, contudo, uma importante diferença entre saber ler e a prática efetiva da leitura. Se a habilidade de leitura é uma necessidade pragmática e permite a realização inclusive de atividades básicas, a prática da leitura é importante instrumento para o exercício da cidadania e para a participação social.

PROLER (2008)

Se for digitada em site de pesquisa a expressão “mapa cultural”, verificaremos que tanto na geopolítica da América, quanto no Brasil (Araraquara, Guarulhos, entre outras cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte) são várias as indicações de existência de iniciativas sob tal rótulo.

Há pouco tempo tomamos conhecimento da obra de Maria Lúcia Perrone Passos (2009) *Desenhando São Paulo: Mapas e literatura -1877-1954* e nos veio à mente a imagem de algo semelhante na região do DF⁶⁹. Lembramos a *Geografia Poética do Distrito Federal* – coletânea comemorativa ao cinquentenário do DF, organizada por

⁶⁹ O Mapa Cultural levará à localização dos polos cobertos, e dos não atendidos, pelas iniciativas leitoras, quanto à aos interesses dos leitores assistidos pelos organismos não-governamentais. Isso é importante no sentido de ser um parâmetro e um ponto de partida à cobertura total da região geo-política do DF referente à disponibilização de livros e ao estímulo à leitura.

Ronaldo Alves Mousinho (2007) - mas cuja finalidade não preenche nossas expectativas de distribuir, espacialmente, os polos culturais ligados à leitura na Capital.

Reconhecemos que, inicialmente, as anotações cartográficas eram feitas com o intuito de preservar na memória a história (cronologia) dos homens no deslocamento do espaço (cronotopia). Para tanto, valiam-se de objetos como paredes das cavernas, bambus, papiros, blocos de argila, pedras, etc. Todavia, com o avanço da indústria gráfica, principalmente após o advento da imprensa, as anotações cartográficas passaram a ser feitas em papel. Assim, atualmente, encontramos vários mapas – muitas vezes reunidos em atlas – para demarcar territórios.

No entanto, em qualquer paradigma que se ajuste a relação *mapa VS literatura*, ou *geografia VS leitura*, ou ainda *cartografia VS cultura*, não há, até o momento, nada que se assemelhe ao que pretendemos elaborar com referência à cinquentenária Capital do País.

Assim, postularmos um Mapa Cultural do Distrito Federal, e dispormo-nos a constituí-lo pelo viés da leitura, não é uma iniciativa inovadora, mas, sim, uma necessidade urgente.

Considerando a ampliação do sentido de literatura, pensamos que, no contexto da atualidade, inserir uma pesquisa geo-espacial no terreno da circulação literária é muito válido, e respaldamos nossa percepção nas palavras abalizadas de Regina Zilberman e de Marisa Lajolo, para quem

hoje não são muitas, nem tampouco parecem muito instigantes, as teorias literárias que endossam concepções exclusivamente textuais e/ou imanentes do literário, da literatura, da literariedade. São, ao contrário, cada vez mais raras teorias que não levam em conta situações concretas de produção e recepção de textos marcando-se os estudos literários contemporâneos pela ruptura de diferentes variantes da autonomia do estético. (Lajolo & Zilberman, 2003: 308).

2.1. Caracterização e composição dos mapas

Se considerarmos que os mapas servem de orientação e de base para o planejamento e conhecimento do território, a sociedade acaba sendo consumidora dessas representações cartográficas que são um meio de comunicação. Nas palavras de Loch, “a função de um mapa quando disponível ao público é a de comunicar o conhecimento de poucos para muitos, por conseguinte ele deve ser elaborado de forma a realmente comunicar” (2006: p.27).

Atualmente, encontram-se vários tipos de mapa: estatísticos, políticos, demográficos, geográficos, temáticos, linguísticos, diagramas interativos, diaporamas, panoramas, ilustrativos, mapas de orientação e até mapas da experiência humana. É importante dizermos que estes tipos citados não são os únicos existentes, pois quando se trata de mapeamento de informações, temos infinitas possibilidades, dependendo exclusivamente da nossa necessidade de organizar essas informações.

Sabemos que, embora o termo esteja popularizado, a grande maioria dos brasileiros possui um conhecimento muito restrito de cartografia, devido ao nível de importância que é dado à alfabetização cartográfica no ensino formal e à difusão de mapas para uso cotidiano. Porém, os mapas estão em toda parte, jornais, revistas, canais abertos de televisão – quem não olha o mapa do tempo no jornal diário? – mapa rodoviário, do metrô, da cidade e tantos outros que poderiam servir para alguma coisa, mas que, quando existem, às vezes, desorientam mais do que orientam.

Dessa listagem interessa-nos, principalmente, o mapa temático⁷⁰, uma vez que o objetivo terminal desta investigação é a constituição descritiva do Mapa Cultural do DF, pelo viés da leitura.

A respeito da questão dos mapas temáticos, Joly (2005: p.75) afirma que todo o mapa, qualquer que seja ele, ilustra um tema; até o mapa topográfico não escapa à regra. Dessa forma, define como mapas temáticos “todos os mapas que representam qualquer tema, além da representação do terreno”. Os procedimentos de levantamento, redação e comunicação de informações por meio de mapas diferem de acordo com a formação e especialização dos profissionais em cada campo, a exemplo dos geólogos, geomorfólogos, geógrafos, entre outros, que se expressam na forma gráfica.

A elaboração de mapas temáticos abrange as seguintes etapas: coleta de dados, análise, interpretação e representação das informações sobre um mapa base que, geralmente, é extraído da carta topográfica. Os mapas temáticos são elaborados com a utilização de técnicas que objetivam a melhor visualização e comunicação,

⁷⁰ Tomamos conhecimento, em nossa jornada, da existência e da caracterização de mapas temáticos que podem ser associados ao instituto de “Mapas temáticos sobre o Brasil”, organismo que faz o mapeamento de diversos assuntos, como crescimento populacional, resultados de eleições, incidência da criminalidade e educação, servindo de ferramenta aos jornalistas para a produção de reportagens. Ele integra o projeto internacional “Mapeamento dos meios de comunicação nas Américas”, que busca investigar a relação entre democracia e meios de comunicação no Canadá e 11 países da América Latina. Todos os mapas podem ser reproduzidos para fins jornalísticos, desde que citada a fonte. Há versões em alta resolução disponíveis para download (<http://mediamapbrasil.org.br/index.php>).

distinguindo-se essencialmente dos topográficos, por representarem fenômenos de qualquer natureza, geograficamente distribuídos na superfície terrestre.

Os fenômenos podem ser tanto de natureza física - por exemplo, a média anual de temperatura ou precipitação em uma área -, de natureza abstrata, humana ou de outra característica qualquer, tal como a taxa de desenvolvimento, indicadores sociais, perfil de uma população segundo variáveis tais como sexo, cor e idade, dentre outros.

Cada mapa possui um objetivo específico, de acordo com os propósitos de sua elaboração, por isso, existem diferentes tipos de mapas. O mapa temático deve cumprir sua função, ou seja, dizer *o quê, onde e como ocorre* determinado fenômeno, utilizando símbolos gráficos (signos) especialmente planejados para facilitar a compreensão de diferenças, semelhanças e possibilitar a visualização de correlações pelo usuário. O fato de mapas temáticos não possuírem uma herança histórica de convenções fixas, a exemplo dos topográficos, se deve às variações temáticas e aos aspectos da realidade que representam, sendo necessárias adaptações diferenciadas a cada situação.

Nas explanações de Archela e Thèry (2008), encontramos o caminho para a representação de nossa pesquisa, principalmente quando afirmam que

para representar os diversos temas é preciso recorrer a uma simbologia específica que, aplicada aos modos de implantação - pontual, linear ou zonal -, aumentam a eficácia no fornecimento da informação. As regras dessa simbologia pertencem ao domínio da semiologia gráfica.

A semiologia gráfica está ao mesmo tempo ligada às diversas teorias das formas e de sua representação e às teorias da informação.

Aplicada à cartografia, ela permite avaliar as vantagens e os limites da percepção empregada na simbologia cartográfica e, portanto, formular as regras de uma utilização racional da linguagem cartográfica, reconhecida atualmente, como a gramática da linguagem gráfica, na qual a unidade linguística é o signo. Dessa forma, os signos são construídos basicamente, com a variação visual de forma, tamanho, orientação, cor, valor e granulação para representar fenômenos qualitativos, ordenados ou quantitativos nos modos de implantação pontual, linear ou zonal. (Archela e Thèry, 2008: §12).

Todo o mapa deverá ter uma legenda, que deverá ser organizada de acordo com a relação existente entre os dados utilizando as variáveis visuais que representem exatamente as mesmas relações, ou seja, essa relação poderá ser qualitativa, ordenada ou quantitativa. “Na construção da legenda, após identificar a variável visual mais adequada ao tipo de informação que se quer representar, e seu respectivo modo de implantação, acontece a transcrição da linguagem escrita para a gráfica”, escreve

Archela (1999). Dessa forma, as relações entre os dados e sua respectiva representação, são pontos de partida na caracterização da linguagem cartográfica.

Archela e Thèry ainda acrescentam:

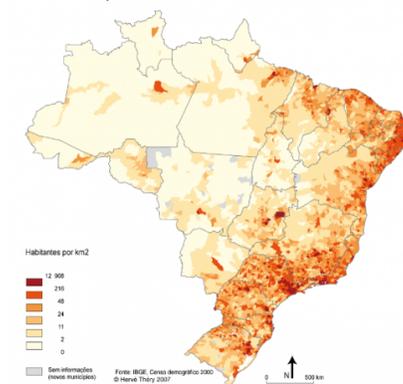
Para que o processo de comunicação entre o construtor do mapa e o usuário – leitor do mapa – se estabeleça, os seguintes princípios jamais poderão ser ignorados:

- *Um fenômeno se traduz por um só sinal. Exemplo: arroz, feijão e milho. Não apresenta quantidade e nem ordem. A informação nesse caso é qualitativa e a variável visual mais adequada para sua representação é a forma ou a cor (matiz).*
- *Uma ordem se traduz somente por uma ordem. Exemplo: densidades, hierarquias e sequências ordenadas, ou seja, quando a informação quantitativa é ordenada em classes e a variável visual mais adequada é o valor (monocromia). Nesses casos, não se deve utilizar a variável visual tamanho porque não é possível diferenciar quanto vale cada ponto dentro da classe estabelecida.*
- *Variações quantitativas se traduzem somente pela variável visual tamanho (2008: §16).*

2.2. Simbologia e legenda

No caso da nossa investigação, os mapas deverão apresentar fenômenos, ou seja, os fatos são representados em classes visualmente dispostos e utilizam a variável forma (o objeto livro) na implantação zonal.

Densidade de povoamento



Os mapas coropléticos (conforme a ilustração ao lado, a respeito da densidade de povoamento no Brasil) são elaborados com dados quantitativos e apresentam sua legenda ordenada em classes conforme as regras próprias de utilização da variável visual, valor por meio de tonalidades de cores. Uma sequência ordenada de cores que aumentam de intensidade podem indicar a sequência de valores apresentados nas classes estabelecidas. Os

mapas no modo de implantação zonal são, assim, os mais adequados para representar distribuições espaciais de dados que se refiram às áreas.

No intuito de, divulgando os espaços plenos e os vazios de incentivo à leitura, tanto da parte de organismos governamentais quanto de entidades não-governamentais, e fazer coincidir essa divulgação com o ano em que se comemora o cinquentenário de Brasília, agilizamos a pesquisa de campo.

Um aspecto que nos preocupou inicialmente foi a escala em que trabalharíamos. É de domínio técnico que a escala do mapa é um fator de aproximação do terreno e possui significado científico. No plano da pesquisa e do levantamento de campo, a escala determina o nível de detalhe em função do espaço a ser mapeado; no estágio da redação, a escala é a condição da precisão, da legibilidade, da boa apresentação e da eficiência do mapa.

A escala é, portanto, um meio de enfocar objetos da realidade conforme as diversas ordens de grandeza, desde as que se medem em milhares de quilômetros até as que não ultrapassam alguns metros. Daí decorre a importância fundamental da escala para a cartografia, uma vez que todos os tipos de representação cartográfica e todos os procedimentos cartográficos dependem estritamente dela.

3. CRÔNICAS DE ANDANÇAS⁷¹:



Caminhar sempre, apesar da poeira.

Edna Freitas

Desmitificações e deslumbramentos

Por onde começar a pesquisa de campo, as Andanças⁷²? Os caminhos, nem sempre planos do Planalto Central, levarão à realidade nesta missão de construir o mapa

⁷¹ Nesta parte, permito-me mudar as modulações discursivas e, deixando à margem a linguagem denotativa e comedida, passo a registrar os encontros e desencantos, bem como as repercussões subjetivas enfrentadas na coleta dos dados acerca de leitura.

⁷² As andanças foram planejadas e executadas conforme o cronograma abaixo:

ORDEM	DATA	ANDANÇAS
1.	27.07.2009	MEC – Ministério da Educação
2.	28.07.2009	Codeplan - Companhia de Desenvolvimento do DF
3.	30.07.2009	MinC – Ministério da Cultura
4.	30.07.2009	Secretaria de Cultura do GDF e Secretaria de Educação do GDF
5.	31.08.2009	IES – Instituições de Ensino Superior
6.	31.08.2009	Escolas Públicas e Particulares
7.	09.09.2009	OEI – Org dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura.
8.	10.09.2009	Projeto Roedores de Livros (Iniciativa Não-Governamental)
9.	11.09.2009	Parada de Ônibus Cultural T-BONE (Iniciativa Não-Governamental)
10.	11.09.2009	Centro de Desenvolvimento Comunitário-CDC/ACM (Iniciativa Não-Governamental)
11.	18.09.2009	Projeto TRA-LÁ-LÁ (Iniciativa Não-Governamental)
12.	19.09.2009	La Bella Cultural (Iniciativa Não-Governamental)
13.	07.10.2009	Fórum Nacional mais livro e mais leitura nos Estados e Municípios
14.	12.10.2009	Escolas Particulares
15.	13.10.2009	Iniciativas não-governamentais
16.	14.10.2009	Seminário Dia e Semana Nacional da Leitura
17.	14.10.2009	Jairo Zelaya Leite - agente da Mala do Livro (Iniciativa Não-Governamental)
18.	18.10.2009	Israel Ângelo - agente de leitura da Mala do Livro (Iniciativa Não-Governamental)
19.	21.10.2009	III Fórum Brasília, Capital das Leituras
20.	22.10.2009	Seminário Internacional França - Brasil de Bibliotecas Públicas
21.	22.10.2009	Boneca BELA APARECIDA (Iniciativa Não-Governamental)
22.	22.10.2009	Eu sou Comunidade Consciente (Iniciativa Não-Governamental)
23.	23.10.2009	Antônio – Cultura no Ônibus (Iniciativa Não-Governamental)
24.	27.10.2009	Mesa Redonda: Brasília e literatura – diálogo com escritores: O quarteto de João Almino.
25.	2010	II Conferência Nacional de Cultura - CNC

dos polos irradiadores de leitura do Distrito Federal. Desejo fazê-lo e, no intuito de atingir essa meta, tracei o roteiro dos organismos governamentais e não-governamentais a serem visitados ou contatados.

Sei que tudo pode acontecer e muitas novidades surgirão ao longo do percurso. Pensando na probabilidade de receber “não”, decidi anotar as impressões e recolher, tão fielmente quanto possível, as imagens deixadas pelos representantes de cada organismo, seja através de uma visita, de um encontro temático ou até mesmo via contato telefônico ou eletrônico.

Imagino que todo movimento será uma história a contar em um processo de um relato puxar outro, e ainda não sei onde vou chegar ou como esta rede vai terminar. Em 31.12.2009, releio o que tenho em mãos, dando por concluído o prazo para a coleta de dados. Então, começo este texto pelo que o meu olhar captou ao longo dessas Andanças.

3.1 Andanças em busca das fontes

Sendo o ponto de partida o Programa de Pós-Graduação em Literatura da UnB, iniciei minhas andanças pelos órgãos oficiais, tendo no MEC meu primeiro contato, em busca das fontes governamentais para obter informações a respeito da Rede de Ensino Superior⁷³.

Em seguida, estabeleci contato com os seguintes organismos: Companhia de Desenvolvimento do DF – Codeplan, onde eu saberia a respeito de mapas; Secretaria de Educação do DF, para obter informações das escolas públicas e particulares de Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio. Para colher dados acerca de iniciativas não-governamentais de incentivo à leitura, fui ao Ministério da Cultura – MinC, Secretaria de Cultura do DF e Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura – OEI. Nessas caminhadas, minhas leituras foram de relevância para a consolidação dos dados desta pesquisa.

⁷³ Nesse momento é conveniente reforçar que a idéia original da pesquisa era mapear exclusivamente as iniciativas não-governamentais dedicadas à leitura, para situá-las no mapa cultural. Todavia, sendo tais iniciativas o *corpus* da pesquisa, julguei necessário contextualizá-lo, dentro do **universo** abrangido, ou seja, situar as iniciativas não-governamentais na conjuntura dos organismos governamentais. Por isso, parti das instituições oficiais – das quais se espera obter registros de todo o panorama dos organismos oficiais de pesquisa, ensino e extensão – para, em um segundo momento, situar e caracterizar os polos não-governamentais.

3.1.1. Ministério da Educação - MEC⁷⁴

Após visitas ao site do MEC estabeleci contato via correio eletrônico, com a Central de Atendimento da Secretaria de Educação Superior – SESu⁷⁵, falei do Mapa Cultural, pedi a relação das Instituições de Ensino Superior - IES existentes no Distrito Federal e antecipei que, se fosse o caso, eu poderia fazer uma visita para conversar a respeito da minha pesquisa com a pessoa indicada pela SESu. Em resposta, recebi o endereço eletrônico onde obter tais informações.

2009/7/29 Atendimento Seseu <AtendimentoSeseu@mec.gov.br>

Senhora Edna, Em resposta ao e-mail encaminhado à Central de Atendimento da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação, informamos a V. Sa. que o MEC disponibilizou um portal para consulta dos usuários, acesse <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br>, onde se pode pesquisar por busca de curso e instituição com seus dados, verificando-se a real situação do curso de graduação ou sequencial (2 anos) e também conceito dos cursos já avaliados, assim como seus respectivos atos autorizativos. Se o site estiver fora do ar, tente mais tarde.

Atenciosamente, MEC/SESu/DESUP/COC - INBOX XIII

O MEC, “atenciosamente”, respondeu-me com o endereço do site e recomendou que, no caso de o mesmo estar fora do ar, eu tentasse o contato mais tarde. Confesso que esta primeira resposta “educadamente fria” causou-me estranhamento.

3.1.2. Companhia de Desenvolvimento do DF - Codeplan⁷⁶

Ainda em busca de fontes, saí por volta de 8h40min da cidade de Sobradinho, onde resido, com destino ao Plano Piloto de Brasília, onde fica a Companhia de Desenvolvimento do Distrito Federal - Codeplan. Anteriormente, por intermédio de telefone, havia contatado uma ex-funcionária da Codeplan, acerca do setor onde poderia conversar a respeito de mapas, especialmente, do Distrito Federal, e o horário de funcionamento do referido setor. Ela estabeleceu contato com a companhia e me retornou com as informações solicitadas: na Codeplan, deveria procurar o setor de Mapoteca.

⁷⁴ Este contato foi estabelecido em 27.07.2009 com o MEC, Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Edifício Sede, Brasília-DF através de uma mensagem enviada via correio eletrônico e cuja resposta foi enviada pelo SESu, também, via correio eletrônico.

⁷⁵ SESu – Unidade do MEC responsável por planejar, orientar e supervisionar o processo de formulação e implementação da Política Nacional de Educação Superior.

⁷⁶ Este contato foi estabelecido em 28.07.2009, através de uma visita feita ao setor Mapoteca. Codeplan: SAIN, Bloco H, Edifício Sede da Codeplan, Plano Piloto.

Nesse setor, trabalham 4 pessoas. Duas pela manhã e duas à tarde. Nesse dia, às 9h30min, nenhum servidor se encontrava para me atender. Um não tinha comparecido; o outro, ido ao médico. A recepcionista da Codeplan me deu o celular do funcionário ausente e me orientou a ligar para ele, conforme recado deixado pelo servidor, no caso de aparecer alguém com necessidade de ir até a Mapoteca. Em uma rápida leitura da situação visualizada, achei melhor não ligar e optei por esperar.

De tanto esperar em vão, recorri ao setor de recursos humanos, onde obtive esclarecimentos acerca do funcionamento da Mapoteca. A atendente desse setor ligou para o funcionário ausente, o qual lhe informou que o colega já estava a caminho. Continuei no aguardo. Às 11h48min decidi ir embora e retornar à tarde.

Pelo fato de morar um pouco distante, preferi almoçar ali nas redondezas e esperar o segundo expediente para tratar a questão com a pessoa responsável pela Mapoteca da Codeplan.

Fui lanchar na cantina de um órgão público, ligado à advocacia Geral da União. Nesse prédio, localizei uma biblioteca. Logo pensei: enquanto espero o tempo para voltar a Codeplan, ficarei na biblioteca, confortavelmente, lendo. Olhei os livros que poderiam me interessar e também algumas revistas. Logo observei que não existiam cadeiras no espaço; apenas prateleiras com os livros dispostos para consulta. Dirigi-me à recepção da biblioteca, e a pessoa disse-me que os funcionários iam até a biblioteca, pegavam os livros e a leitura era feita no local de trabalho. Assim, simplesmente assim: sem cadeiras; sem um espaço de boas-vindas a quem chega por lá. O público externo apenas olha, folheia e vai embora. De pé.

Interiormente, questiono-me: e eu, que sou público externo? Não tenho onde me sentar enquanto faço a consulta? Já estou cansada de tanto esperar e prefiro não fazer mais perguntas. Deixo o livro; sento-me numa cadeira do lado de fora da biblioteca. Enquanto espero, faço minhas anotações, cujos dados recupero neste relatório.

Retornei a Codeplan por volta de 14h 30min e fui atendida por uma pessoa que estava na Mapoteca. Depois de alguns instantes, percebi algo estranho: a pessoa demonstrou não conhecer muito bem as atividades daquela área. Então, perguntei há quanto tempo ela estava ali. Disse-me que era estagiário, e o funcionário que, de fato, conhecia o trabalho, estava em férias

Após, o estagiário ouvir o motivo de minha visita, prontamente anotou em um papel o endereço do site da Codeplan no qual eu poderia visualizar os mapas desejados. Confesso que saí tristemente cansada: um dia inteiro e quase nada consegui. Será que fiz a viagem para receber o endereço do site desse órgão? Penso que tenho muito a aprender nesse caminhar.

Além da Codeplan, fiz tentativas em outras fontes, sem sucesso. Por fim, colhi parte das informações desejadas às quais imprimi em uma gráfica. Nesta pesquisa, ainda que alguns informes estejam disponibilizados na internet, é meu propósito ir até a fonte para obter dados confiáveis. O site está ali, constato isso. Preocupa-me saber se as notícias, de fato, estão atualizadas. Na consulta às fontes, desejo fazer, além da leitura dos dados, a leitura humana de quem trabalha no local.

O MEC aconselhou-me a consultar o site, sem demonstrar nenhum interesse em que eu fosse até lá. A Codeplan, da mesma forma, indicou-me o site. Desconfio de que esta pesquisa resultará em um grande mapa da armação tecnológica que suporta a leitura da literatura no DF.

3.1.3. Ministério da Cultura - MinC⁷⁷

Continuando os contatos iniciais, enviei correio eletrônico ao MinC, destinado à Coordenação Geral do Livro e Leitura – CGLL - onde funciona o Programa Pontos de Leitura. No correio eletrônico, falei do meu projeto e da necessidade de obter uma relação dos locais de leitura existentes no DF. Concomitantemente, fiz conexão telefônica e falei com a secretária da CGLL, desejando agendar um encontro com a Coordenação.

Tão logo cheguei ao Ponto de Leitura, identifiquei-me à secretária. No *hall* de entrada, vinha uma pessoa simpática em nossa direção. Era a pessoa titular da CGLL, que me foi apresentada pela secretária. Gentilmente, a coordenadora me indicou a responsável pelo Blog Biblioteca Viva. Rapidamente, essa servidora anotou, em um pedaço de papel o endereço do site onde, em casa, eu poderia acessar as informações desejadas. Ali mesmo, no *hall* de entrada, fui recebida e despedida. Foi assim,

⁷⁷ Contato estabelecido em 30.07.2009, no MinC, Ponto de Leitura, localizado no SBS, Edifício Elcy Meireles, 2º subsolo.

tecnologicamente rápido, o meu encontro com as vozes representantes do Ponto de Leitura do MinC.

Toda a conversa aconteceu em pé, por cerca de quinze minutos. A coordenação do CGLL, delicadamente, informou-me que ali não atendiam o público. Eu, também, delicadamente, lembrei-lhe que havia agendado a visita, previamente. Com isso, ela sorriu, um pouco sem jeito, e deixou sair um “tudo bem”, significando “pode falar, então”.

Um garçom se aproximou de nós com uma bandeja de café. Serviu primeiro a coordenadora; em seguida, passou com a xícara por mim e serviu a responsável pelo Blog da Biblioteca Viva. Após, perguntou-me: *você quer?* Agradei o café e disse que aceitaria água. Ele me informou que no final do corredor havia um bebedouro, pelo que agradei.

Percebo que o Ponto de Leitura está com pressa. E para confirmar essa minha observação, insinuei fazer um teste e perguntei se poderia, eu mesma, ainda ali, tentar localizar as informações e, no caso de alguma dificuldade, já resolveria o impasse. Pela demora da resposta e pela passividade da Biblioteca Viva, adiantei-me e disse que faria a pesquisa em casa. Felicidade geral no recinto. Despedimo-nos. Como vai a leitura? Na mídia, vai muito bem. Leitura está na moda.

3.1.4. Secretaria de Cultura do Distrito Federal ⁷⁸

Continuando em busca das fontes, ao sair do encontro do MinC, segui para a Secretaria de Cultura do DF. Adotei a mesma postura aplicada ao MinC: correio eletrônico e, concomitantemente, contato telefônico. Foi agendada uma conversa com a Coordenadora de Bibliotecas que, ao me ver, convidou-me para sentar. Disse-me que tinha havido um imprevisto e que nosso encontro seria transferido para outro dia. Mas, percebendo que eu não tivera conhecimento do imprevisto, recebeu-me: *vamos torcer para não confirmarem a reunião e assim teremos mais tempo para conversar a respeito do seu projeto de mestrado.*

Tomando conhecimento de que eu precisava de uma relação das iniciativas de incentivo à leitura, prontificou-se a me enviar, posteriormente, via correio eletrônico,

⁷⁸ Estabeleci contato em 30.07.2009, através de uma visita. A Secretaria de Cultura está localizada no SCN - anexo do Teatro Nacional de Brasília.

uma listagem, porque a Secretaria de Cultura ainda não tinha disponibilizado na internet as informações de iniciativas de leitura no DF.

Saí de lá sabendo o que é a Mala do Livro e como esse programa de incentivo à leitura tem proporcionado mudanças no entorno do DF. Essa representante me transmitiu entusiasmo humano, e não tecnológico, pelo que faz.

Nosso encontro foram instantes de leituras. Ela quis saber o que seria o Mapa Cultural e após, combinou de, no final da pesquisa, termos um novo contato; demonstrou interesse por esta pesquisa, dizendo ser muito importante para a leitura.

O Minc, com uma tecnologia de ponta, recebe-me de pé e demonstrando que tem pressa. No coração do livro e da leitura, eu, leitora, não me sinto acolhida. São simpáticas, cordiais. Nada mais além disso. A Secretaria de Cultura do DF, com uma tecnologia que ainda está engatinhando, tem a sorte de ter por representantes do livro e da leitura, Marmenha e Maria José, cidadãs com um coração aberto; pessoas que “vestem a camisa” do projeto Mala do Livro.

A representante da leitura na Secretaria de Cultura é funcionária concursada, bibliotecária e gosta do que faz. A representante da leitura no MinC é funcionária concursada? É bibliotecária? Gosta do que faz? Ainda creio que o diferencial é a pessoa ter uma história, um comprometimento com as atribuições do cargo que está sob sua responsabilidade. Faz-se necessário se ter em mente que, naquele espaço no MinC ou na Secretaria de Cultura, a profissional é a voz que fala pelo órgão público, representando a ideologia da instituição.

3.1.5. Secretaria de Educação do Distrito Federal⁷⁹

Após mais de um mês de caminhadas, além de continuar enviando correspondência para obter dados para a construção do mapa, começo a pensar que as representações oficiais governamentais preferem mesmo é que a comunicação seja estabelecida através da internet e que, se a mesma estiver fora do ar, como me disse o MEC, eu tente novamente mais tarde.

⁷⁹ Estabeleci contato com esta secretaria, indo diretamente ao site; posteriormente, confirmei as informações com uma servidora que, prontamente, me atendeu ao telefone. A Secretaria de Educação está localizada no Anexo do Palácio do Buriti, 9º andar, Brasília-DF.

De tanto as vozes anteriores me apontarem como forma de comunicação o site, fui ao portal da Secretaria de Educação do DF. Tudo o que eu precisava estava lá. Os contatos e a relação de todas as escolas, por Diretorias Regionais de Ensino – DRE⁸⁰, estavam com atualizações recentes.

Mesmo assim, telefonei a uma servidora da Secretaria de Educação, no sentido de que ela me confirmasse aqueles contatos, tendo em vista que é importante o envio de correspondência com o nome do atual dirigente de cada órgão. Ela confirmou os nomes e os contatos eletrônicos e telefônicos dos dirigentes das 14 regionais de ensino. As informações das escolas particulares foram obtidas no mesmo local. De maneira quase totalmente eletrônica, estabeleci contato com a rede de ensino público e particular do DF.

3.1.6. Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura - OEI⁸¹

Depois de uma troca de correios eletrônicos receptivos, agendei dia e hora para falar com a gerente de projetos da OEI. Conversamos um pouco acerca do Mapa Cultural e ela ficou visivelmente feliz com a proposta. Após, conduziu-me à sala de leitura e me mostrou onde, na rede interna de computadores, eu poderia fazer a pesquisa das iniciativas. Ela me falou das ações da OEI no universo da leitura e de como as informações a respeito dessas ações estavam disponibilizadas ao público.

Fiquei sozinha na sala, por algum tempo, fazendo minha pesquisa. As iniciativas de leitura cadastradas na OEI integravam também a Mala do Livro e a Biblioteca Viva, do MinC. Assim, foi de bastante valia, pois observei que os focos de leitura são conhecidos e reconhecidos pelos órgãos superiores.

Foi importante testemunhar a forma receptiva com a qual a voz representante da OEI recebeu o meu projeto. Certamente tal impressão se deva ao fato de haver ressonâncias dessa pesquisa com os objetivos da OEI, dentre eles o prêmio VivaLeitura.

⁸⁰ As 14 Diretorias Regionais de Ensino da Rede Pública do DF são: Brazlândia, Ceilândia, Gama, Guará, Núcleo Bandeirante, Paranoá, Planaltina, Plano Piloto e Cruzeiro, Recanto das Emas, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Sobradinho e Taguatinga

⁸¹ Contato estabelecido em 09.09.2009 através de uma visita a OEI onde fui recepcionada pela Gerentes de Projetos.

3.2. Andanças pelos órgãos oficiais de educação superior⁸²

Acreditei que por serem instituições de ensino superior, faculdades, universidades, institutos, centro de ensino, teriam, cada um dentro de sua especificidade, envolvimento com a questão da leitura, por ela ser o substrato de qualquer atividade humana. No site do MEC/INEP⁸³, localizei um total de 76 dessas instituições. Portanto, em 31.08.2009 foram enviadas às IES, via correios, 76 cartas, cada uma acompanhada de um questionário (conforme anexo).

Depois de um longo silêncio, sem que nenhuma IES desse qualquer tipo de resposta, algumas cartas foram devolvidas pelos correios em decorrência do endereço constante no site do MEC estar desatualizado. Nesse caso, pesquisei a nova localização na internet ou telefonei para a instituição e reencaminhei a carta.

Do total de 76 IES, somente três estabeleceram algum tipo de contato para sanar dúvidas ou até mesmo para devolver a correspondência enviada. Elas são as seguir relacionadas.

3.2.1. Faculdade SENAC-DF⁸⁴

Conforme colocação da secretária através de contato telefônico, o Senac-DF não entendeu exatamente o que a correspondência solicitava. Expliquei que o questionário tinha o objetivo de identificar as instituições que são polos de irradiação de leitura no DF.

Após a explicação, a secretária entendeu o propósito do que a correspondência solicitava e ficou de me enviar o questionário respondido. Isso não ocorreu até a presente data.

3.2.2. Faculdade do Meio Ambiente e de Tecnologia de Negócios - FAMATEC⁸⁵

⁸² Contato estabelecido em 31.08.2009 através de consulta eletrônica feita ao MEC (<http://www.mec.gov.br>).

⁸³ <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br>

⁸⁴ SEUP Sul, EQS 703/903, lote A, Brasília-DF

⁸⁵ SIA, trecho 2, lotes 1510, Guará-DF.

Nessa instituição uma funcionária me telefonou se apresentando como “secretária acadêmica” da FAMATEC, acusando o recebimento da correspondência e do questionário. Foi objetiva:

Edna, aqui é uma instituição de ensino superior, é uma faculdade; acho que esse “assunto” não se enquadra aqui.

Com muito jeito, conversei com ela; após minhas considerações, disse-me que a faculdade tem uma biblioteca e transferiu-me para a bibliotecária. Fui muito bem atendida pela bibliotecária. Reenviei a carta e o questionário via e-mail. O questionário não foi respondido até o final de 2009.

A primeira impressão é a de que leitura deixou, e não se sabe desde quando, de ser uma atividade intelectual, necessária, produtiva e passou a ser um “assunto”. Está claro que a palavra “leitura”, quando citada, para algumas pessoas, mais parece brasa. Parece que queima, arranha.

Sinto dificuldade na recepção do questionário. Falta disposição em ajudar, colaborar. Percebo que esta será uma pesquisa pública solitária. Dependerá muito de mim, de meu esforço, caso eu queira mesmo ter um produto final.

3.2.3. Universidade de Brasília – UnB⁸⁶

Após envio da correspondência via correios e também via correio eletrônico, em 09.09.2009, a UnB me encaminhou um e-mail com a mensagem-resposta abaixo:

2009/9/8

Sra. Edna,

A despeito das perguntas da coleta de dados não se vincularem a Universidade de Brasília, já as respondi e estão a sua disposição no gabinete do Reitor.

Att.

Assessora do Reitor

Li e reli a resposta acima várias vezes. Em atendimento ao disposto na mensagem, fui até a Reitoria da UnB. Ao chegar lá, manifestei interesse em conversar com a assessora do reitor que me encaminhara a mensagem-resposta. Em nossa

⁸⁶ UnB, Campus Darcy Ribeiro, Brasília-DF.

conversa, lembrei-lhe da existência da Biblioteca Central da UnB e de alguns projetos de incentivo à leitura, existentes na universidade, quando, então, ela ficou convencida de que era pertinente a minha solicitação. Considerando as anotações que ela tinha feito na correspondência que eu enviara anteriormente, pediu-me para remeter outra correspondência e o questionário via e-mail. Ela iria encaminhar para a Faculdade de Educação.

Já remeti duas mensagens para a UnB solicitando um posicionamento. Dia 29.10.2009, telefonei. Outra servidora do gabinete atendeu a ligação e disse que a assessora do reitor estava ocupada ao telefone. Pediu-me que deixasse o recado para que, posteriormente, a assessora retornasse a ligação. Até a presente data a UnB nada disso ocorreu.

Penso que a leitura na mídia está muito bem. No discurso, idem. Apesar de uma grande maioria da área educacional ainda não considerar leitura uma ferramenta do cotidiano, ela caminha. Ainda que a representante de uma IES me telefone para dizer que leitura não é o negócio dela, ainda assim, a leitura anda. Aos trancos e barrancos, ela se equilibra. Mesmo ignorada por muitos, ela prossegue.

Confesso que a resposta da UnB foi um sopro de areia em meus olhos. Creio que devemos cuidar da nossa visão e usar lentes protetoras a quem pedimos para nos dar as mãos. Será esse o olhar do reitor atual da UnB? É esse o olhar da UnB a respeito da leitura?

3.3. Andanças pelos órgãos oficiais de educação básica: ensino fundamental e médio

3.3.1. Escolas públicas⁸⁷

Às quatorze Diretorias Regionais de Ensino do DF foi encaminhada uma carta acompanhada de um questionário para cada unidade regional. Não houve

⁸⁷ Em 31.08.2009, estabeleci contato com as 14 Diretorias Regionais de Ensino (Brazlândia, Ceilândia, Gama, Guará, Núcleo Bandeirante, Paranoá, Planaltina, Plano Piloto e Cruzeiro, Recanto das Emas, Samambaia, Santa Maria, São Sebastião, Sobradinho e Taguatinga) da Rede Pública do DF, através do encaminhamento de uma correspondência, via Correios.

correspondência devolvida pelos correios. Depois de algum tempo, algumas DRE começaram a se manifestar.

Das quatorze DRE, seis representantes estabeleceram contato comigo. Dessas seis, apenas três regionais -Ceilândia, Sobradinho e Samambaia- responderam ao questionário. As regionais do Plano Piloto e do Gama enviaram justificativas pelo fato de não poderem atender à solicitação e orientaram a respeito do que eu deveria fazer para obter as informações solicitadas.

Mensagem recebida da Diretoria Regional de Ensino do Plano Piloto:

2009/9/9

Cara Edna,

Em resposta a correspondência enviada a esta DRE sobre Pesquisa LER - Leitura, Ensino e Recepção / Roedores de Livros, informamos que, para a realização do trabalho proposto, faz-se necessário o cumprimento do seguinte roteiro:

Solicitar, pessoalmente, autorização na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais em Educação - EAPE (907 Sul), munida de cópia do projeto de pesquisa e Carta de Apresentação do seu Orientador.

De posse da autorização obtida na EAPE, já se encontrará liberada para proceder à pesquisa diretamente nas instituições escolares.

Caso necessite de informações referentes às instituições a serem pesquisadas (como telefone, endereço, perfil do corpo discente, etc) comparecer à DREPPC/NPM, a fim de colher as referidas informações.

Em caso de dúvidas, colocamo-nos a disposição nos telefones 3901.6076 e 3901.6079.

Núcleo de Monitoramento Pedagógico

DRE PPC

Após receber esse e-mail, fiz contato telefônico com a remetente da mensagem-resposta. Ela reconheceu que a DRE entendeu de forma equivocada a correspondência recebida; havia achado que eu desejava ir às escolas fazer minha pesquisa; daí, as orientações na mensagem enviada. Mesmo após nossa conversa, informou que, para eu obter as informações solicitadas, deveria percorrer as mais de 200 escolas dessa regional.

A DRE-Gama, telefonou e deu as mesmas orientações da DRE-Plano Piloto. Conversei com a servidora, mas percebi que ela não se sentia à vontade para explicar a seus superiores que eu não iria às escolas e queria apenas o preenchimento do questionário. Pedi-lhe que me enviasse as orientações via e-mail. Ainda não recebi.

Insatisfeita com o pequeno número de respostas, dias 12 e 30 de março de 2010, reenviei às 14 DRE, via e-mail, a carta e o questionário. Em uma Regional de Ensino fui pessoalmente apanhar o questionário. Observei como a secretária preencheu de forma prestativa o documento. Não demonstrou interesse pelo que aquela sua tarefa poderia produzir. Julgo que ela leu, mas não entendeu o que estava escrito na carta e que somente se preocupou em preencher, mecanicamente, os campos vazios do questionário.

Comparando com as demais, vale destacar quanta diferença nas vozes dos representantes das Regionais de Samambaia e Ceilândia! E sabemos que são comunidades que vivem em dificuldades econômicas. Nessas regionais, ouvi vozes humanizadas: servidoras empenhadas em colaborar. A Regional de São Sebastião, espontaneamente, distribuiu o questionário para cada uma das 20 escolas. Desse total, quatro fizeram contato comigo. Percebi boa vontade da servidora de uma escola distante. Havia gosto, interesse em me prestar as informações solicitadas. No entanto, não obtive um total da regional de ensino de São Sebastião.

Observo, nas regionais afastadas do Plano Piloto e que enfrentam dificuldades, sócio-econômicas, manifestação maior de interesse e comprometimento com a questão da leitura e a proposta da pesquisa. As servidoras, representantes das escolas, ao me telefonarem, deixavam claro o sentimento de boa vontade no sentido de me fornecer os dados relativos ao tema em questão. Eles representam espaços conscientes da importância de serem identificados como polos de leitura.

3.3.2. Escolas particulares⁸⁸

Para obter a relação das escolas particulares existentes no DF, comecei pelo site do Sindicato de Escolas Particulares - SINEPE. As informações ali disponibilizadas não me satisfizeram, pois não apresentavam o nome completo da escola e o endereço era insuficiente para uma correspondência a ser enviada via correios.

⁸⁸ Em 12.10.2009 estabeleci contato com a Rede de Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) das Escolas Particulares do DF, via correio eletrônico, através do qual foi enviado o questionário, acompanhado da correspondência, explicando o objetivo da pesquisa e solicitando o preenchimento do questionário e que o mesmo fosse devolvido via correio eletrônico, também.

Após, voltei a consultar o site da Secretaria de Educação do DF. Nele, encontrei as informações completas (nome da escola, endereço completo, telefone, e-mail), do total de 428 escolas particulares no DF. Os dados estavam colocados de forma que o visitante logo identificava as informações procuradas.

O silêncio pela ausência de respostas ao questionário enviado às IES me inquietava e, diante disso, surgiu uma pergunta: como construirei o Mapa da Leitura? Se as instituições não me respondiam, seria um mapa de vazios?

Mas a tristeza, o desânimo pelo silêncio das IES e Regionais de Ensino me fizeram refletir e pedir opinião a minha orientadora. Sinal verde. Enviei as 428 cartas e questionários via correio eletrônico.

Após enviar a correspondência a cada escola particular, pensei: agora, resta aguardar, com esperança, o retorno.

No segundo dia, após o envio, recebi a seguinte mensagem-resposta de uma escola de paisagismo:

2009/10/13 <epb@escolapaisagismobrasilia.com.br>

Prezada Sra.

Nosso curso é o de Técnico em Paisagismo, portanto fora de sua área de interesse.

at.

Júlio

“Quanta segura na área de paisagismo!” Pensei.

Nenhuma outra escola se manifestou até a presente data.

3.4. Discursos a respeito de leitura

Por sugestão de minha orientadora, acompanhei os eventos que se realizaram em Brasília no período de julho a dezembro de 2009. As reflexões emanadas de órgãos oficiais passo a relatar, ao lado de informações acerca de outras iniciativas que dinamizam a leitura no DF. Nesses encontros, obtive algumas respostas às questões que inquietavam meu imaginário de leitora-pesquisadora.

3.4.1. Fórum Nacional + LIVRO + LEITURA nos Estados e Municípios⁸⁹



Este fórum aconteceu com o objetivo de promover o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade brasileira, contribuindo para a elevação dos indicadores de leitura entre a população, como condição essencial para o pleno desenvolvimento humano e social. Mais especificamente, visava fomentar a criação de Planos Estaduais e Municipais do Livro e Leitura, mobilizando e assessorando as Prefeituras e Secretarias Estaduais da Educação e Cultura para o desenvolvimento e implantação do Plano, contribuindo para o alcance da meta estabelecida pelo PNLL de “estimular a criação de planos estaduais e municipais de leitura”.

O público presente era constituído, em sua maioria, por Secretários de Cultura dos Estados e de Municípios brasileiros. No primeiro momento, foi apresentada a concepção do programa, as etapas de execução, o foco do plano no desenvolvimento das políticas de livro e leitura e a logística do guia portal. Este guia portal será o canal por onde os agentes poderão consultar o governo federal para tirar dúvidas acerca da execução do plano. Mais uma vez, o discurso do governo será mediado pela internet. No entanto, para humanizar um pouco o processo, serão colocados tutores que, à distância, estarão em contato com esses agentes.

Foi enfatizado pelos expositores governamentais que o grande desafio desse Plano seria convencer governadores e prefeitos da necessidade de implantação em todos os recantos do país. Após as falas de pessoas que integravam a mesa do fórum, foi apresentado um vídeo com a exposição de três projetos de leitura bem sucedidos, idealizados por iniciativas não-governamentais, com o propósito de situar a platéia no tema em questão: promoção da leitura nos Estados e Municípios [grifo acrescentado].

Tão logo terminou a apresentação do vídeo, mãos se levantaram querendo tirar as dúvidas, que eram muitas. Logo no início do espaço para perguntas e respostas, um representante do Sul questionou: se estavam ali tratando da implantação de um plano governamental, por que o governo mostra um vídeo de ações de incentivo à leitura de

⁸⁹ Promovido pelo MinC e MEC, em 07.10.2009, realizado no Centro de Convenções Brasil 21, em Brasília-DF, no horário de 8 às 17h30.

grupos não-governamentais? Chamou a atenção do público presente o tom de reprovação empregado na pergunta. Antes que a mesa de especialistas respondesse à questão do colega, Léo do Peixe, o dinamizador de um dos projetos exposto no vídeo, pediu a palavra e procurou responder ao colega. Bravamente, fez a defesa:

colega, do alto dos meus 1,70 de altura, estou me sentindo bem pequenininho diante de sua colocação, tendo em vista o orgulho que sinto do meu projeto e o quanto ele me custa em termos de dedicação junto a minha comunidade de pescadores, lá no Estado da Bahia. Saiba o colega que estas ações mostram o que a comunidade brasileira está fazendo e o que o governo, neste encontro de hoje, pode começar a fazer pela leitura no Brasil.

A fala de Léo estava carregada de emoção. Ao término, foi aplaudido em pé. O colega do sul, nada mais falou. Os questionamentos esquentaram. Logo chegou o tempo de intervalo para o almoço, e as discussões foram para os bastidores. Os representantes governamentais conseguiram explicar de forma clara os objetivos do Plano + Livro + Leitura e a forma de funcionamento. Reconheceram a dificuldade que muitos encontrariam junto aos prefeitos e demais autoridades quanto à implantação do plano e que essa seria uma das barreiras a ser vencida.

No segundo tempo, a sessão reiniciou com o painel *Leitura, Educação e Cidadania: o poder transformador da leitura*, apresentado pelo professor Affonso Romano de Santana, que falou de sua histórica luta em prol do tema, declarando que, quando estava na engrenagem do governo, presidindo a Biblioteca Nacional (1990-1996), disse a um jornalista: *na administração pública a roda é quadrada, mas mesmo assim temos que fazer a carruagem andar.*

Toda a sua fala foi no sentido de reconhecer que o tempo é agora. Que, mesmo com anos de atraso, o Brasil descobriu a leitura. Que leitura é tecnologia e que essa tecnologia pode fazer com que a roda, que continua quadrada, ande. Mesmo que andemos e paremos, *façamos algo; é o tempo de fazer leitura, de formar leitores.*

Esse fórum aconteceu porque o gigante foi acordado pelo barulho feito pelas formiguinhas (ações de leitura da sociedade civil). É bom perceber que, ainda que tarde, o Brasil, de fato, parece que descobriu a leitura. Há muito que fazer. Os palestrantes, representantes do governo, e o escritor Afonso Romano foram unânimes em dizer que o mais difícil para que esse Plano fosse implantado, era que os presentes conseguissem convencer governadores e prefeitos a implantarem-no em seus estados e municípios.

Eu, pesquisadora, em minha atividade de campo, transitando no topo, no meio e na base da pirâmide, concordo que a roda ainda está mesmo quadrada. Anda e para. Com muito esforço anda um pouco. Reflito que, enquanto não for trabalhado o topo e o fim dessa pirâmide, a roda continuará se movimentando, quadradamente. Minha pesquisa revela essa radiografia. Conversei com instituições de ensino superior, escolas públicas, escolas particulares e nada! Não consegui que a roda se movimentasse com facilidade. A roda parecia mais que travada; faltava-lhe óleo.

O mesmo discurso foi aplicado às iniciativas não-governamentais: precisava saber se elas eram um polo irradiador de leitura. A correspondência e o questionário eram os mesmos. As instituições educacionais públicas e privadas não entenderam, não abriram a porta. O mesmo diálogo foi direcionado às iniciativas não-governamentais, e a resposta foi imediata.

Antes da pesquisa de campo ser aplicada às iniciativas não-governamentais, pelos silêncios advindos das instituições oficiais pensei que o questionário de minha pesquisa estivesse confuso. Lemos e relemos. Nada a alterar.

Decidimos prosseguir nesse caminho, tais quais formigas que, aparentemente silenciosas, fazem barulho. Quando o barulho incomoda positivamente, acontece o Fórum + Livro + Leitura. Que bom que parte da sociedade está fazendo o seu papel, indo até o governo e mostrando a ele como podem trabalhar juntos, ler juntos.

3.4.2. Seminário Dia e Semana Nacional da Leitura⁹⁰



Objetivando promover uma reflexão acerca de propostas para a ampliação do acesso à leitura, por intermédio da integração de ações públicas e privadas, especialistas,

⁹⁰ Realizada nos dias 14 e 15.10.2009, de 9 às 12h30, no Senado Federal, Comissão de Educação, Cultura e Esporte, em Brasília-DF

pesquisadores e representantes de instituições governamentais e não-governamentais apresentaram experiências bem sucedidas de incentivo à leitura a uma platéia de pessoas interessadas no tema.

Neste evento foi mostrado um pouco do que já fora exposto no Fórum Nacional + Livro + Leitura acontecido na semana anterior. Dentre outros, estiveram presentes representantes de experiências bem sucedidas com bibliotecas comunitárias, funcionando em parceria com o poder público, e também as ações da Biblioteca Móvel do Sesc/Senac, projeto de âmbito nacional, que leva o livro até as comunidades mais carentes.

Para encerrar, houve a fala do escritor Bartolomeu Campos de Queirós. Ele avaliou ser muito bom que um seminário desse porte estivesse acontecendo na capital do País, com a exibição de tantas iniciativas de incentivo à leitura que ocorrem em grande parte do território brasileiro. Mencionou leituras em churrascarias, açougues, bibliotecas. Mas enfatizou – categoricamente - que *tudo isso ainda é muito pouco*.

Chamou a atenção para a necessidade de termos uma escola que saiba o que é leitura. Considerou que qualquer pessoa pode ir ao teatro, pode escutar uma música, assistir ao concerto de uma orquestra sinfônica. No entanto, para ler literatura, tem de haver um pré-requisito, que é ser alfabetizado. É nisso que a literatura se diferencia das outras linguagens.

Bartolomeu chamou a atenção do Ministério da Educação para que averigüe os processos de alfabetização, identificando se, em seu conjunto de propostas, o ensino permite que as crianças, ao serem alfabetizadas, tenham condições de serem inseridas no mundo da leitura literária. E, textualmente, afirmou:

Se estivermos considerando como alfabetizado aquele sujeito que sabe tão somente juntar letras, faz-se necessário que a escola prepare o sujeito para a leitura literária que depende de um conhecimento. A leitura não vai acontecer somente com os livros na biblioteca e com a sala de aula cheia de livros. É preciso a presença de um professor leitor.

A leitura literária é diferente das leituras de outras artes: exige uma reflexão do receptor. O leitor literário reflete sobre aquilo que lê e, dessa forma, não pode ser confundido com aquele que lê para o entretenimento somente. Um fator importante é que o texto literário dá voz ao leitor, e cidadão é aquele que possui voz, que fala, que dialoga, que concretiza a obra.

Bartolomeu enfatizou outra questão relevante: a criança, para ter a necessidade de aprender a ler e a escrever, é preciso que a escola lhe diga que ela tem direito a voz, que tem o que dizer. Só se escreve quando se tem o que dizer. É muito difícil querer que uma criança escreva e leia sem garantir-lhe que ela tem voz.

O escritor mineiro, de fala mansa, quis, em outras palavras, dar um sério e básico recado aos especialistas presentes: a leitura é um tema importante, é preciso estarmos atentos, capacitados para lermos além das palavras. Não são suficientes livros e mais livros, projetos e mais projetos, se o sujeito a quem queremos atingir, não tiver a presença de um mediador para lhe mostrar os possíveis caminhos de como entrar no texto e, lá entrando, conseguir dialogar consigo mesmo.

Ouvindo Bartolomeu, eu reflito que os servidores públicos, as pessoas que representam as instituições, quando colocadas para falarem em nome de tais instituições, desconhecem seu papel; não foram preparadas para estar na sala de visita e receber os convidados. Não têm o que dizer.

O poder público precisa, sob pena de a roda continuar quadrada, ler. Conforme referiu Afonso Romano de Santana, por ocasião do Fórum + Livro + Leitura: Ler literariamente, com reflexão. Ser leitor para transformar, vender a idéia, dialogar. Caso contrário, continuará colecionando números de livros. São leitores extensivos. Sem transformação. Leem, sem saber o que estão lendo.

3.4.3. III Fórum Brasília, Capital das Leituras⁹¹



A dinâmica desse evento consistiu em: cada projeto que se dirigia ao palco contava a sua história, sua experiência de leitura. Dentre os projetos presentes ao evento, cito alguns⁹²: Bela Aparecida, Eu sou comunidade consciente, Cultura no ônibus e Luz &

Autor em Braille.

⁹¹ Realizado em 21.10.2009, na Biblioteca Nacional, em Brasília-DF. Fórum organizado e coordenado pela professora Dinorá Couto, que contemplou alguns projetos de leituras atuantes no Distrito Federal.

⁹² Há mais atividades que foram apresentadas, mas citarei apenas as que mais me impressionaram pelo invulgar da situação em que se encontram e pelo contato posterior que mantive com os dinamizadores das iniciativas não-governamentais.

Os projetos que compareceram foram bem representados, conseguindo emocionar a platéia com a espontaneidade das falas de seus participantes, principalmente, porque mostraram, de forma heróica, a luta das iniciativas mais longínquas do Plano Piloto, em prol da leitura.

As apresentações tinham em comum o elemento da inovação como peça principal para fazer tocar o coração adormecido de crianças e adultos.

3.4.4. Seminário Internacional França-Brasil de Bibliotecas Públicas⁹³



O Seminário França-Brasil de Bibliotecas Públicas aconteceu como resultado da parceria dos governos francês e brasileiro no âmbito das comemorações do Ano da França no Brasil, e contou com a organização do MinC - Ministério da Cultura e da Embaixada da França.

O evento reuniu especialistas franceses e brasileiros em redes públicas de bibliotecas, além de bibliotecários e profissionais envolvidos com o setor, promovendo, dessa forma, o intercâmbio entre cidadãos dos dois países, trazendo o olhar dos franceses sobre esse tema.

A França é conhecida por sua larga experiência em montar redes públicas de biblioteca. Vimos um novo modelo de biblioteca muito diferente do que costumamos imaginar. São espaços modernos, iluminados, em que as pessoas sentem vontade de entrar. As atuais redes de biblioteca são locais de promoção do conhecimento, não apenas em livros, mas em mídias variadas. Elas oferecem ao público acesso à informação e à cultura, em de acordo com as novas demandas da era tecnológica.

Pelas vozes dos representantes franceses, percebeu-se que, mesmo com a larga experiência, tanto eles enfrentam problemas de ordem burocrática, quanto os brasileiros, em relação à instalação de bibliotecas. Segundo relato de um dos franceses, os prefeitos nem sempre estão convencidos de ser útil a instalação de uma biblioteca em seu município e, dessa forma, o governo sente dificuldades para poder criar ambientes atrativos a fim de atrair a população. Não é tarefa fácil explicar aos prefeitos para que e a quem serve a biblioteca.

⁹³ Realizado em 22.10.2009, no auditório da Biblioteca Nacional, em Brasília-DF.

Foi apresentada uma biblioteca móvel, itinerante, utilizada na França. Esse sistema leva os livros aos bairros pobres que se sentem excluídos perante os moradores dos prédios bonitos. Num processo inverso, a biblioteca vai aos cidadãos e, aos poucos, a comunidade vai a biblioteca. Com isso, há interação com a comunidade. Os livros transitam, indo ao encontro dos leitores.

Representantes do governo brasileiro mostraram slides de visitas feitas a bibliotecas de outros países como forma de evidenciar que é válido se espelhar nas idéias bem sucedidas. E mais: que o governo objetiva chegar à marca de uma biblioteca para cada município brasileiro até o fim de 2009. Constatou-se que a experiência francesa na área pode ser uma importante aliada nessa empreitada.

Por oportuno, vale salientar que, na apresentação das idéias bem sucedidas de bibliotecas, o governo brasileiro se ateu a mostrar bibliotecas de outros países. O público presente se entreolhou em fisionomias de interrogação: e as nossas bibliotecas? Sabemos que bibliotecas brasileiras funcionam como bibliotecas vivas, como espaços onde o público gosta de ir e de ficar. Ainda bem que logo depois a responsável pela Biblioteca Demonstrativa de Brasília, fez uma apresentação digna de louvor. Falou das atividades que acontecem naquele espaço e demonstrou que consegue oferecer serviços à comunidade em prol da leitura.

O representante do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia – IBICT, lembrou a questão de que as escolas sempre privilegiaram o livro didático em detrimento do livro cultural. Contudo, alertou que estamos rompendo o paradigma do acesso ao livro. Ele destacou a importância de haver jovens pesquisadores, uma vez que o mais comum é ser pesquisador aos 50, 60 anos de idade.

Neste seminário, França e Brasil se irmanaram e trocaram experiências. A França já percorreu um longo caminho na promoção da leitura; e o Brasil, tendo um longo caminho a percorrer, procura contornar os obstáculos e desenvolver políticas públicas no sentido de que consiga caminhar na promoção do conhecimento e, neste momento, desperta para a importância da biblioteca. Buscando exemplos fora, o Brasil tem mostrado um olhar para o desenvolvimento de bibliotecas vivas, espaços onde, de fato, o público compareça e onde goste de ficar. Algumas pessoas desejam que os horários das bibliotecas brasileiras sejam estendidos aos finais de semana.

É gratificante participar desses encontros, pois percebo que nesse caminho de promoção do conhecimento, da leitura, não estou sozinha. Quem está lá na frente, como é o caso da França, ainda procura vencer os obstáculos das instâncias superiores. E nós, neste momento de despertar do poder público para a promoção da leitura, trazendo a biblioteca como um instrumento capaz de facilitar o acesso do livro à maioria da população brasileira, podemos, sim, aprender com quem está lá na frente. Conhecendo as experiências deles, ganharemos tempo.

Temos observado, ainda, que, seja nos seminários, acerca de bibliotecas, seja nas exposições de artes plásticas, e até nas reuniões de pais e de mestres das escolas, nos encontros familiares, faz-se necessária a criação de espaços para a reflexão, para a leitura. Leitura de si mesmo e de livros. E esse exercício, caso não seja possível de dentro pra fora – na família e na escola –, que seja de fora para dentro, nos espaços públicos, nas bibliotecas públicas.

3.4.5. II Conferência Nacional de Cultura – II CNC ⁹⁴

Esta conferência objetivou discutir, aperfeiçoar e formular políticas públicas na área cultural, além de avaliar os resultados da I CNC, acontecida no ano de 2005.

As discussões se desenvolveram a partir de cinco eixos temáticos, a saber: (I) Produção Simbólica e Diversidade Cultural, focado na produção de arte, promoção de diálogos interculturais, formação no campo da cultura e democratização da informação; (II) Cultura, Cidade e Cidadania, voltados às cidades como espaço de produção, intervenção e trocas culturais, garantia de direitos e acesso a bens culturais; (III) Cultura e Desenvolvimento Sustentável, que discute a importância estratégica da cultura no processo de desenvolvimento; (IV) Cultura e Economia Criativa, que aborda a economia como estratégia de desenvolvimento e (V) Gestão e Institucionalidade da Cultura, que visa ao fortalecimento da ação do Estado e da participação social no campo da cultura.

A cerimônia de abertura oficial, em 11 de março, aconteceu no Teatro Nacional de Brasília. Estavam presentes ao evento o Ministro da Cultura, Juca Ferreira, o

⁹⁴ A coleta de dados da pesquisa foi terminada em 31.12.2009, mas não podia deixar de participar e relatar o que foi presenciado na II CNC - Realizada no Centro de Eventos e Convenções Brasil 21, Complexo Cultural Funarte e Teatro Nacional de Brasília, em Brasília-DF, no período de 11 a 14 de março de 2010.

presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva e outros expoentes do governo brasileiro.

O Ministro da Cultura abriu a Conferência dizendo ser preciso constituir uma nação solidária, com cidadãos que buscam novas relações sociais. Neste sentido, a cultura é essencial. Não basta o governo aumentar o poder aquisitivo das pessoas; é necessário, sim, oferecer educação de qualidade. O ministro conseguiu a adesão do público, cantarolando *a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte*. Foi aplaudido pela platéia. Lembrou que somos culturalmente mestiços; que a diversidade cultural é nosso patrimônio.



Destacou que mais de duzentas mil pessoas foram envolvidas para a realização da II CNC, o que mostra a relevância da participação da sociedade na discussão de questões, valorizando a cultura do nosso país.

Enquanto assisti à apresentação do ministro, percorri com o olhar o ambiente e percebi os muitos brasis que estavam no hall do Teatro Nacional: índios, negros, baianas, nordestinos caracterizados com chapéus de couro, hippies, moradores da Amazônia. Cada um e todos, fazendo questão de mostrar sua origem. Todo o conjunto formava um grande espetáculo representado por indivíduos vindos de cada canto do território brasileiro. É o povo e o Estado, num espaço democrático, debatendo uma questão que é a coluna vertebral da sociedade: a cultura.

O ministro chamou atenção para o fato de toda essa diversidade de cores e de formas representar o atual espaço ocupado pela cultura nas agendas políticas, o que, em verdade, foi um avanço. Lembrou a importância do MinC sair às ruas e largar o gabinete. Alertou para o fato de que somente 17% dos brasileiros compram livros e enfatizou que é responsabilidade do Estado assumir as necessidades da população. Mostrou que cultura não combina com silêncio e que devemos fazer barulho, pois todos precisam ser mobilizados para a reflexão crítica da sociedade.

No dia seguinte, a Conferência Magna: Cultura, Diversidade, Cidadania e Desenvolvimento⁹⁵ foi proferida pelo professor Antonio Pinto da Silva Ribeiro, escritor

⁹⁵ As atividades aconteceram no Centro de Eventos e Convenções Brasil 21.



português, para quem a questão da atividade cultural se resolve através da vivência, e não apenas com legislação; que a legislação necessita ser incentivadora. Em um estado democrático, as leis existem para que não ocorram atropelos sociais; devem ser mecanismos facilitadores dos direitos dos cidadãos. *De nada adianta a existência das leis se não houver condições de produção, de informação e educação cultural.* Disse que *é preciso viver isso, democraticamente.*

Abordou a relevância de um trabalho de formação, que possibilite expandir o gosto por manifestações culturais. A formação depende da cidade e da experiência pessoal. Não se deve impor gostos; deve-se incentivar o gosto, sob o ponto de vista da cidadania. Reconheceu que é um grande trabalho a ser feito, porque quando a gente sente prazer no que está lendo, está mais disposto a ler mais e defendeu que se incentive mais leitura, trabalhando isso na escola, na família e, às vezes, contra a televisão: é preciso gerenciar o tempo que o jovem fica diante da televisão e do computador.

Ainda pela manhã, após a Conferência Magna, houve o Painel Integrado dos Eixos Temáticos da Conferência Nacional de Cultura⁹⁶.

Após o tema “Acesso, Acessibilidade e Direitos Culturais”, dirigi-me a Célio Turino e comentei a postura dele ao falar da sua experiência no programa Pontos de

⁹⁶ No Eixo I – Produção Simbólica e Diversidade Cultural – a palestrante Laymert Garcia, professora da Unicamp, falou da escola que congrega todas as artes, que é a “escola de samba” da vida. No Eixo II – Cultura, Cidade e Cidadania – foi palestrante o compositor Chico César, Diretor Executivo da Fundação Cultural de João Pessoa – PB, que destacou o papel da cidade como território dos afetos. Nele vivemos nossa afetividade com o outro, construímos nossa identidade. No Eixo III – Cultura e Desenvolvimento Sustentável – o palestrante Danilo Santos de Miranda, Diretor do SESC/SP, falou da cultura como ferramenta de melhoramento humano. No Eixo IV – Cultura e Economia Criativa – a palestrante Ana Carla Fonseca, professora da FGV/SP, começou salientando a importância de, na atualidade, buscarmos novos símbolos, novos modelos, formar redes. A cultura lembra quem somos e quando se investe em cultura, toda a pirâmide fica de pé: a cultura é um enorme agregador de valores; é um agregador simbólico. Enfatizou uma máxima que diz *se um homem não sabe a que ponto se dirige, nenhum vento lhe será favorável*. No Eixo V – Gestão e Institucionalidade da Cultura – o palestrante Alfredo Manevy, Secretário Executivo do Ministério da Cultura, colocou relevantes pontos em sua fala, entre eles que a diversidade cultural nos anos 70 era vista como uma ameaça; hoje, ao contrário, temos uma mudança de paradigma. Na parte da tarde, aconteceram as Mesas Redondas Simultâneas em que cada Eixo Temático apresentou temas relevantes em seus sub-eixos. Optei por assistir as vozes representativas do Eixo II – Cultura, Cidade e Cidadania – aberta pelo Secretário de Cidadania Cultural do MinC, Célio Turino. Ele dirigiu-se ao público com o tema “Acesso, Acessibilidade e Direitos Culturais” e, em seu olhar, percebo que ele mapeia cada ponto de cultura ali presente, como quem está em casa, entre os seus e também entre gente nova, pronta pra ouvir e aprender com a experiência dele. O olhar dele não foge das pessoas. Isso é uma postura marcante em sua fala.



Cultura, espalhados por todo o Brasil e, de modo especial, o falar dele, se dirigindo ao público, buscando em cada olhar, um Ponto de Cultura vivo. Ele agradeceu a leitura.

Turino diz que a cultura é a potência, a capacidade que temos de representar a realidade. A potência realizadora de cada um

ajuda e proporciona a transformação. Defendeu que fortalecer a autonomia e estimular o protagonismo das comunidades é fator de grandes mudanças. Que esse é um caminho capaz de proporcionar o acesso da população aos bens culturais e não somente promover a capacitação física de equipamentos culturais.

Percebo que Célio Turino e Juca Ferreira têm algo em comum: falam com a alma, com a alegria própria de quem faz o que gosta, ao lado de pessoas que, sem sombras de dúvidas, constroem a identidade deles. De modo particular e de modo coletivo, colaboram na transformação e construção da identidade, da nova identidade de cada brasileiro.

Em seguida, Marta Porto, jornalista e ensaísta, desenvolveu o tema “Memória e Transformação Social”. Marta pontuou a memória como um reservatório de vivências no qual a arte e a cultura se nutrem. Para ela, cabem ao gestor cultural ampliar essa memória e enriquecer o repertório. É preciso apostar na multiplicidade das manifestações simbólicas, para que as experiências possam ser compartilhadas e enriquecidas.

Em 14 de março, aconteceu o encerramento da II CNC. Decido chegar cedo para assistir ao acender das luzes desse palco onde a cultura, com liberdade de expressão, reina, impera. Constato que, nesse encontro, o Brasil transparece sem medos. Vêm-se pessoas comedidas e pessoas sem medidas. O governo abre as portas para um encontro, frente a frente, com os envolvidos em cultura, os representantes dos incluídos e dos excluídos.

Recebi um programa do que aconteceria na cerimônia de encerramento. Meu olhar neste evento está focado na movimentação, no comportamento das pessoas, em suas representações, na forma como elas se expressam, revelam sua cultura, sua realidade. Deixo de lado as estatísticas, os números e fixo-me nas exposições particulares de cada um. Os organizadores, que haviam enviado um programa fechado aos inscritos, não contavam com esta outra programação; ela surgiu naturalmente, do meio do povo, dos brasis ali presentes.

De repente, apareceu um cidadão com uma mala, subiu ao palco, ainda vazio das autoridades culturais oficiais e começou a discursar, juntando gente ao redor, para ouvi-lo. Inúmeras pessoas foram tirar fotos a seu lado. A meu lado, estava uma senhora sentada, quieta. De repente, abre uma sacola e retira de lá uma saia grande e rodada. Veste a saia e coloca uma coroa de penas sobre a cabeça. Foi o suficiente para a magia acontecer. Todos começaram a olhá-la. E ela se juntou ao homem da mala.



Fico impressionada com o poder do símbolo, da caracterização, num ambiente repleto de pessoas formais e dois personagens, fantasiados, conseguem a atenção de todos. Em seguida, juntou-se a eles, o grupo da “rádio conferência”. A rádio conferência, montada em um carrinho, trazia equipamento de som, de que qualquer pessoa se aproximava e mandava recado pra sua cidade natal. A caracterização desses personagens, deu um colorido ao encerramento.

Nesta CNC fui classificada como observadora. Havia delegados, palestrantes, convidados e observadores. Sozinha na multidão, cuidava jeitos e olhares de cada um em suas mais diversas formas. Foi uma possibilidade de me ver nos outros e reconhecer, em mim, o que tenho deles e o que sou neles. Vi o Brasil de todas as cores, das diversidades e também das adversidades. Sem sombra de dúvidas, estivemos diante de um espelho em que a imagem refletida não era outra, senão a nossa brasilidade. Tal imagem nalguns momentos colorida e noutros sombreada; sempre estive ao alcance do olhar, bastando para isso, querer ver, observar.

3.5. Andanças pelas iniciativas não-governamentais de incentivo à leitura⁹⁷

Esta pesquisa começou com as IES, estabelecimentos oficiais de ensino, escolas públicas e particulares, que não eram o foco principal da investigação, mas que serviriam para dar a visão ampla, panorâmica, da realidade. Só após, comecei a pesquisa de campo junto às iniciativas não-governamentais, polo essencial e prioritário da pesquisa.

Tendo em vista o silêncio e a pouca receptividade em responder ao questionário, confesso que tardei um pouco a iniciar a pesquisa de campo junto às iniciativas não-governamentais⁹⁸. Mas, após algumas visitas bem sucedidas a polos de leitura já reconhecidos, organizei o material dos agentes de leitura da Mala do Livro. Enviei questionário para quem tem e-mail e comecei a telefonar aos demais. Iria ligar, estabelecer o contato com cada agente de leitura.

Custou-me acreditar no que começou a acontecer. Eu telefonava e, quando o agente de leitura não estava, deixava recado. Logo depois o agente me retornava a ligação. Estava recebendo retorno. Esse era o diferencial: nesse contexto, o assunto leitura era recebido e reconhecido.

Quem tem a chave, logo reconhece e abre a porta da casa para a leitura. Até então, alguns abriam uma fresta da janela e, de forma rápida, diziam: *esse assunto não é aqui. Aqui é uma faculdade*. Iniciei a pesquisa com o propósito de visitar às 59 iniciativas não-governamentais. Dessas, apenas 6 tinham informado o endereço eletrônico. A essas, enviara correspondência via correio eletrônico. Concomitante, pus-me a fazer os contatos telefônicos. Senti que estava pisando em outro chão: dos espaços de leitores.

⁹⁷ Em 13.10.2009 inicio as Andanças pelas iniciativas não-governamentais.

⁹⁸ Eu deveria usar uma estratégia diferente, pois enviar correspondências – seja via e-mail ou via correios - e obter o mesmo resultado das instituições de ensino superior, escolas públicas e escolas particulares, seria muito triste. Questionei-me reiteradas vezes: Por que tanta indiferença à pesquisa? Receber as correspondências, sei que receberam. Quando a missiva voltava em decorrência da instituição ter mudado de endereço, eu pesquisava o endereço novo e a reencaminhava. Todas as instituições receberam as correspondências e não houve interesse em dar nenhuma resposta. Confesso que senti um pouco de receio de continuar, usando o mesmo método.

Algo estranho começava a se desenhar. A palavra leitura era pronunciada sem nenhuma trava. Deu-se início a uma nova etapa: a etapa da vídeo-conferência telefônica. Eu me identificava como pesquisadora da UnB e, quando dizia o motivo de minha ligação, as portas se abriam.

A conversa começava. Um jogo de pingue-pongue. Com simpatia se prontificavam a colaborar, preenchendo o questionário. Muitas vezes eu perguntava e eles respondiam. E enquanto conversávamos, eu refletia acerca do que ouvia.

A voz do voluntário é diferente: é receptiva, vem direto da emoção. Mencionam muito a palavra leitura. Dão o nome ao ofício. Percebo prazer, em falar. A diferença intelectual entre nós não é nenhum obstáculo para o voluntário transmitir o prazer de trabalhar com a leitura; sempre pensando no outro.

A Mala do Livro é a essência comum às iniciativas de leitura no DF. É o prazer pelo prazer, com toda a sorte de falta de recursos. Maria José – “a alma” deste programa - reanima os agentes de leitura quando as dificuldades aumentam e alguém pensa em fraquejar. Concluo que as pessoas que trabalham com leitura, lá “onde o vento faz a curva”, são pessoas que vivem e reconhecem no ofício do ato de educar, o compromisso de sensibilizar para transformar, por intermédio da leitura.

Ouvindo essas pessoas das iniciativas não-governamentais, percebo que desejo ficar, focar meu trabalho nessas formiguinhas que estão, em silêncio, fazendo uma operação de gigantes. Estão, arduamente, conquistando pessoas e espaços no planalto central do Brasil. Falo e elas entendem; são as forças que estão fazendo o poder público acordar e sentir que é a hora de fazer algo.

Não é por ser moda que o governo tem falado tanto em leitura. É porque o barulho dos agentes chegou ao terreiro e o poder público notou isso. Construir uma nação de leitores é tarefa prioritariamente de competência do governo, mas que está sendo feita, no DF, principalmente, pela sociedade civil.

3.5.1. Roedores de Livros



O programa dos Roedores de Livros nasceu do sonho de uma arte-educadora⁹⁹, atual coordenadora. Desde 2006, temos atuado no âmbito do DF. Começamos nossas atividades no Plano Piloto, de Brasília. Para cobrir a proposta que era oferecer leitura literária a crianças carentes, a coordenadora conseguia, com a ajuda de terceiros, transportar algumas crianças de Ceilândia até o Plano Piloto a fim de que, aos sábados, pudessem participar das atividades preparadas especialmente para elas. Tínhamos o espaço físico no Plano, e nossa matéria prima estava em Ceilândia.

Enquanto as atividades transcorriam no Plano Piloto, foram desenvolvidas reflexões no sentido de que a mudança para Ceilândia seria o ideal; afinal, nossa matéria prima residia lá. E tudo aconteceu como desejado. Conseguimos um espaço físico muito bom na ONG Pró-Gente. Lá atendíamos cerca de 30 crianças aos sábados. Elas crianças chegavam sozinhas, iam porque gostavam de ir. Realizamos um trabalho produtivo naquele espaço. O empréstimo de livros para serem lidos durante a semana tornava ainda mais viva e prazerosa nossa atuação.

Nesse período descobrimos que livros têm asas. O entusiasmo das crianças era tão evidente que elas acabaram por contagiar os familiares e até mesmo os colegas e

⁹⁹ Em se tratando de um sonho que se tornou realidade, tenho a honra e a alegria de ser uma das personagens desse sonho real. Somos voluntários - Ana Paula, Célio Calisto, Tino Freitas e eu - nessa ação social. Trabalhamos de 2ª. a 6ª. em nossas atividades profissionais e, aos sábados, viajamos até Ceilândia, cidade do entorno de Brasília, para oferecer leitura às crianças que não têm o livro como objeto de fácil acesso.

professoras da escola em que estudavam. Nesse percurso, os livros voavam e pousavam nas mãos de outras crianças. Nossos livros não têm anotado na contracapa o endereço para devolução. Dessa forma, descartamos a estatística de que perdemos obras, por motivo de empréstimo. Não perdemos nenhum livro. Nossos livros alados, chegam ao destino deles que é estar nas mãos de alguém para ser lido, sentido e vivido.

Quando estávamos adaptados a nova casa e tudo parecia estar em seus devidos lugares, recebemos no mês de dezembro, a notícia de que deveríamos desocupar o espaço, tendo em vista que a ONG fora vendida para uma universidade particular. Não tivemos nem tempo para comemorarmos o Natal com as crianças. Mais uma mudança¹⁰⁰. Levamos livros e estantes para nossas casas.

Sem casa e sem teto, olhando para o infinito, descobrimos um frondoso pinheiro no pátio de uma creche. Adquirimos um tapete vermelho e recomeçamos nossas atividades, sob o céu e sol de Ceilândia. Em dias de chuva, conseguíamos autorização para utilizar a parte interna da creche. No mais, trabalhávamos embaixo do pinheiro.

Todos os sábados, chegávamos com os livros no bagageiro do carro. O tapete vermelho, os livros e as crianças formavam a trinca perfeita para uma linda história infantil. O mundo mágico sempre começava assim: a gente chegava ao pátio da creche e muitas crianças já nos esperavam no parquinho. Ao ver nosso carro, desciam dos brinquedos e corriam em nossa direção. O bagageiro era aberto. Nele estavam os livros e o tapete.

Cada criança pegava uma caixa de livros, outra pegava o tapete. O tapete era o chão, o piso da casa. Estendido na grama embaixo do pinheiro, o próximo passo seria construir as paredes da casa que eram levantadas com livros. A casa tinha piso, paredes, livros e crianças. O teto era a sombra do pinheiro. As caixas vazias serviam para demarcar a porta de entrada.

¹⁰⁰ Depois de alguns contatos, conseguimos um novo espaço, uma nova casa na Creche Comunitária da Criança, em Ceilândia. Fomos muito bem recebidos pela direção da creche. Depois da limpeza, levamos nossos livros e estantes e, também, nossas crianças. O novo endereço era relativamente perto da ONG. Assim, a maioria das crianças nos acompanhou. Quando tudo parecia correr muito bem, a direção da creche, com muito jeito, nos comunicou que iria precisar da sala que estávamos ocupando. Poderíamos trabalhar no hall de entrada da creche e, quando a área da creche não estivesse ocupada com atividades de fins de semana, poderíamos usar. Mais uma mudança. Levamos livros e estantes para nossas casas, de novo. Durante um bom tempo, o bagageiro do carro era a nossa biblioteca.

Terminada a casa, era chegado o grande momento das crianças: entrarem. Os sapatinhos delas ficavam à entrada. E uma vez dentro, o mundo mágico nos elevava do chão. E o sonho acontecia. Histórias e mais histórias. Esse ritual se repetia todos os sábados¹⁰¹.

Por mais de um ano trabalhamos embaixo do pinheiro amigo que nos deu sombra e calor humano e, para completar, tínhamos o tapete vermelho que seria o testemunho das histórias ouvidas e lidas por nós e pelas crianças. O encanto de nossas atividades era algo comparado a um conto de fadas¹⁰².

E nós mudamos mais uma vez. Começamos 2010 em uma nova casa. Dessa vez, para nossa saudade, mudamos apenas com os livros, as estantes e o tapete. As crianças agora são outras. Já reconhecemos o brilho novo no olhar de novas crianças, nesta nova casa. Temos a certeza de que fizemos um bom trabalho e as sementes plantadas no início de nosso projeto em Ceilândia, hoje estão distribuindo frutos¹⁰³.

3.5.2. Parada Cultural T-Bone¹⁰⁴



¹⁰¹ Concomitante, nosso projeto, entre mudanças, é selecionado como um dos projetos de incentivo a leitura no DF e, com isso, integra a edição especial LEITURA da revista Nova Escola; neste exemplar, estão projetos de mediação de leitura do Brasil inteiro.

¹⁰² Ao longo desses anos de atividades, colocamos nossas ações no blog dos roedores. No final de 2009, Clara Etiene, uma agente de leitura, ao acessar o blog, percebeu que tudo acontecia embaixo de uma árvore. Assim, nos consultou para saber se a razão do nosso trabalho acontecer ali era por não termos uma casa onde ficar. Na verdade, casa nós tínhamos. O pinheiro era a nossa casa. Não tínhamos era um telhado que nos protegesse da chuva. Em decorrência dessa consulta, fomos convidados a desenvolver nosso trabalho em uma comunidade de feirantes. Isso mesmo: no meio do povo. Para isso, a direção da feira popular de Ceilândia nos ofereceu um espaço completo com piso, paredes e telhado. Fomos conhecer o espaço e dele gostamos. Logo fizemos uma campanha entre amigos e angariamos fundos para uma reforma no espaço. Após a pintura, ficou muito bonito.

¹⁰³ Esta é a recompensa de um trabalho voluntário: constatar os resultados esperados, semeados, plantados. Da experiência coletiva e particular nos Roedores de Livros nasceu a idéia deste projeto de mestrado, o problema desta pesquisa. Para isso, surgiu a interrogação: Quem, além dos Roedores de Livros, é polo irradiador de leitura no âmbito do DF?

¹⁰⁴ Em 11.09.2009 visitei e observei as Paradas Culturais do T-Bone, Asa Norte, Brasília-DF.

O Programa da Parada Cultural T-Bone tem reconhecimento nacional e, certamente, já ultrapassou os limites do território brasileiro, tamanha foi a repercussão no tocante a uma idéia singular¹⁰⁵ de incentivo à leitura. Nestas andanças sempre procurei, previamente, combinar dia e hora ao me dirigir para visitar uma iniciativa de leitura. No caso do T-Bone, não foi diferente. Antes que algum representante do programa me indicasse visitar o site, antecipei-me. Ao acessar o domínio eletrônico, vi uma estante muito bem organizada, livros vermelhos, daqueles de coleções, a parada de ônibus limpa e as pessoas, enquanto esperavam o ônibus chegar, usufruíam do alimento que o espaço, criado especialmente para elas, lhes oferecia: a leitura.

Ao
olhar a
fotografia
estampada no
site do T-
Bone, logo
pensei: *em*
Brasília,
temos
bibliotecas a
céu aberto A



fotografia é convidativa a uma parada para o deleite da leitura. Os materiais expostos enchem os olhos de quem é leitor. E se esse leitor mora em Brasília, basta, para isso, pegar um ônibus que circule na avenida W-3 Norte/L2 Norte; em cada parada de ônibus, o passageiro poderá ver a biblioteca a céu aberto.

Anotei o telefone e endereço eletrônico para estabelecer contato com o idealizador do programa. Sem sucessos. Daí, enviei a correspondência e o questionário da pesquisa, via correio eletrônico. Nem um dos canais exibidos no site funcionou.

Particularmente, já me sentia comprometida a ir até a uma das paradas de ônibus para fotografar, com meu olhar, instantes reais do programa. Tendo em vista que não

¹⁰⁵ O projeto – idealizado pelo açougueiro Luiz Amorim – em 2009 foi homenageado com o prêmio VIVA LEITURA, um símbolo relevante para quem trabalha em atividades de motivação ao gosto pela leitura.

obtive resposta do questionário enviado, decidi antecipar-me. Escolhi dois pontos de ônibus bastante movimentados para fazer a pesquisa.

Pela manhã, o trabalho de observação foi realizado nas duas paradas da 712/713 Norte¹⁰⁶. À tarde, fiquei nas paradas da 714/715 Norte¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Em 11.09.2009 - Na parada da 712/713 Norte, no horário de 8h44min até 11h44min_Na parada de ônibus, sentido Asa Norte > Asa Sul, observei o movimento das pessoas enquanto aguardavam a chegada do ônibus. No período de 3 horas, contabilizei 74 pessoas que permaneceram em torno de 25 minutos na parada. Observei atentamente a chegada de cada passageiro. Não considerei aquela que chegava e logo o ônibus aparecia e ela ia embora. Considerei aquela que, de fato, chegou e esperou por um bom tempo, o ônibus que não vinha. Tempo de ir pra lá e pra cá. Tempo para ouvir música e até conversar com alguém que estivesse junto com ela. A maioria dos jovens portava um aparelho de som, ao ouvido. Parecia-me que estavam “longe”. Aproximei-me de um deles e, após algumas repetições da minha pergunta, o jovem retirou o aparelho. E apontando para a estante que se encontrava atrás dele, perguntei qual a sua impressão sobre a estante com livros. Demonstrando certa pressa em me responder para voltar a ouvir a música do aparelho, respondeu-me que normalmente são livros antigos, sem uso. Insisti e perguntei por que as pessoas não se aproximavam da estante, por que não pegavam os livros ali expostos. Respondeu-me que não sabia. Insisti mais um pouco e indaguei se alguma vez ele havia pegado livros da estante, no que ele me respondeu que nunca havia pego; que ele tinha muitos livros em casa. E recolocou o aparelhinho no ouvido. Noutro momento, observei que um senhor “olhou” para a estante e não pegou nada. Outro, chegou, olhou a estante e pegou um livro. Vi que era um livro de metodologia científica. Eu estava sentada no banco e foi possível ver o título do livro. Olhou rápido e logo o devolveu a prateleira. Pelo perfil, arrisquei e perguntei se ele era professor. Disse-me que sim. Pedi a opinião dele acerca do material disponível na estante. Respondeu-me que sempre procura dar uma olhada para verificar se tinha algo que possa ser aproveitado. Normalmente, muita coisa está em desuso. Literatura mesmo, não tem nada. Nada que sirva para a construção pessoal. Tem muitos relatórios antigos. É um acervo doado e a maioria é coisa antiga. Livros que ninguém quer e sem servir mais. Passado algum tempo e vendo que ninguém se aproximava e tão pouco olhava para a estante, afastei-me um pouco e, a uma certa distância, numa banca de revista, fiquei a controlar o movimento das pessoas embaixo da parada e ao redor dela. Depois de algum tempo, vi um senhor “procurando” algo. Parecendo mais uma pessoa em um sebo, olhando tudo o que tem disponível. A postura dele era mesmo de alguém que sabia o que procurava. Aproximei-me. Perguntado, disse-me que estava procurando alguma coisa da área de botânica; mas quase não achava nada; que algumas vezes já achara; quando achava algum livro, depois de ler o que queria, retornava a parada e o devolvia a estante. Por que as pessoas quando olham pra estante, não se arriscam a pegar nada? Perguntei. Respondeu que podia ser o medo de perder o ônibus. E nesse diálogo, uma senhora do outro lado da estante, se aproxima para olhar o pouco de livros que ali estava. Pegou um exemplar, olhou a capa e o devolveu. O título do livro era *Indicadores de desertificação: histórico e perspectivas*. Outros títulos existentes e que observei: *Palestras do X Conaf – 2006, Brasil em Dados – 2005, Revista paraibana de geografia 2000*. Na parada de ônibus que fica em frente a 712/713, sentido Asa Sul > Asa Norte, o movimento era menor. Vi um senhor se aproximar da estante; olhou e, sem pegar nenhum livro, deu as costas pra estante. Enquanto isso, o senhor que buscava um livro de botânica, continuava, tal qual um rato de biblioteca, olhando um a um. E não eram muitos os livros da estante. Ele esperava achar algo, disse-me. Saiu sem levar nada.

¹⁰⁷ Em 11.09.2009 - Na parada da 714/715 Norte, no horário de 12h30min até 15h30min_Nas 3 horas de pesquisa, contabilizei um total de 99 pessoas que estiveram na parada e demoraram em torno de 25 minutos. O acervo da estante era praticamente de relatórios antigos e listas telefônicas. As páginas dos relatórios e das listas telefônicas estavam abertas, largadas sobre a estante; e as páginas soltas, formavam um redemoinho ao redor da parada, provocando um certo barulho, além do aspecto de sujeira. Um jovem se aproxima. Com apenas uma mão pega um livro e olha-o. É um livro de inglês. E logo o devolve a estante. Um adulto folheou uma revista. Ao ver o ônibus se aproximar, devolve a revista a estante. Nesta parada, os jovens também estavam com o aparelhinho ao ouvido, “curtindo um som”. Chegou um senhor e arriscou uma pesquisa. Folheou e devolveu o relatório. Arriscou olhar outro relatório. Saiu sem levar nada. Afastei-me um pouco e sentei-me numa lanchonete bem perto da parada. Ocupei uma mesa de 4 lugares. Chegaram três jovens e tomaram assento. Começaram a jogar dominó. Ao primeiro jovem que estava a meu lado, perguntei se ele já tinha pego algum livro da estante. Disse-me que não tinha pegado nenhum livro, pois já tinha terminado de estudar. Perguntado, respondeu-me que tinha concluído o primeiro grau. O segundo jovem entrou na conversa e enfatizou que ali não tinha livros bons; pra interessar a alguém, era difícil, pois eram exemplares dos anos de 75, 78. Disse-me que uma vez havia pegado uns livros de inglês. O terceiro jovem, falou que esse negócio de livros é só pra sujar as paradas de ônibus; que largam os livros, soltos e muitas vezes, quando o dia amanhece é papel pra todo lado na parada de ônibus.

Pelos relatos anotados por mim, fica evidenciada a necessidade de um mediador para fazer a apresentação da biblioteca da Parada Cultural ao usuário de ônibus, sua razão de existência. É para esse usuário de ônibus que a Parada Cultural existe.

Reflico: temos sede e fome de leitura. E quando não conhecemos o alimento oferecido, é importante ser criado algum tipo de atração. O pão (livros) de aspecto empoeirado, largado, não desperta nenhum sabor, nenhum desejo. É preciso dar um colorido nesse alimento para atrair o leitor de parada de ônibus. Esse que não é um leitor de livros; é um leitor de imagens. É pelo visual que ele será fisgado. O açougueiro Luiz Amorim teve o sonho de servir leitura ao passageiro que espera o ônibus que o levará ao trabalho. Porém, Luiz Amorim colocou os livros na parada de ônibus e foi embora.

Antes, esses livros eram cuidados por ele, em seu açougue. E agora, quem cuida dos livros de Amorim? O frio? O vento? Por enquanto, fica na mídia a imagem da biblioteca que consta no site do T-Bone. Uma biblioteca bem cuidada e que atrai o leitor usuário do transporte coletivo.

Depois de tentarmos contato algumas vezes, por fim, a assessoria de imprensa enviou-nos uma mensagem de resposta, via e-mail, em que informava não estar com tempo para responder ao questionário; que procurássemos agendar dia e hora e o referido documento seria respondido pessoalmente. Seria essa a resposta de Luiz Amorim, o idealizador da Parada Cultural? Acreditamos que não.

Para compensar a tristeza do que vi e do que registrei em fotos, eu soube de outro programa existente no Guará, o La Bella Cultural. Continuei minhas andanças e fui até lá. Com as mesmas características do Parada Cultural, nesse programa, observei o cuidado da idealizadora com os livros e com as estantes. Limpos e organizados. Foi visível perceber que alguém cuida deles. São atrativos aos olhos de quem chega. Trata-se de uma biblioteca a céu aberto. Mas não recebem vento e frio à noite. Alguém cuida dela.

3.5.3. La Bella Cultural

Ao saber da existência desse projeto e da forma como funcionava, fiquei curiosa. Num sábado, saindo de Ceilândia, segui até o Guará II, onde conheci Laura, a idealizadora do La Bella Cultural.



Primeiro, observei o espaço, os livros; após, procurei Laura e quis saber como ela se tornou uma agente voluntária de promoção da leitura. Contou-me que a idéia surgiu das viagens que ela fez a outros países e da forma como a leitura era

disseminada em lugares públicos. Ela tem muitos livros em casa. Depois de algumas reflexões, resolveu colocar uma estante do lado externo da sua locadora de vídeo. Colocou seus livros na estante e os leitores começaram a aparecer.

O inusitado da história é que os livros começaram a aumentar. Quem levava um livro emprestado, muitas vezes acabava trazendo outros. À noite, ela recolhe a estante que dorme nas instalações da locadora. Professores e alunos começaram a frequentar o espaço e as idéias ficaram circulando. Hoje, além dos livros, Laura tem uma relação de contatos eletrônicos de professores e alunos e outros leitores a quem, com frequência, ela envia mensagens informando um bom filme relacionado a uma obra literária. Dessa forma, as relações estão aumentando e se estreitando, por intermédio da leitura de livros. Observo como Laura fala de forma apaixonada a respeito do programa.

Seja rico ou pobre, pela leitura, a pessoa se humaniza. Reconhece, no outro, seu semelhante. É essa reflexão que faço a respeito de Laura. Ela poderia pensar em ganhar dinheiro com tantos livros bons, ou até nem estar com mais essa atividade. Ao contrário, pensou em dividir seu prazer com outras pessoas. Colocou os livros numa bela estante, tudo muito bem cuidado, de forma a atrair o transeunte mais distraído. Quem chega, percebe que alguém cuida daqueles livros, daquele espaço e, em troca, trata os livros com carinho, até arrumando-os na prateleira. Dessa forma, os livros, bem cuidados, estão à espera do próximo leitor que, certamente, não tardará a chegar.



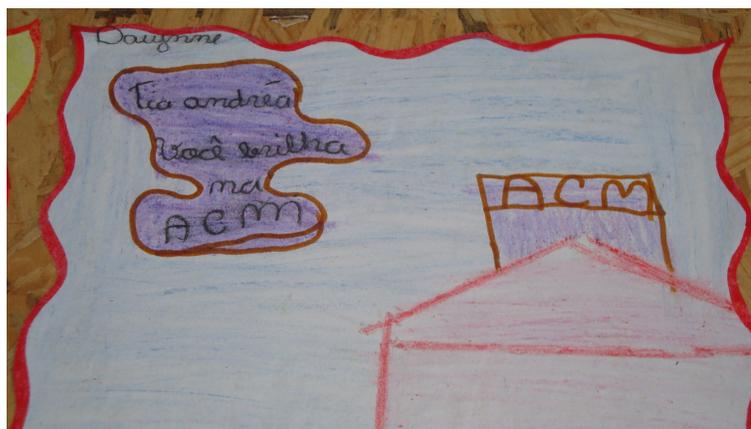
3.5.4. Centro de Desenvolvimento Comunitário – CDC (Associação de Moços de Brasília)¹⁰⁸



O CDC está na lista de agentes literários da Mala do Livro. Antes de me dirigir até lá, fiz contato telefônico, agendando a visita para as 15 horas. Saí cedo de casa, pois eu não conhecia o percurso e era desejo meu permanecer

pontual.

Fui atendida por uma funcionária simpática, mas logo me adiantou que a pessoa responsável pelo centro estava ocupada e que eu poderia deixar o questionário. Sentei-me para pegar o material, e a funcionária de pé, esperando o documento para logo continuar o trabalho dela, pensei. Tentei, estrategicamente, ganhar tempo e, principalmente, ganhar a confiança dela. Expliquei de forma clara e em um volume de voz que fizesse com que eu fosse ouvida por outras pessoas. Minha estratégia funcionou. Da sala ao lado, sai Andréa, a responsável pelo CDC.



Expliquei-lhe novamente acerca do meu projeto e, em especial, o desejo de conhecer as atividades do CDC. Disse-lhe que eu havia pego o contato dela através do programa da Mala do

Livro. A essa altura, Andréa já havia reconhecido, em mim, uma mensageira da leitura; esqueceu o que estava fazendo e ficou comigo. Preenchi o questionário ali mesmo. Após, fui levada, por ela, a conhecer as instalações do centro: a biblioteca e a Mala do

¹⁰⁸ Em 11.09.2009 visitei o CDC, em Sobradinho-DF, fui atendida por Andréa. O CDC é agente de leitura da Mala do Livro.

Livro. Estabeleci contato com as crianças do CDC, alguns professores e pude observar o quanto de cuidados a direção do CDC dispensa à comunidade carente daquela região.

3.5.5. Tra-lá-lá¹⁰⁹



Nestas andanças, as notícias de iniciativas de leitura chegam até mim, de forma muito interessante. A comunidade amiga, ciente de minha pesquisa, ao ver ou se informar de um projeto de incentivo à

leitura, logo cuida de me avisar. Foi assim com o Tra-la-lá. Ao saber que ele se apresentaria no auditório da Vice-Presidência da República, fui até lá.

Dirigi-me à Esplanada dos Ministérios. Transitar naquela área é mesmo uma aventura. É preciso ser um leitor bem humorado para evitar as inconstâncias de trânsito e sobreviver à busca por estacionamento. Fiquei muito distante do prédio onde funciona a Biblioteca da Presidência.

No longo percurso até chegar ao prédio desejado, entre muitos outros, perguntei a várias pessoas onde ficava a biblioteca da Presidência da República e ninguém soube me informar a direção. A leitura desse fato, enquanto eu caminhava, me entristecia. E pensava: incrível, ninguém saber onde fica a biblioteca! Estarei no caminho certo? Será no lado oposto? No entanto, a atendente da biblioteca me havia informado, via telefone, que o prédio onde funcionava a biblioteca ficava atrás do Palácio do Planalto.

Somente a alguns metros da biblioteca, um funcionário me apontou onde ficava a entrada que me levaria ao recinto. Cheguei à recepção, descansei um pouco, observei que havia umas quatro pessoas trabalhando no atendimento. Umas mais a frente e outras mais atrás. Dirigi-me a um jovem e perguntei se ele conhecia o programa Tra-la-lá. Ele pensou e disse-me que não.

Um programa de funcionários voluntários da presidência da República que oferece leitura às comunidades carentes e um jovem, ali, diante de mim, o desconhecia.

¹⁰⁹ Em 18.09.2009 conheci o projeto Tra-la-lá, em uma de suas apresentações; fui recebida pela equipe que o integra.

Fiquei triste. Houve um silêncio, pois todos ouviram minha pergunta. Um dos senhores, que estava mais atrás, disse-me que conhecia, sim. Informei-lhe que, naquele momento, o grupo Tra-la-lá estava se apresentando no auditório, e que eu queria ir até lá para



assistir a apresentação das atividades do programa.

O melhor de tudo é que valeu muito a pena conhecer o campo de

atuação do Tra-la-lá. Fui recebida com muita alegria pelas integrantes do programa. Posteriormente, enviei o questionário a Ieda, coordenadora, e a receptividade, carinho e atenção foram inesquecíveis nessas andanças onde ventos nem sempre estão a nosso favor.

3.5.6. Biblioteca Comunitária do Jaguar¹¹⁰

Jairo Zelaya Leite é o idealizador desse espaço; faz parte da relação dos agentes de leitura da Mala do Livro. É um dos poucos que possui endereço eletrônico. A maioria tem informado, para a relação dos voluntários da Mala do Livro, apenas o contato de endereço residencial e telefone.

A Jairo, enviei a carta e o questionário, via correio eletrônico, sem fazer contato prévio. No mesmo dia, Jairo devolveu-me preenchido o questionário. Seu gesto proporcionou-me uma grande alegria. Ele nem sabe o quanto foi significativa sua resposta imediata a minha pesquisa. Um dia ele saberá que, nesta andança, ele foi um leitor especial. Por ocasião de minha conversa com Marmenha, da Secretaria de Cultura, ela me falou encantada de que alguns agentes, tais qual Jairo, transformavam a Mala do Livro em outros projetos.

¹¹⁰ Em 14.10.2009 estabeleço contato com Jairo Zelaya Leite, agente de leitura da Mala do Livro, residente no Vale do Amanhecer, Planaltina-DF.

Esta pesquisa rendeu-me viagens e boas caminhadas, regadas a algumas indiferenças. Então, quando alguém, de pronto, responde ao questionário de forma atenciosa, causa-me estranheza. Mas uma estranheza boa. Alguém acenou para a leitura.

Quem está nesta pesquisa, sabe o quanto é raro alguém ser solidário à causa da leitura. Não é suficiente ser alfabetizado para ser leitor. É preciso algo mais. E quem tem o algo mais, responde de pronto. Tenho procurado compreender tudo isso. Procuo entender quando um representante governamental da leitura diz-me que não recebe pessoas no local mais pertinente a leitura.

No caso de Jairo, ele transformou o projeto inicial, ampliando a Mala do Livro e convertendo-a em uma Biblioteca Comunitária. Jairo é leitor. Ele leu e entendeu.

3.5.7. Israel Ângelo¹¹¹

Fiz contato telefônico com Israel Ângelo. Apresentei-me a ele, falei do meu projeto de mestrado e disse-lhe que soube do trabalho dele através da Marmenha, lá da Secretaria de Cultura do DF. De imediato ele iniciou uma conversa muito à vontade¹¹², contando a história dele com a leitura, a partir do seu trabalho voluntário com a Mala do Livro.

Disse-me que há oito anos trabalha como voluntário no programa da Mala do Livro. Reconhece que se tornou muito conhecido na Ceilândia, após essa atividade, e que esse fato lhe proporciona contatos com muitas pessoas. Que anda na cidade e é abordado para dar referência de livros; inclusive, para alunos do curso de Letras. Por causa da Mala do Livro, ele se tornou um leitor assíduo.

Ele relata que *lhe aconteceu um processo de metamorfose, algo que foi crescendo, crescendo, dentro de mim, através da Mala do Livro; Que este é um trabalho árduo, mas que vale à pena*¹¹³.

¹¹¹ Em 18.10.2009 estabeleço contato com Israel, agente de leitura da Mala do Livro, residente em Ceilândia-DF.

¹¹² Agora, treinando essa nova forma de pesquisa, através do telefone, senti-me como se estivesse diante dele, tamanha era a receptividade com que eu estava sendo recebida.

¹¹³ Com muito carinho, ele falou em Maria José. Inclusive, ao telefone, recitou-me versos em homenagem a ela: *Maria José é o anjo da Mala. A Mala do Livro é a Maria José. Ela sempre encoraja os agentes que trabalham com a Mala do Livro.*

3.5.8. Boneca BELA APARECIDA¹¹⁴



O nome de batismo dela é Ivonete: uma consciente professora da Secretaria de Educação do DF. Certo dia, ela começou a observar que seu discurso de professora não surtia o efeito desejado.

Ela colocava algumas propostas de mudanças em relação à motivação de leitura na escola e percebia que pouco conseguia alterar.

Depois de algumas reflexões, uma vez, ao término do expediente escolar, ela avisou aos colegas que não iria trabalhar no dia seguinte. Que iria resolver “assuntos importantes de ordem particular”. Com a contribuição de uma amiga que lhe emprestou um vestido e uma bolsa, outra que lhe fez umas tranças amarelas, Ivonete se transformou numa personagem. E, incorporando uma boneca, no dia seguinte, chegou a escola.



Ao passar pela porta principal, percebeu que a boneca já chamava a atenção de todos. Dos alunos, ela viu de imediato um brilho nos olhos. Ao chegar mais perto, um aluno disse: *Bela! Muito bela!* Ao se aproximar de um dos colegas, um deles disse: *Aparecida, hein?* Naquele instante, confessou-me Ivonete: *que o nome da boneca seria Bela Aparecida.*

A boneca Bela Aparecida faz mediação de leitura, transmite mensagens administrativas e sente que crianças e adultos dão mais ouvidos¹¹⁵ ao que ela transmite. Ivonete trabalha na Biblioteca Machado de Assis.

¹¹⁴ Em 21.10.2009, no auditório da Biblioteca Nacional, por ocasião do III Fórum Brasília, Capital das Leituras, estabeleci contato com a professora Ivonete, atuando o personagem da boneca Bela Aparecida. Ela reside em Sobradinho-DF

¹¹⁵ Em dia de reunião de pais e mestres na escola, Ivonete ficava em casa, e a boneca Bela Aparecida ia para a escola. E como boneca, ela percebia que era ouvida e conseguia mudanças junto aos pais de alunos. E Ivonete continuou a encenação. Quando Ivonete ia a escola, Bela Aparecida não ia, e vice-versa. Os alunos preferiam a Bela Aparecida. E sempre perguntavam quem viria a escola no dia seguinte: Ivonete ou Bela Aparecida?

Conhecendo a trajetória dessa professora, lembro-me de Ariano Suassuna que costuma dizer que o professor deve ser, antes de tudo, um ator. E tudo fazer para conquistar, seduzir o aluno. Sorrindo, ela ironiza que está com problemas de identidade: muitos preferem a boneca Bela Aparecida e não a Ivonete.

3.5.9. Cultura no ônibus¹¹⁶



Cultura no ônibus é um programa de incentivo à leitura idealizado por Antonio, um cobrador de ônibus, em Brasília. Casado e tendo constituído uma família, descobriu no objeto livro, um valor. Percebeu que, dentro do livro e a partir da leitura, aconteciam grandes viagens. E essas viagens levaram-no a outras pessoas e a muitos lugares¹¹⁷.

Sempre inquieto, pensou numa forma de fazer chegar o livro até as pessoas. Um tanto receoso, saiu perguntando, aqui e ali, se era permitido ele andar com os livros no ônibus em que trabalhava. De todos, ouviu que ele poderia andar com os livros, sem problemas. Ele, atento, foi pensando como o livro(isca) poderia ser visto pelo passageiro do ônibus.

Começou, colocando um ou dois exemplares sobre a gaveta de seu trabalho. Os passageiros, um de cada vez, ao passar pela roleta e ver aquele livro ali, exposto, sempre perguntavam a Antonio, apontando para o livro: *É pra vender?* Antonio, com o olho brilhando, certo de que a isca fora vista pelo seu cliente, respondia: *Não é pra vender. É pra ler.*

Mesmo com a resposta de que era pra ler, o passageiro ainda ficava receoso. Daí, Antonio reiterava de que o livro era para ler, e que o passageiro poderia levar. Esse ,

¹¹⁶ Em 22.10.2009 conheci Antonio, por ocasião do Seminário Internacional França-Brasil de Bibliotecas Públicas, no auditório da Biblioteca Nacional, em Brasília-DF. Posteriormente, em 23.10.2009 fui a sua residência para colher mais informações acerca de seu projeto.

¹¹⁷ O primeiro livro a ler foi *Capitães de Areia* de Jorge Amado. Depõe que conheceu muito da vida e do mundo, ali, nas páginas daquele livro.

ainda sem jeito, pegava o livro e, calmamente, sentava no banco desocupado e começava a folheá-lo, começava a sua viagem. A viagem de leitor. Leitor de ônibus.

Antonio, cuidadoso, observava tudo. Cada livro levado era uma alegria. Sua idéia estava dando certo. Noutros momentos, um ou outro passageiro dizia: *A pessoa pode levar o livro. E se o livro não voltar?* No que Antônio prontamente respondia: *O livro é pra circular.*

E a idéia do livro no ônibus foi circulando. Depois ele colocou um porta-livro no ônibus, seu local de trabalho¹¹⁸. A notícia foi se espalhando, e as pessoas tomando conhecimento daquela ideia do cobrador de ônibus que transportava livros.

Em casa, no início, a mulher olhava tudo um tanto quanto irritada: a casa cheia de livros doados¹¹⁹, o marido se envolvendo com aquela quantidade de obras: *muito trabalhoso, aquele monte de livros dentro de casa*, disse-me ela.

Aonde vou, procuro identificar algum polo de leitura que estou listando para a minha pesquisa. O agente da área urbana é diferente do da área mais afastada do centro. E também, aquele que é polo irradiador de leitura em sua comunidade é diferente do comum dos cidadãos. Perceber Antonio na multidão, não foi diferente: enxerguei-o, no meio do auditório, num ponto afastado dos demais, quieto, com o fone nos ouvidos, atentamente, ouvindo os franceses falarem das bibliotecas.



Aproximei-me dele. Terminou o seminário. A nossa conversa não terminava.

Antonio me disse todo orgulhoso da satisfação de ter entendido *tudo o que os franceses falaram*. Ponto para a leitura!

¹¹⁸ Eu dei-lhe carona e fomos a sua casa. Ele mora em Sobradinho II. Bem depois de onde moro. Chegando a casa, fomos recebidos por Meire e Mateus. Esposa e filho. Senti que fui acolhida por eles. E a conversa continuou. Fiz algumas provocações querendo saber a história dele. E não precisou muitas perguntas, apenas dei o tema e ele, agora bem mais à vontade, contou toda a sua história. Do Maranhão a Brasília. Ele contou que a própria Meire, esposa, mudou em relação aos livros. Hoje, ela já cuida dos livros. Antes, ela via apenas como algo que estava ocupando espaço na casa deles e, dando despesas ao marido. Afinal ele estava reservando tempo para cuidar de livros e esse tempo poderia ser usado para um trabalho que lhe desse um retorno financeiro. Com os livros, as despesas fizeram foi aumentar. Esse pensamento da Meire é coisa do passado. Hoje ela pensa diferente. Se sente uma outra pessoa com a presença dos livros e o conhecimento de novas pessoas na vida dela.

¹¹⁹ Depois que Antonio saiu do anonimato, as pessoas começaram a colaborar com o cobrador de ônibus. Um amigo conterrâneo do Maranhão fez uma página na internet para ele. Uma estudante de Biblioteconomia da UnB começou a organizar a quantidade de livros que chegavam a casa dele.

Antonio relatou que, pensando em sua idéia de colocar livros nos ônibus, veio a reflexão de que *o ônibus é a ponte* entre a casa do trabalhador/passageiro e seu local de trabalho. Ele queria que, enquanto o trabalhador estivesse nessa ponte, lesse algo, de preferência um livro. E o sonho aconteceu.

Agora, o seu ônibus tem um porta-livros móvel. As pessoas entram, se dirigem ao porta-livros e escolhem um volume; com ele, escolhem a viagem que querem fazer na ponte que as levará até ao trabalho.



Com a viagem de Antonio, os livros começaram a circular. E circularam tanto que se multiplicaram em muitos. Na casa dele não cabia mais livros. E Antonio, maravilhado, assistia a realização de seu sonho¹²⁰.

3.5.10. Eu sou comunidade consciente¹²¹



Jaciara é professora de alfabetização em Sobradinho¹²². É agente de leitura do programa “Eu sou comunidade consciente”. Encontrei Jaciara no mesmo dia em que conheci o Antonio, o cobrador de ônibus.

¹²⁰ O contrerrâneo do Maranhão e outro amigo, resolveram alugar um espaço próximo a casa dele para acomodar os livros que já ocupavam grande parte de sua casa. Fui na companhia dele e de Mateus até o espaço, ainda em reforma. É parte de uma casa que o proprietário resolveu alugar. E para isso, estão fazendo adaptações. Os livros estão no chão. Um monte de livros. Nunca vi livros assim, aos montes! É mesmo! Agora vejo que aquele monte de livros me lembra uma montanha. Nada mais natural. Estamos na serra de Sobradinho. Aqui temos montanha, serra de livros. Fiquei maravilhada observando o grande prazer com que ele e Mateus me mostravam o cantinho de leitura que será oferecida a comunidade que anda a pé e que anda de ônibus. Verifiquei que esse bravo cobrador de ônibus ainda não tinha um correio eletrônico e nem um cartão de visitas. Por onde anda, anota seus dados em um papel. Falei da importância de ele ter um endereço eletrônico. Prontifiquei-me a, no dia seguinte, criar um e-mail para ele e também que eu iria fazer uns cartões de visita para ele distribuir.

Disse-me que quer ser conhecido como O COBRADOR DE LIVROS. É impressionante ouvir a fala de Antonio. Sua desenvoltura em contar de sua leitura de mundo. Conclui-se que, de fato, a leitura dá voz as pessoas. Antonio tem voz. E não satisfeito, quer que outras pessoas também a tenham.

¹²¹ Em 22.10.2009, conheci a agente de leitura Jaciara, por ocasião do Seminário Internacional França-Brasil de Bibliotecas Públicas, realizado no auditório da Biblioteca Nacional, em Brasília-DF. ela reside em Sobradinho-DF.

¹²² Sobradinho, cidade do DF, também é o local de trabalho da Bela Aparecida / Ivonete.

Também a identifiquei no meio de muitas pessoas presentes no auditório da Biblioteca Nacional. Almoçamos juntas e ela me falou do seu trabalho.

Ao ouvir o relato de Jaciara, seus comentários acerca das dificuldades enfrentadas, percebo que é mesmo uma batalha trabalhar com o incentivo a leitura. Olhando-a, com seu jeito aparentemente frágil, fico a pensar na atitude dela: por que alguém além das atividades de mãe, dona de casa, professora, ainda pega mais uma atividade de agente de leitura? Jaciara reconhece que as atividades de leitura, mudam a vida não somente das crianças, mas a de toda uma comunidade.

Percebo nas pessoas que trabalham com leitura, certo receio de se apresentar, sem que antes saibam se o público presente, aprecia o tema. Quando me apresento e digo que o meu assunto é leitura, os leitores ficam à vontade. E falam. E falam muito. Antonio, o cobrador de ônibus e Jaciara, dona de casa, ilustram bem o relato do escritor Bartolomeu de que a leitura dá voz às pessoas.

Na Biblioteca Nacional, um ambiente diferente do cotidiano deles, ficaram tão-somente observando, bem de longe. Sentados nas últimas fileiras das cadeiras do auditório. Foi preciso eu chegar até eles, apresentá-los a algumas pessoas. Era somente do que eles precisavam: de um mediador.

Antonio e Jaciara são agentes de leitura na comunidade deles. Os leitores de Antonio não são leitores de livros, precisam de um mediador. Alguém que lhes apresente o livro. O livro é pra ler. É pra circular. Os leitores de Jaciara não são leitores de livros. Precisam de um mediador. Alguém que lhes apresente o livro. E Jaciara faz isso na comunidade dela. Ela e outros colaboradores.

Os leitores de Luiz Amorim, muitos, não são leitores de livros. Precisam de um mediador. Alguém que lhes apresente o livro. Que lhes diga que aquele livro, ali na estante, é pra ler. Não é pra vender.

3.6. DE VOLTA A UNB / Mesa Redonda: Brasília e literatura – diálogo com escritores¹²³

Nesse encontro realizado na UnB, dentro das comemorações do cinquentenário



de da Capital do Brasil, João Almino referiu Brasília como a cidade de todos os brasis, exemplo de multiculturalismo; criada a partir dessa mistura, Brasília é um pouco de cada região. Cidade de cultura rica, fruto de uma miscigenação. Segundo ele, aqui, tem-se a síntese.

O autor reconhece na cidade sua fonte de inspiração, dada a sensação de liberdade para explorar sua identidade múltipla e aberta. Assim, João Almino, com o olhar de fotógrafo, capta instantes e explora os melhores ângulos e, para ele, esses ângulos não foram os usualmente mostrados sobre o viés do poder político. Ao contrário, ele preferiu captar a alma humana de cada pessoa que ele encontra, cada história ouvida e revela essas preciosidades em sua obra.

Falou dos múltiplos espaços de Brasília. De seus traços arquitetônicos, em suas curvas de concreto e de sua visível leveza. Que isso é possível mesmo com materiais pesados. Mostrou que essa harmonia favorece a integração da cidade com as artes plásticas; da cidade bosque, de grandes vazios e de um céu imenso, de uma ambiência onde os espaços arquitetônicos se moldam aos momentos políticos, estabelecendo controle e diálogo. Referiu que Lúcio Costa pensou uma cidade com espaços socialmente estabelecida, com espaços diferenciados, com pessoas de distintas classes

¹²³ Em 27.10.2009, às 9h30, no auditório da Reitoria da UnB, foi realizada esta mesa redonda, evento que integra as comemorações UnB – 50 anos de Brasília. Por sugestão da orientadora desta pesquisa, assisti ao debate dessa mesa redonda, mediada pela socióloga Bárbara Freitag, professora emérita da UnB. O evento contou com as contribuições de Eloísa Barroso, Gustavo Ribeiro e João Almino. Inicialmente observo como o escritor João Almino olha a platéia que está ali para ouvi-lo. Reservou a cada pessoa instantes especiais de seu olhar, mirando cada uma como se já a conhecesse. Fiquei encabulada quando seu olhar pousou em mim. Senti como se o escritor dissesse: olá, Edna, obrigada por sua presença. Esse detalhe faz-me crer em seu gosto pela literatura que capta adeptos pela leitura visual. Morando longe de Brasília, aproveita a oportunidade de estar com seus leitores, personagens de seus livros, para olhá-los de frente e colher do interior de cada um o que sua lente pode captar.

sócio-econômicas, morando em prédios, quadras semelhantes. Uma metrópole recortada de veredas¹²⁴, que teimam em existir, a despeito do plano original.



Uma percepção minha (leitura que permeou todo o debate) vale a pena ser registrada: trata-se da presença do Reitor¹²⁵ da UnB ao evento. Um magnífico Reitor assistir a uma solenidade do início ao fim, não é um fato comum¹²⁶.

É a leitura da literatura tomando corpo e dando voz a todos, do menor ao maior. Desde que haja sensibilidade, desde que se tenha a chave, o acesso é permitido. O vento da leitura da literatura está a nosso favor.

João Almino, no alto de seu conhecimento intelectual, irmana-se ao reitor e aos estudantes presentes e nos mostra a literatura de Brasília, de raízes expostas. Os agentes da Mala do Livro, são fundamentos, bases, raízes que frutificam, que atuam onde o acesso ao material e o incentivo à leitura, são raros. É um fato incomum e representa um bem a humanidade que, cidadãos humildes, desprovidos de recursos econômicos, os agentes das iniciativas não-governamentais, sejam expoentes de divulgação da literatura.

¹²⁴ Colhi recortes da fala do escritor João Almino como forma de ilustrar uma das múltiplas leituras que permearam as Andanças desta pesquisadora. Serviu-me de suporte para uma reflexão acerca dos diversos olhares que podemos ter acerca de uma mesma questão, e quando esses olhares devem caminhar juntos e quando podem seguir caminhos diferentes. Mais especificamente, das leituras que podemos fazer acerca da cidade, da universidade. Tornou-se importante estabelecer a conexão que deve existir entre João Almino e seus receptores-ouvintes, com o Reitor José Geraldo e seus leitores-alunos, e das pessoas que trabalham na universidade que, de certa forma, falam em nome do Reitor. A questão é: como é feita essa leitura? Quem fala pelo Reitor tem objetivos comuns aos objetivos traçados pelo Reitor? Estão em sintonia?

¹²⁵ Ele fez a abertura e o encerramento do mesmo. Ficou, solene e atento, ouvindo as falas de todos os debatedores. Ao final, prestigiou os momentos de autógrafos e, sem pressa, permitiu-se participar do ensaio fotográfico que normalmente acontece nessas ocasiões. O comum é ser enviado um representante ou, no caso de o Reitor vir, ele se limitar tão-somente a fazer a abertura e sair em seguida, justificando que tem outro compromisso já agendado. Comentei com uma aluna, a leitura feita acerca do Reitor da UnB. Logo ela fez a sua apreciação: - *Edna, ele é professor! Daqueles que conversa com os alunos, bate papo. Mesmo no cargo de Reitor ele continua - ainda - falando com os alunos, naturalmente. Acho isso muito legal da parte dele. A ficha dele ainda não caiu! Será que ele, quando a ficha cair, ficará igual às pessoas que, "descobrimo/reconhecendo autoridades" criam um MURO entre elas e seu público?* Gostei muito de que ela tenha colhido o melhor instante do Reitor José Geraldo. Ainda que ela evidencie certo temor em imaginar que a "ficha venha a cair", ainda assim, valeu o registro dela. Isso significa o resgate de uma imagem que a universidade passou a ela; uma parte representando o todo.

¹²⁶ Fiquei observando a postura do Reitor naquele espaço de leitura da literatura no Distrito Federal. Eu vir a um evento assim é parte de minhas Andanças, de minhas leituras dentro e fora da escola. Daí, a observação aos detalhes aparentemente sem tanta significação. Aparentemente, pois essencialmente, muito me revelaram. Dessa representação das partes, dos agentes da periferia, dos franceses que aqui vieram para compartilhar suas experiências, dos brasileiros dentro e fora da escola, parece ecoar um mesmo hino; a maioria, a despeito da água que corre contra a maré, ainda assim, caminha e escolhe bem a forma de caminhar, de representar, e firma: ler é necessário.

Curvemo-nos, ante a louvação da Jaciara, do Antonio, da Noeme que, muitas vezes, sem o acesso ao livro, batendo em portas que não se abrem, ainda assim, serem entusiastas da divulgação da leitura da literatura; a estes, devemos nos curvar e mais ainda, aprender com eles.

São estes os agentes de leitura que se encontram onde o vento faz a curva. Nas diversas curvas. Após tantas andanças, tendo Carlos Drummond para nos testemunhar, compreendemos que é preciso ter a chave para abrir a porta.

4. PESQUISA DE CAMPO



*A história da leitura
consiste na história das
possibilidades de ler.*

Regina Zilberman

Urge neste momento, após o detalhado relato em forma de crônica, anteriormente posto, resumir, de forma objetiva, os resultados alcançados na pesquisa de campo. Na sequência de passos que possibilitaram a construção do Mapa Cultural, transitando pelo cenário em que a pesquisa se realizou, houve três grandes momentos: a identificação das fontes que, direta ou indiretamente, tinham ligação com o objeto para a edificação do mapa, o estabelecimento de contato com essas fontes e a análise e sistematização da resposta delas ao instrumento de coleta de dados¹²⁷ a elas enviado.

A todas as instituições contatadas, assim como nas visitas realizadas às iniciativas não-governamentais de incentivo à leitura, demos o prazo até 30 de outubro para a resposta ao instrumento de coleta de dados ser enviado. Houve, porém, necessidade de prorrogar o prazo para a recepção dos instrumentos para 31 de dezembro de 2009. Mas as atividades de pesquisa de campo estenderam-se até abril de 2010.

4.1. Visita aos órgãos públicos oficiais

Tão logo o funcionário ouviu o motivo da visita, prontamente anotou em um papel o endereço do site da Codeplan em que poderíamos visualizar os mapas desejados.

¹²⁷ O Instrumento encontra-se anexo, na forma como foi aplicado e preenchido.

Na OEI, a gerente de projetos mostrou onde, na rede de computadores interna, a relação de iniciativas de incentivo a leitura poderia ser acessada.

No MinC, foi-nos entregue o endereço onde poderíamos acessar a internet e achar o que desejávamos. Com o MEC o contato foi estabelecido via correio eletrônico. Em resposta, foi enviado, também por e-mail, o endereço eletrônico onde obter as informações.

Do PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura, recebi mensagem-resposta com uma relação de iniciativas de leitura existentes no DF. A visita a Secretaria de Cultura do DF rendeu uma relação das iniciativas de incentivo à leitura. Saímos de lá conhecendo o que é a Mala do Livro e como esse programa de incentivo à leitura tem proporcionado mudanças no DF.

Percebemos que o serviço público está adotando a filosofia dos estabelecimentos bancários, em que o atendimento ao cidadão é feito por intermédio de máquinas. E quando o servidor público se depara com o seu cliente (o cidadão), não sabe o que fazer. É o efeito da impessoalidade causada pelo uso acrítico da internet.

Ficou evidenciado, ainda, que o tipo de correspondência que nós enviamos não chega ao conhecimento do dirigente principal da instituição. É dada à secretaria autonomia para ler e estabelecer contato no tocante à possibilidade (ou não) do preenchimento das informações solicitadas. Um ponto a considerar aparece nas datas das mensagens-respostas recebidas de organismos oficiais, em que a formatação das mesmas, segue o estilo norte-americano, exibindo o ano antes do mês e do dia.

Saímos desta fase inicial da pesquisa com a revelação de que o leitor, para quem é construído o site de cada órgão oficial, é um sujeito virtual. Tornou-se um comportamento padrão ao procurarmos, pessoalmente, algum representante, sermos direcionados ao site. É algo próximo da censura; ou seja, o que pode ser mostrado, está no site. Nada mais será dito. Qual o canal de comunicação onde o leitor é atendido de forma real? O que é virtual e o que é real nessa circunstância? Será tudo virtual? Acreditamos que o real esteja beirando o virtual, o irreal. E para fundamentar tudo isso, é que os movimentos em prol da leitura, estão acontecendo.

O discurso ainda é muito virtual e, dessa forma, é natural que esta pesquisa que deseja mapear a realidade da leitura da literatura no DF tenha se deparado com tantos blogs, sites e poucas pessoas dispostas a falarem. Quando a tecnologia, com todo o seu

brilho, experimenta caminhar sem a alma humana, é natural esse quadro revelador em que somos conduzidos a conversar e obter tudo o que queremos, com a máquina¹²⁸. Tudo (ou quase) está disponibilizado na máquina e é a ela a quem devemos nos reportar. E quando essa constatação emerge da conduta de organismos governamentais, cabe a pergunta: o que é discurso e o que é prática?

4.2. Contato com as instituições educacionais

Conforme consta no site do MEC, há 76 IES – Instituições de Ensino Superior - entre faculdades, centros de ensino e universidade - na área geopolítica do Distrito Federal. A cada uma delas, mesmo pertencendo a uma mesma dependência administrativa, foi enviada uma carta acompanhada de um instrumento de coleta de dados a ser preenchido. Do total dessas 76 instituições somente duas preencheram o instrumento.

Algumas fizeram contato telefônico, acusando o recebimento e querendo pedir outros esclarecimentos, ficando de nos enviar o questionário via correio eletrônico. Cerca de 10 correspondências, devolvidas por motivo de mudança de endereço, foram merecedoras de dupla correspondência.

No site da Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal estão disponibilizadas as informações das escolas públicas de ensino fundamental e médio, distribuídas por regionais de ensino. Obtivemos resposta de quatro regionais e elas foram gentis, dando importância ao preenchimento do questionário: ao nos enviarem o instrumento, tinham a atenção de nos contatarem para saber se, de fato, tínhamos recebido o documento preenchido, corretamente. Observamos que as quatro regionais estavam localizadas em áreas distantes do Plano Piloto.

¹²⁸ O ser humano, na sua caminhada existencial, muitas vezes enfrenta situações-problema que lhes chegam em forma de uma tarefa para a qual o sujeito deve mobilizar recursos e tomar decisões. Mas há uma diferença entre a tarefa cumprida por seres humanos e a realizada pelas máquinas. As máquinas ou tecnologias resolvem problemas, realizam tarefas. Elas possuem, pelos modos de sua produção, competência reprodutiva ou processual. Os objetivos em uma máquina correspondem ao comando, desencadeado por alguém ou alguma coisa que provoca uma cadeia de respostas ou realização de ações com duração e seqüências programadas. Os meios e recursos em uma máquina expressam sua constituição física ou “sintática” preparada para reagir. Os resultados são a culminação daquilo que foi decidido fazer ou produzir. Uma máquina sabe fazer, mas não compreende, nem reflete sobre o que faz. Não avalia as conseqüências de suas ações. Não se compromete, nem se responsabiliza pelo que faz. Não gosta, nem se alegra, nem fica triste, nem se sente realizada com o que faz. Seu projeto executivo reflete as intenções de seu programador ou construtor, reflete as possibilidades mecânicas de sua composição, define os limites de seu programa. Mas, organizar um mundo corresponde à tomada de decisões políticas, em face de interesses que definem o sucesso e o fracasso de outros seres humanos em sua vida. Lino de Macedo. A situação-problema como avaliação e como aprendizagem. Em <http://inep.gov.br>. Acesso em março de 2010. Com adaptações.

Das 428 escolas particulares, obtivemos o preenchimento de apenas dois questionários oriundos de escolas particulares de ensino médio¹²⁹. No entanto, os silêncios foram tais, que constituíram sinais de alerta quanto ao sentimento de que esta pesquisa não fora bem-vinda nas instituições educacionais de base.

E para confrontar essa preocupante percepção, com o que pensam os órgãos governamentais, registramos que no folder do Fórum Nacional + **Livro + Leitura**, está escrito como divulgação “*promover o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade brasileira, contribuindo para a elevação dos indicadores de leitura como condição essencial para o pleno desenvolvimento humano social.*” Nesse evento, segundo os expositores, o maior empecilho para que o objetivo fosse alcançado reside na recepção favorável das autoridades municipais e estaduais.

Isso posto, surgem-nos as seguintes questões: como é vista a leitura em nossas instituições educacionais? Não sabemos. Qual a importância da leitura literária no contexto educacional? Não sabemos. Que intenção têm os docentes ao ministrarem aulas de literatura no ensino médio e até em cursos superiores de letras? Preocupa-nos pensar nas possíveis respostas.

4.3. Visita aos organismos não-governamentais

Nesta etapa, a recepção da pesquisa tomou um rumo bem diferente do anterior. O público preferiu conversar e fazer chegar a nós a sua história. O contato foi estabelecido de forma pessoal. Os facilitadores da comunicação moderna foram deixados de lado e prevaleceu o diálogo, a entrevista. A pressa não estava presente; fomos bem atendidos e convidados a sentar.

Com às 59 iniciativas não-governamentais de incentivo a leitura¹³⁰, estabelecemos contatos com a maioria delas e, no percurso da pesquisa, concluímos o trabalho com 20 iniciativas. Dessas, obtivemos dezenove¹³¹ questionários respondidos. Os contatos foram estabelecidos através de visitas ou entrevistas ao telefone e,

¹²⁹ Escola João e Maria e Colégio Educandário de Fátima. O cuidado no preenchimento dos questionários revelaram que estas escolas reconhecem o valor desta pesquisa.

¹³⁰ Conforme relação anexa.

¹³¹ A única de que não obtivemos resposta ao questionário foi a Parada Cultural T-Bone, mas as informações foram obtidas no site e durante a pesquisa feita no local da iniciativa.

Ao término de inúmeras e proveitosas conversas com os representantes das iniciativas não-governamentais e individuais privadas, ficou diagnosticado que a história da leitura do Distrito Federal passa necessariamente, pela história do programa Mala do Livro, uma ação da sociedade civil que, em parceria com o governo local, se antecipou aos movimentos atuais em prol da leitura. Através desse programa a sociedade civil conseguiu mobilizar mediadores e formar leitores em localidades onde o livro ainda é objeto raro e de difícil acesso.

Constatamos que o DF tem um grande número de pessoas trabalhando com a leitura da literatura. Em cada uma delas, reside um componente que constitui o sal da terra, o pilar que dá sustentação singular ao êxito de toda e qualquer iniciativa de promoção humana: o trabalho voluntário.

4.4.2. Programa Mala do Livro

Em 1990, uma das bibliotecárias da Secretaria de Educação, Neusa Dourado, deu início ao Programa Mala do Livro, iniciativa que alterou significativamente a história do livro e da leitura no Distrito Federal.

Da convivência com uma realidade social em que os frequentadores das bibliotecas públicas residiam nas cidades mais afastadas do Plano Piloto, Neusa Dourado idealizou o percurso de volta: levou o livro até o leitor mais distante e, a partir disso, conseguiu congrega outros leitores.

Transformada em política governamental, a iniciativa ganhou força e aceitação unânime. Foi a união do governo e da sociedade civil que tornou possível a Mala do Livro ser reconhecida e respeitada por todos. Hoje são mais de quinhentas¹³⁵ existentes.

Dessa forma, a distância entre a comunidade e o livro foi diminuída. Este, saiu das prateleiras da biblioteca pública e se instalou na casa do leitor, passando a integrar o seu cotidiano. Com a presença do livro, vieram outras ações sociais de longo alcance, do tipo: rodas de leituras, gincanas, oficinas de arte-educação, entrosamento entre os moradores da comunidade, fatores que contribuiriam na construção e fortalecimento da

¹³⁵ Na visita feita a Secretaria de Educação, a titular da Coordenação de Bibliotecas nos informou que, atualmente, são mais de 500 malas. No entanto, repassou-nos uma relação com 42 das iniciativas que conseguiram uma significativa transformação em suas comunidades.

cidadania das pessoas que acolheram o programa Mala do Livro, um polo irradiador de cultura.

Nesse movimento é vital a presença do trabalho voluntário de pessoas que, além de abrir as portas da casa para receber e instalar uma mini-biblioteca, normalmente na sala, reservaram um pouco do seu tempo para se dedicar ao programa. Esse grupo de pessoas voluntárias, agentes da leitura, constituem o recurso primordial para que, em conjunto com o livro, o programa ganhe vida e caminhe no universo de cada um que o procura em busca de novos conhecimentos. São esses voluntários o grande acervo da Mala do Livro, também conhecido como Biblioteca Domiciliar Neusa Dourado.

4.4.3. Brasília



Legenda:

-  A Presidência da República/ Projeto Tra-la-lá
-  B Associação Cristã de Moços/ CDC
-  C Instituto Gestalt / Eu sou comunidade consciente

Das fontes consultadas, obtivemos um total de 5 iniciativas de promoção a leitura em Brasília. Desse total, duas desenvolvem suas atividades em Sobradinho (Eu sou comunidade consciente e Centro de Desenvolvimento Comunitário) e uma em São

Sebastião (Tra-la-lá). São áreas fora do Plano Piloto e reconhecidas como de risco social; portanto, necessitadas de um programa de resgate da cidadania.

Atuando diretamente no Plano Piloto, identificamos as iniciativas Parada Cultural T-Bone e Ler é Bom demais! A primeira, funciona nas paradas de ônibus do Plano Piloto, especificamente, na Asa Norte; a segunda, dentro de uma escola pública do DF.

Ambas nos pediram que a visita fosse formalizada, agendada, para que nos pudessem dar as informações desejadas à construção de nossa pesquisa. Considerando o grande caminho a percorrer, optamos pela iniciativa Parada Cultural T-Bone a fim de integrar o corpus de Brasília, tendo em vista que esta iniciativa acontece a céu aberto e pelo fato de que, com ela e a partir dela, muitas outras iniciativas surgiram e ainda surgirão, como forma de incentivar a leitura. Dessa forma, visitamos o site, fizemos plantão em duas paradas do programa e colhemos as informações necessárias a pesquisa.

A Parada Cultural T-Bone(1)¹³⁶ é uma das ações¹³⁷ desenvolvidas por um organismo não-governamental que integra o programa Mala do Livro. Idealizada e mantida pelo açougueiro Luís Amorim, com os apoios da Petrobrás, Embaixada da Espanha, Unesco, Administração de Brasília, e da Embaixada da Austrália. Sua área de atuação compreende a Asa Norte do Plano Piloto, em Brasília-DF.

Esta iniciativa, criada em 1998, para promover a inclusão social através do incentivo à leitura, sobretudo a usuários do transporte coletivo, instalou em 35 paradas de ônibus uma mini-biblioteca, aberta 24 horas. Mensalmente, são emprestados mais de seis mil livros à população que fica à vontade para devolvê-los quando julgar conveniente.

¹³⁶ Estas informações foram colhidas no site do Açougue Cultural T-Bone (www.tbone.org.br). Observado o material disponibilizado nas paradas de onibus para a leitura dos transeuntes, confrontado com a ilustração do material exibido no site, constata-se que nesse aspecto, faz-se necessário que a mini-biblioteca virtual seja igual ou parecida com a mini-biblioteca real.

¹³⁷ Ações desenvolvidas pela ONG T-Bone: Noites Culturais, Projeto Parada Cultural, Quintas Culturais, entre outras.

4.4.4. Ceilândia



Legenda:

- 2 Israel Ângelo Pereira (Agente Comunitário da Leitura – Programa Mala do Livro)
- 3 Gislene de Souza (Agente Comunitário da Leitura – Programa Mala do Livro)
- 4 Roedores de Livros
- 16 Reginalda Ferreira de Carvalho (Agente Comunitária da Leitura – Programa Mala do Livro)

Em Ceilândia, localizamos 11 iniciativas de leitura. Ao final das andanças, ficamos com 4 para integrar o corpus desta pesquisa.

Israel Ângelo Pereira (2)¹³⁸, agente comunitário da leitura, exerce suas atividades em Ceilândia-DF, como iniciativa individual privada¹³⁹. Integra o programa Mala do Livro, sendo que a clientela abrangida é a comunidade em geral.

Distribuição (doação) de livros, empréstimos para leitura domiciliar, mediação de leitura, atividades dirigidas, narração de histórias, transformação de textos lidos em atuações cênicas, leitura oral de vários tipos são ações desenvolvidas por ele como estratégias de fomento a leitura.

¹³⁸ Ao final da entrevista o senhor Israel Ângelo declarou que *Caso tenha faltado alguma informação ou queira saber mais é manter contato no (61) 3585-6406 ou 9257-7405. Apareça, será um prazer conhecer. Abc, Ângelo.*

¹³⁹ Outras informações fornecidas por este agente foram: depois que passou a ser agente da Mala, desde 2002, adquiriu um reconhecimento *abissal, eclético na área da cultura* (palavras literais). Com isso passou a receber muitas doações de livros particulares e de empresas e ainda conseguiu tornar realidade o sonho de abrir uma biblioteca comunitária na Ceilândia (QNQ) com mais de 5000 livros. Essa recebeu o nome de Biblioteca Comunitária Ninho do Condor. No entanto, por dificuldade financeira, foi fechada depois de 6 meses de êxito. No momento, tenciona reabri-la.

Esta Mala do Livro foi criada em 2002 para possibilitar o empréstimo aos vizinhos e conhecidos, promover o incentivo à leitura, rodas literárias, organizar oficinas, cativando novos leitores. É importante destacar que no biênio 2008/2009 atendeu aproximadamente 400 pessoas da comunidade.

Os principais resultados alcançados foram conseguir mais de 300 livros do programa Mala do Livro e umas 1000 obras de particulares que também entram na lista de empréstimo.

As principais dificuldades vencidas foram o trabalho de persuasão em prol da leitura, a conquista de novos leitores capazes de começar a ler um livro e ir até o final, e a percepção de que o importante é a leitura.

Gislene de Souza (3), exerce suas atividades como agente comunitária da leitura numa iniciativa individual privada. Assim, integra o programa Mala do Livro, em Ceilândia - DF. Sua clientela é constituída por crianças de 5 a 7 anos, jovens e adultos, além da comunidade em geral.

Distribuição de livros e empréstimos para leitura domiciliar, narração de histórias, transformação de textos lidos em atuações cênicas, estímulo a participação de eventos em escolas com gincanas, chás literários, são atividades desenvolvidas por ela como estratégias de fomento a leitura.

Esta Mala do Livro chegou às mãos dessa agente em 2000, para oferecer oficinas a jovens e adultos que viviam sem perspectiva de vida, ensinar a ler e a escrever e criar motivação aos que não gostavam de ler. Além dessas vantagens, ajudar nos trabalhos escolares, ministrar aulas de reforço, promover eventos como gincanas, teatros, canto de dança. Ensinar a jogar xadrez, montar uma escolhinha de futebol, tornar a comunidade mais participativa, elevando a auto-estima e ensinando-a a “pescar o peixe” ao invés de assistencialismo, crescer com seus próprios méritos, foram as metas traçadas e alcançadas por esta cidadã brasileira, preocupada com o avanço cultural da comunidade.

Ela destaca que, no biênio 2008/2009, atendeu aproximadamente 160 pessoas. Gislene relatou como grande conquista desta iniciativa o fato de 3 jovens que tinham repetido de 3 a 4 anos a mesma série, conseguirem aprovação no vestibular da UnB. Enfatizou que hoje, em decorrência do programa da Mala do Livro promover a

integração da comunidade, são poucos os que não sabem fazer algum tipo de artesanato, além da familiaridade com o material escrito.

As principais dificuldades vencidas foram a falta de ajuda financeira, tempo para catalogar e organizar livros, paciência e disponibilidade para convencer as pessoas de que não havia fins lucrativos com a manutenção dos 4.800 livros, todos doados pela comunidade, contando apenas com a parceria da Mala do Livro.

Os Roedores de Livros (4) é uma iniciativa privada individual, idealizada por Ana Paula Bernardes, mantida por ela, com a participação efetiva de três voluntários. Seu campo de atuação é na Ceilândia-DF. Apresenta como estratégias de fomento à leitura o empréstimo de livros, mediação de leitura e oficinas de arte-educação.

O programa foi criado em 2006 para oferecer leitura àquelas crianças a quem o livro não lhes chega de forma tão fácil. Assim, foi escolhido o espaço de Ceilândia uma comunidade que, reconhecidamente, necessita da mediação de pessoas comprometidas com a questão de despertar o gosto pela leitura como forma de libertação e conquista de novos horizontes.

No biênio 2008/2009, foram atendidas umas 80 crianças, sabendo que este número pode ser triplicado pois há evidências de que esta ação consegue chegar aos pais das crianças e à escola. Assim, a meta de despertar o gosto pela leitura foi conquistada ao perceber o encanto das crianças pelo livro e as histórias ele contém.

Uma dificuldade presente nesta iniciativa é a falta de um espaço próprio, um teto para abrigar os livros e as crianças. No entanto, ainda que a iniciativa não tenha um teto, ainda que os mais de mil livros necessitem ser guardados pelos, o projeto continua suas atividades e, a sombra de um pinheiro, construiu capítulos inesquecíveis de sua história e das crianças que fazem parte do programa.

A agente comunitária de leitura, Reginalda Ferreira de Carvalho (16), atua em Ceilândia-DF como iniciativa privada individual. Integra o programa Mala do Livro, sendo que a sua clientela abrangida é a comunidade em geral. Esta agente promove a mediação de leitura e o empréstimo de livros como mecanismo de fomentar o estímulo à leitura.

Esta Mala do Livro foi criada em 1998 para oferecer oportunidades a comunidade local, proporcionar diversos tipos de leitura aos pais e estes incentivarem

seus filhos a ler e poder sentar com eles para discutir o que leram e assim reunirem-se para o chamado momento familiar cultural.

No biênio 2008/2009 foram atendidas aproximadamente 114 pessoas.

Em decorrência da atuação desta agente, foi observado que os participantes do programa conseguiram construir e melhorar a estrutura do seu próprio texto, melhoraram a leitura e caligrafia.

E esta agente foi além, vencendo a dificuldade das pessoas de superarem a falta de palavras para construir frases simples, pois quando não se tem o hábito da leitura também dificilmente consegue repassar para o papel o que se entendeu diante do que foi dito.

4.4.5. Sobradinho



Legenda:

- 5 Cultura no Ônibus (Antônio da Conceição Ferreira)
- 6 CDC - Centro de Desenvolvimento Comunitário (Agente Comunitário da Leitura - Programa Mala do Livro)
- 7 Boneca Bela Aparecida (Ivone de Silva Oliveira)
- 8 Eu sou comunidade consciente (do IGTB-Instituto de Gestalt Terapia de Brasília)

Das fontes consultadas, obtivemos um total de 8 iniciativas no planisfério de Sobradinho, das quais, para integrar o corpus desta pesquisa, ficamos com quatro.

A Cultura no Ônibus (5) é uma iniciativa privada individual idealizada e mantida pelo cobrador de ônibus Antônio da Conceição Ferreira. Com atuação na comunidade de Sobradinho, principalmente, onde transita a linha de ônibus 82 (Núcleo Bandeirante, Metropolitana, Candangolândia, Carrefour, Água Mineral, SAAN). Nesse

percurso, os passageiros do transporte coletivo têm acesso aos livros enquanto se dirigem a seus destinos.

Essa atuação de leitura tem como estratégias de fomento o empréstimo de livros para conhecimento familiar, além da manipulação durante o tempo de viagem no ônibus. Foi criada em 2007 para fazer circular o livro e a leitura entre a população usuária, e, dessa forma, desburocratizar o acesso ao livro.

No biênio 2008/2009 aproximadamente 2000 pessoas tiveram material de leitura disponibilizado. Dessa forma, os principais resultados alcançados foram conseguir que, em outros veículos, fossem colocados livros à disposição dos passageiros, e também que pessoas amigas colaborassem no pagamento do aluguel do espaço onde são acolhidos milhares de exemplares doados para o programa Cultura no Ônibus.

O CDC - Centro de Desenvolvimento Comunitário (6) é um organismo não-governamental, idealizado e mantido pela Associação Cristã de Moços de Brasília - ACM, com atuação em Sobradinho-DF. Esta iniciativa integra, também, o programa Mala do Livro e tem por clientela abrangida crianças de 5 a 7 anos e alunos do ensino fundamental de 1º e 2º ciclos.

Assim como as demais iniciativas relatadas, esse organismo desenvolve atividades variadas de fomento à leitura, entre as quais se destacam o empréstimo de livros para consulta domiciliar, ou pesquisa em classe, sugestões de atividades extra-classe, mediação dirigida, narração de histórias, transformação de textos lidos em atuações cênicas, além de jograis com poesia.

O CDC, criado em 1995 para atender famílias e redondezas, em situação de risco social e para retirar crianças da rua, no biênio 2008/2009, atendeu aproximadamente 300 crianças, em horário contrário ao da escola.

Os principais resultados consistiram em uma maior conscientização da comunidade, com referência a uma perspectiva de vida melhor para seus filhos. A principal dificuldade vencida foi a aceitação do grupo social, em decorrência de ver no comportamento das crianças uma visível transformação: interesse em realizar as tarefas escolares e participação dos eventos de leitura oferecidos no CDC.

A Boneca Bela Aparecida (7) idealizada e mantida pela professora Ivonete da Silva Oliveira, exerce suas atividades em Sobradinho-DF, na forma de iniciativa privada

individual. A clientela abrangida, cada vez que a Boneca chega em cena, é constituída de crianças do ensino fundamental 1º ciclo e comunidade em geral.

Leitura em classe, mediação, narração de histórias, exercício oral de vários tipos são as estratégias utilizadas de fomento a leitura.

A iniciativa de Ivonete começou em 2008 para buscar, de maneira lúdica, o incentivo à leitura e, de forma divertida, trabalhar valores éticos, além do prazer de ouvir histórias. No biênio 2008/2009 atendeu aproximadamente 150 leitores entre crianças, professores e comunidade em geral.

Ela destaca que os principais resultados alcançados foram o desenvolvimento pelo gosto da leitura por parte das crianças e o retorno ao mundo da imaginação por parte dos adultos. Instituiu-se um elo entre crianças, escola e comunidade em geral.

As principais dificuldades vencidas foram: levar o prazer da leitura para à comunidade rural; trabalhar o acervo de livros comprados na Feira do Livro, unindo crianças e livro, deixando o volume de ser um mero produto comprado no “passeio da feira”.

Outras informações relevantes mencionadas por esta agente voluntária foram: por meio da idealização do projeto, as crianças deram vida a uma boneca, que só aparecia quando a gestora da escola não estava. Criou-se um jogo lúdico entre o real (o papel da gestora escolar) e o imaginário (o papel da boneca).

Eu sou comunidade consciente (8), organização não-governamental, idealizada e mantida pelo Instituto de Gestalt Terapia de Brasília-IGTB, atua em Sobradinho-DF. Sua clientela é a comunidade do – DNOCS - Departamento Nacional de Obras Contra a Seca.

Foi criada em 1996 para proporcionar uma perspectiva de vida melhor para os moradores da comunidade, através da psicologia comunitária, com base em Gestalt. Objetiva que a comunidade conquiste uma contínua confirmação de sua identidade, suas crenças, valores, saberes e, enfim, culturas. Os mediadores são profissionais qualificados que descobriram no livro um caminho à conquista da cidadania.

No biênio de 2008/2009, atendeu 480 famílias, pois essa é a população da comunidade do DNOCS. Os principais resultados alcançados registram que a comunidade, por meio do trabalho orientado, conseguiu que a leitura do mundo fosse feita por eles mesmos.

4.4.6. Guará



Legenda:

 9 La Bella Cultural (Laura Maria Rodrigues)

No planisfério da cidade do Guará, localizamos 5 iniciativas; para integrar o corpus desta pesquisa¹⁴⁰, ficamos com uma delas.

La Bella Cultural (9) foi criada em 2009 por iniciativa da empresária Laura Maria Rodrigues. Com o propósito de incitar os frequentadores de suas lojas ao exercício da cidadania, através da leitura, Laura disponibiliza livros ao alcance de todos que por ali transitam.

Desde sua criação já atendeu em torno de 300 pessoas. Assim, esta ação contribuiu para que um grande número de cidadãos lessem mais e conversassem sobre livros; proporcionou também a mobilização de pessoas doando livros e divulgando o projeto La Bella Cultural, que atua no Guará-DF.

Para iniciar esta ação, a empresária mencionou que não encontrou nenhuma dificuldade. Ela destacou que ao tomar conhecimento de projetos de incentivo a leitura em suas viagens por outros países, decidiu disponibilizar, em frente a suas lojas, uma

¹⁴⁰ Não foi escolha pessoal a iniciativa para constituir o corpus; foi, sim, quem respondeu positivamente às nossas várias tentativas de contato.

estante com 160 livros de seu acervo particular. A participação das pessoas tem sido positiva.

4.4.7. Planaltina



Legenda:

 10 Biblioteca Comunitária do Jaguar

No universo de Planaltina, contatamos 7 iniciativas de promoção a leitura, mas só uma, pelas razões já expostas, integra o corpus desta pesquisa.

A Biblioteca Comunitária do Jaguar (10) foi criada em 2005 para proporcionar acesso a leitura a comunidade, ser espaço para realizações culturais, reuniões, rodas literárias etc. No biênio 2008/2009 atendeu aproximadamente 1.200 pessoas.

Trata-se de uma iniciativa privada individual, idealizada e mantida por Jairo Zelaya Leite, com atuação em Planaltina-DF. Promove o empréstimo de livros, mediação de leitura e contação de histórias como mecanismos de estimular o gosto pela leitura.

Sua clientela é constituída pela comunidade em geral. Seu idealizador conta com a participação ativa da comunidade, tanto como leitores quanto como doadores de acervo. A maior dificuldade vencida foi a financeira que impedia de tornar a iniciativa

uma realidade. Jairo lembra que a biblioteca comunitária foi vencedora do concurso Pontos de Leitura 2008, promovido pelo MinC.

A biblioteca é responsável, ainda, pela a atividade de edição e impressão do informativo *Jornal do Jaguar* que trata de temas ligados à doutrina do Vale do Amanhecer, História, Antropologia, Religião, além de noticiar informações de interesse da comunidade.

4.4.8. Taguatinga



Legenda:

-  14 Luz & Autor em Braille
-  15 Brincando de Biblioteca (atua nas escolas públicas do DF, nas 14 regionais de ensino)

No universo de Taguatinga, localizamos 3 iniciativas de leitura. Uma delas (Brincando de Biblioteca) atua também nas escolas públicas do DF. Para integrar o corpus desta pesquisa, ficamos com duas iniciativas.

O programa Luz & Autor em Braille (14) é uma iniciativa individual privada, de Dinorá Couto Cançado, com apoio governamental: ação destaque da Biblioteca Braille Dorina Nowill, atua em Taguatinga-DF. Sua clientela é a comunidade em geral.

Esta iniciativa proporciona o incentivo por intermédio do empréstimo de livros para leitura domiciliar, sugestão de leitura extra-classe, mediação de leitura e transformação de textos lidos em atuações cênicas, recitais poéticos, oficinas,

transcrição de livros para a linguagem braille, gravação de livros em áudio, olimpíada da leitura e alfabetização em braille.

Foi criado em 1995 para incentivar a leitura dos deficientes visuais do DF e entorno, resgatar a auto-estima e dar aos deficientes visuais a oportunidade de desenvolver-se intelectualmente para desempenhar o exercício de sua cidadania.

No biênio 2008/2009 atendeu aproximadamente 2.800 pessoas. Dessa forma, mobiliza cidadãos, trabalha com voluntários além dos escritores-patronos que se envolvem de maneira mais comprometida com a iniciativa.

Brincando de Biblioteca (15) é uma atividade que se desenvolve com apoio governamental, de iniciativa privada individual, atua nas escolas públicas do DF, e compreende o universo das 14 regionais de ensino. A clientela abrange crianças do ensino fundamental de 1º e 2º ciclos.

Tem por estratégias de fomento à leitura a distribuição (doação) de livros e as demais atividades já referidas

Foi criado em 2003 para formar alunos-multiplicadores de leituras nas escolas, divulgar a literatura brasiliense e brasileira, além de descobrir e estimular talentos em várias linguagens artísticas. Busca valorizar bibliotecas e vê-las como espaços privilegiados da cultura nas escolas.

Em 2008 foram atendidos 967 alunos e 94 professores. A coordenação exercida por Dinorá Couto acredita que o número oficial para 2009 tenha sido igual ao do ano de 2008.

Como principais resultados alcançados destacam-se a construção de mini-bibliotecas em várias escolas, melhoria nas produções literárias e na prática da leitura, reforço na educação inclusiva, com vários alunos especiais presentes, aumento de pedido de oficinas e alguns destaques em recitais poéticos de música, teatro e dança.

A principal dificuldade foi atender o grande pedido das escolas, sendo apenas uma coordenadora. A divulgação da iniciativa na mídia tem revelado o trabalho do trabalho desenvolvido.

4.4.9. Recanto das Emas



Legenda:

-  11 Farmácia de Letras (Rosângela T dos S Pereira - Agente Comunitária da Leitura – Programa Mala do Livro)
-  20 Biblioteca Comunitária Luis de Lima (Luís Rodrigues de Lima – Agente Comunitário da Leitura – Programa Mala do Livro)

No universo do Recanto das Emas, foram localizadas 5 iniciativas, das quais, duas integram o corpus desta pesquisa.

A Farmácia de Letras (11) iniciou suas atividades em 2007 para integrar a comunidade como um todo no direito à informação e ao conhecimento por meio da leitura. A agente voluntária da leitura Rosângela acolheu em sua residência o Programa da Mala do Livro e, a partir de então, na comunidade do Recanto das Emas-DF, promove ações de incentivo à leitura tais como o empréstimo de livros, mediação de leitura, visitas a feiras de livros e também orientação para a resolução das tarefas escolares.

Rosângela é agente de saúde e a cada visita realizada, além das orientações de prevenção às doenças, ela fala da importância da leitura e sempre consegue deixar um livro que é recolhido e trocado por outro, na próxima visita. Assim, no período de 2008/2009 já atendeu aproximadamente 2000 pessoas. E como resultado final desse atendimento pode observar a melhora no vocabulário geral da comunidade, maior interesse de todos em informação e conhecimento.

Por outro lado, venceu a falta de espaço físico para abrigar os livros; capacitação para manter o grupo motivado, além da quantidade insuficiente de obras destinadas ao público infantil que é o carro-chefe em procura.

A Biblioteca Comunitária Luís de Lima (21) trata-se de uma iniciativa privada individual, com atuação de suas atividades no Recanto das Emas - DF. Foi criada em 1998 para oferecer leitura e dar suporte nas tarefas escolares da comunidade como forma de proporcionar uma vida melhor aos menos favorecidos. A biblioteca funciona 24 horas por dia.

Suas estratégias de fomento à leitura são oferecidas através do empréstimo de livros e do uso de computadores para ajudar na pesquisa e elaboração de trabalhos escolares. Os computadores foram doados pelo Banco do Brasil. Com o trabalho voluntário de algumas pessoas, pode oferecer curso básico de informática e, dessa forma, facilitar o acesso ao mercado de trabalho a muitos.

Este agente voluntário da leitura integra o Programa da Mala do Livro. Ele foi alfabetizado aos 33 anos de idade e hoje, aos 47 anos, tem como conquista relevante em seu projeto, ouvir relatos de pessoas da comunidade que, seguindo o seu exemplo, voltaram a estudar e muitas, hoje, cursam faculdade.

4.4.10. Samambaia



Legenda:

 12 Júlia Pereira de Santana (Agente Comunitária da Leitura – Programa Mala do Livro)

No universo de Samambaia, identificamos 5 iniciativas mas só uma prontificou-se para integrar o corpus desta pesquisa.

Júlia Pereira de Santana (12) é mais uma voluntária que acolheu o Programa Mala do Livro em sua residência. Trata-se de uma iniciativa individual privada que desenvolve suas atividades em Samambaia - DF. Sua clientela é constituída pela comunidade em geral, em especial, as crianças que moram nas redondezas de sua casa.

Esta iniciativa, desde 2005, disponibiliza a seus frequentadores o empréstimo de livros para leitura domiciliar, mediação de leitura e narração de histórias, como estratégias de incentivo ao gosto de ler.

No biênio 2008/2009, atendeu aproximadamente à 50 crianças que voltam constantemente a procura de livros.

A principal dificuldade vencida foi a falta de espaço, no início das atividades, pois a casa era muito pequena para acomodar os moradores e o projeto da Mala do Livro. Hoje, já existe um ambiente reservado especialmente para o programa.

Esta agente comunitária da leitura é aposentada e, com o Programa Mala do Livro em sua casa, envolveu toda a família de tal forma que, em sua ausência, filhos e esposo prestam o atendimento necessário; por extensão, seu esposo até oferece atividades de esporte, como forma de manter as crianças integradas a esse ambiente que combina leitura e esporte.

4.4.11. Brazlândia



17 Elza Caetano dos Santos (Agente Comunitária da Leitura – Programa Mala do Livro)

Em Brazlândia, localizamos 3 iniciativas de leitura e ficamos com uma para o corpus desta pesquisa. Elza Caetano dos Santos (17), é uma agente comunitária da leitura, integrante do Programa Mala do Livro. Trata-se de uma iniciativa individual privada que integra o programa Mala do Livro, com atuação em Brazlândia-DF. Sua clientela é constituída de crianças do ensino fundamental, 1º e 2º ciclos, jovens do ensino médio, jovens e adultos do ensino fora do ensino regular e comunidade em geral.

As estratégias de fomento à leitura, as mesmas já referidas em iniciativas semelhantes, tiveram início em 2004 com o objetivo geral e finalidade máxima do desenvolvimento da educação, da cultura regional e afro-descendente, através de oportunidades iguais de aprimoramento da leitura das primeiras letrinhas a partir da leitura do mundo.

No período de 2008/2009 atendeu 300 leitores e pode observar que houve uma credibilidade maior de seu trabalho junto a comunidade, uma participação maior dos alunos nos trabalhos escolares, e ainda a importante integração com a família que, dessa forma, despertou um sentimento de solidariedade entre os participantes. Tudo isso foram fatores que contribuíram para, com o esforço de todos, conseguirem mesas, cadeiras e quadros para o programa.

4.4.12. São Sebastião



Legenda:

 13 Tra-la-lá (projeto Servidor Solidário da Presidência da República)

Em São Sebastião localizamos apenas o projeto de voluntários da Presidência da República que atua em uma escola pública desta cidade. O grupo Tra-la-lá(13), integra o Projeto Servidor Solidário da Presidência da República, iniciativa voluntária, coordenada pela bibliotecária Ieda Muniz de Almeida, com atuação das atividades em São Sebastião-DF. Sua clientela é constituída de crianças em idade pré-escolar, menos de 5 anos; educação infantil, de 5 a 7 anos; ensino fundamental 1º e 2º ciclos e a comunidade em geral.

Tem como estratégias de fomento à leitura a distribuição (doação) de livros, empréstimos, sugestão de leituras extra-classe, mediação e leituras dirigidas, narração de histórias, além de atividades oral de vários tipos.

Foi criado em 2006 para estimular o hábito e o gosto pela leitura, aumentar o uso da biblioteca escolar; aumentar o acesso aos livros pelos alunos, pais e professores, desenvolver a oralidade dos alunos, pais e professores e contribuir com a melhoria do rendimento escolar, em especial na disciplina língua portuguesa, além de motivar a permanência dos alunos na escola. No biênio 2008/2009 atendeu aproximadamente 900 pessoas.

Esta iniciativa apontou como dificuldade vencida a internalização do conceito do voluntariado não assistencialista. Hoje são vinte servidores atuantes que doam o seu tempo e conhecimento em ações de incentivo à leitura, formação de cidadania, inclusão digital e reciclagem de tecnologias educacionais para os professores.

4.4.13. Santa Maria



Legenda:

 19 Welber Félix (Santana Agente Comunitário da Leitura – Programa Mala do Livro)

Em Santa Maria, localizamos 6 iniciativas. Ficamos com uma para integrar o corpus desta pesquisa.

O agente comunitário da leitura Welber Félix Santana (19) exerce suas atividades como iniciativa privada individual a partir do momento (1993) em que acolheu o Programa Mala do Livro em sua residência Seu público alvo é a comunidade em geral, moradores de Santa Maria-DF.

Tem o objetivo de facilitar o acesso à informação e à leitura, sendo o programa voltado à criança, ao adolescente e ao adulto. Dentro dessa proposta, no período de 2008/2009 atendeu, aproximadamente, 250 pessoas da comunidade através de empréstimo de livros para leitura domiciliar.

Em pouco tempo Welber conseguiu que a leitura passasse a ser a ser prioridade, em um contexto cujas pessoas não tinham tempo, sequer para lazer.

4.4.14. Gama



Legenda:

 18 Leitura e Criação Artística

Na cidade do Gama, localizamos apenas a iniciativa Leitura e Criação Artística (18), idealizada e mantida pela professora Cristina Santana que, associada a outras professoras voluntárias, conseguiram implantar o projeto na escola em que lecionam com crianças do ensino fundamental 2º ciclo, no Centro de Ensino Fundamental-CEF 15, Gama – DF.

Esta agente do programa da Mala do Livro desde 2001, busca apresentar o ato de ler como algo prazeroso e indispensável e ainda defender que a leitura não deve ser associada a obrigação, tarefa enfadonha ou cansativa, mas sim, como fonte de descobertas e novas possibilidades, sempre considerando a capacidade de criação e inovação.

No biênio 2008/2009 foram atendidas 760 crianças e adolescentes quando aconteceu uma significativa melhora na auto-estima dos alunos envolvidos; maior participação deles e de seus pais/responsáveis nos projetos e atividades da escola. Com isso, conseguiu a adesão mais efetiva de outras professoras e um espaço propício e definitivo na escola.

Ao término desse relato, cumpre destacar que abordar cada uma dessas iniciativas foi importante para solidificar a idéia de que, quem trabalha com leitura, quem tem a leitura como ferramenta de vida em seu cotidiano, consegue ver o outro em uma dimensão mais humana e menos virtual.

Nenhum agente de leitura das iniciativas não-governamentais, quando abordado por nós, delegou a site ou blog que nos dessem informações acerca de seu trabalho. Ao contrário, fizeram questão de nos receber e de nos contar, suas experiências, suas histórias.

4.5. Sistematização e análise dos resultados alcançados

É previsível que a procura das fontes de onde tirar as informações apresente altos e baixos. Nesta caminhada, aconteceram momentos de aclave, pelos contatos humanos dos polos irradiadores e cultura pelas letras, mas também de declive, com desânimo quando as instituições se mostraram indiferentes à pesquisa. Insistíamos em que a porta pudesse se abrir para nos dar passagem e, quando conseguíamos, o resultado era sempre proveitoso.

De posse dos dados obtidos pelos questionários, é o seguinte o panorama da leitura no Distrito Federal.

4.5.1. Análise da parte quantitativa dos questionários.

Após a quantificação dos dados, tendo em síntese a realidade das 20 organizações não-governamentais analisadas, pela sequência dos itens que compuseram o instrumento de coleta, tem-se a seguinte realidade no panorama cultural do DF, referente à leitura:

Identificação da instituição:

- 1.1- Não foram encontrados estabelecimentos públicos entre as iniciativas.
- 1.2- Foram encontrados 3 organismos não-governamentais entre as iniciativas particulares.
- 1.3- Portanto, somaram 17 as iniciativas privadas, individuais.

Faixa etária da clientela atendida:

- 2.1- Duas iniciativas atendem exclusivamente a crianças em idade pré-escolar.
- 2.2- Quatro atendem crianças da educação infantil, de 5 a 7 anos.
- 2.3- Oito assistem crianças do ensino fundamental – primeiro ciclo.
- 2.4- Nove assistem crianças do ensino fundamental – segundo ciclo.
- 2.5- Seis trabalham prioritariamente com jovens do ensino médio.
- 2.6- Seis trabalham com jovens e adultos fora do ensino regular.
- 2.7- Dezesesseis oferecem cultura à comunidade em geral.

Estratégias utilizadas no fomento à leitura:

- 3.1- Distribuição e doação de livros = 10
- 3.2- Empréstimos para leitura domiciliar = 18
- 3.3- Leitura em classe = 5
- 3.4- Sugestões de leituras extraclasse = 5
- 3.5- Mediação de leitura = 15
- 3.6- Leituras dirigidas = 7
- 3.7- Contação de histórias = 15

3.8- Transformação de textos lidos em atuações cênicas = 6

3.9- Leitura oral de vários tipos = 7

3.10 – não foram citadas outras estratégias.

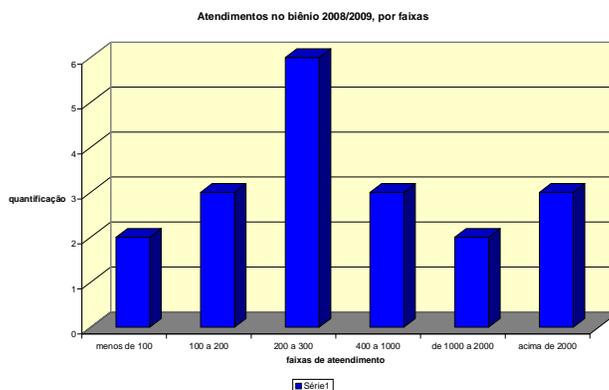
Ano de criação da organização:

Até 2000 = 7

De 2001 a 2005 = 8

Depois de 2006 = 5

Total aproximado de atendimento de 2008 e 2009.



4.5.2. Análise da parte qualitativa dos questionários

4.5.2.1. Quanto aos objetivos

O objetivo vital do programa Mala do Livro, que é o sustentáculo da maioria das iniciativas não-governamentais que constituíram o corpus da pesquisa, é o empréstimo dos livros aos vizinhos, conhecidos, amigos, num esforço coletivo de incentivo à leitura; além disso, expandir um trabalho social de dar aos cidadãos o direito ao exercício da cidadania consciente. Esse objetivo está sendo alcançado em cerca de 10% das malas distribuídas no DF, uma vez que são mais de 500 malas do livro em Brasília e em outras cidades.

Nas visitas realizadas e pelos contatos verbais mantidos, constatamos, com elevada gratificação cívica, que as iniciativas não-governamentais do DF têm alcançado os seguintes objetivos:

- ajudar em trabalhos escolares;
- ampliar o acesso aos livros pelos alunos, pais e professores;
- aproximar o servidor público federal da implementação de políticas públicas sociais;
- contribuir com a melhoria do rendimento escolar, em especial na disciplina língua portuguesa, elevando a qualidade do ensino público;
- contribuir para a permanência dos alunos na escola;
- crescer com seus próprios méritos;
- criar motivação aos que não gostam de ler;
- desenvolver nas pessoas o senso de responsabilidade e honestidade, uma vez que há somente um caderno para, quem quiser, anotar o livro que levou;
- ensinar a ler e escrever;
- estimular a oralidade dos alunos, pais e professores;
- estimular o uso da biblioteca escolar;
- incitar as pessoas ao exercício da cidadania, doando livros;
- ministrar aulas de reforço;
- oferecer oficinas de leituras, música;
- promover eventos como teatro, canto e dança;
- retirar crianças da rua;
- ser espaço para realizações culturais, reuniões, rodas literárias, etc;
- elevar a auto-estima e ensinando as pessoas a pescar o peixe, em vez de assistencialismo;
- integrar a comunidade como um todo no direito a informação e conhecimento por meio da leitura;
- oferecer oficinas a jovens e adultos que viviam sem perspectiva de vida;

- proporcionar acesso à leitura para a comunidade.

4.5.2.2. Quanto aos resultados alcançados

Na leitura dos questionários, apareceram depoimentos que registram:

- Abertura de uma biblioteca comunitária na Ceilândia (QNQ) com mais de 5000 livros com o nome Biblioteca Comunitária ninho do Condor;
- Criação de um grupo contador de histórias para contribuir para o incremento do uso da Biblioteca;
- Inauguração da Biblioteca da Escola Municipal Myrian Pelles Ervilha de Santo Antonio do Descoberto (GO), em maio de 2006, com um acervo de aproximadamente 1.200 exemplares;
- Melhora no vocabulário geral da comunidade, maior interesse de todos em informação e conhecimento;
- Mobilização de pessoas doando livros e divulgando o projeto;
- Monitoramento da gestão da biblioteca escolar;
- Treinamento de duas auxiliares de biblioteca no uso de softwares, o que permitiu o registro eletrônico das estatísticas dos serviços da biblioteca;
- Uma melhor conscientização da comunidade.

4.5.2.3. Quanto às dificuldades vencidas

Na linguagem simples de quem não tem muita erudição, houve depoimentos que sensibilizaram a investigadora, entre eles, os abaixo:

- A conscientização dos professores, funcionários e pais para a compreensão da filosofia da transformação social como um dos caminhos para o alcance da cidadania.
- A internalização do conceito do voluntariado não assistencialista pelos servidores solidários que aderiram ao programa.
- Aceitação da comunidade em decorrência da transformação das crianças.

- Convencimento das pessoas de que não havia fins lucrativos para manutenção dos 4.800 livros doados pela comunidade.
- Falta de ajuda financeira.
- Falta de espaço físico para abrigar os livros e de mediação para manter o grupo motivado por causa da quantidade insuficiente de gêneros infantis.
- Paciência e disponibilidade;
- Tempo para catalogar e organizar livros;

Apenas uma das voluntárias depôs: *Não encontrei dificuldades*. Ela é empresária.

Ler também proporciona dores. E foram essas dos desencontros que nos proporcionaram chegar ao encontro do leitor formador de leitores. Saimos desta pesquisa cientes de que existem muitos agentes alterando o percurso da leitura no DF, através de ações voluntárias que, significativamente, implicam mudanças coletivas.

PALAVRAS FINAIS



Para julgar as formas literárias, deve-se interrogar a realidade, não a estética, nem a do realismo. A verdade pode ser calada em muitos modos e, em muitos, declarada. Nós tiramos a nossa estética, assim como a nossa amoralidade, da necessidade de nossa luta.

Bertolt Brecht

Quando o conhecimento foi separado da percepção estética deu-se o hiato entre educação e cultura. Adquirir conhecimento representou algo sério e ensinado por pessoas sérias. Demonstrar o sentimento de alegria, deslumbramento, não ficava bem no ambiente escolar. Ir a escola passou a representar um deslocamento da realidade para aprender algo muito distante do cotidiano. Exatamente isso aconteceu quando foram desmembrados o Ministério da Educação e o Ministério da Cultura. Separados, seguiram a Educação e a Cultura, cada uma tratada em sua respectiva pasta.

Houve perdas com essa separação de células que funcionam e se multiplicam com eficiência e eficácia, quando conectadas. Por outro lado, foi preciso acontecer esse corte para que a Cultura deixasse de ser apenas um apêndice da Educação e, independente, pudesse ocupar o espaço devido e, assim, procurar o caminho de volta. Hoje, Minc e MEC têm estreitado os laços, desenvolvendo diversos projetos juntos. Com isso, potencializam-se cultura e educação.

Houve um tempo em que o ensino era uma prática que mais informava do que formava. Revalorizada, a cultura traz à educação o cotidiano, os valores, as alegrias de cada um. Recupera sua história, suas memórias.

A educação escolar deve proporcionar a conciliação do conhecimento adquirido com o conhecimento trazido desde as primeiras horas de vida. Este legado de nossa história é a nossa cultura: os valores, a força de cada um. É no convívio importante da educação que se promove o encontro de culturas na escola, momento de muitas leituras que, ao longo do tempo, produzem novas experiências e desencadeiam o respeito à diferença.

É nessa teia de interdependência entre cultura e educação que a literatura germina. Abrindo as portas da escola os livros deixam entrar o cotidiano e desencadeiam mais ampla visão da cultura por exigirem competência de leitura. Ler, portanto, significa ter o poder de decifrar as teias do cotidiano, as marcas da sociedade.

No Brasil inteiro tem-se o Programa Cultura Viva e os Pontos de Cultura, todos trabalhando na mediação de leitura. Há casas residenciais, transformadas em imensas fortalezas do conhecimento, conduzidas por voluntários, pessoas da comunidade que conhecem a realidade em que vivem e querem melhorar o contexto em que pisam. No DF, especificamente, além dos Pontos de Cultura do Governo Federal, há o Programa Mala do Livro.

Essa revolução cultural a partir do incentivo à leitura é conduzida por um exército de voluntários que, munidos de força e coragem, têm promovido uma revalorização literária.

A concepção de literatura não é estreita, praticada pelos agentes da Mala do Livro, mas uma acepção ampla de literatura como uma manifestação cultural que só se chega por intermédio da leitura. O Mapa Cultural revelou, portanto, o perfil de quem faz a leitura da literatura.

Ao final do que havíamos colocado como metas a alcançar, podemos elencar as iniciativas privadas de leitura existentes no DF, tendo Paranoá apresentado um vazio representativo. Nossa pesquisa permite ao leitor identificar as áreas cobertas e descobertas de leitura. Em função da área, Paranoá, Riacho Fundo e Planaltina, ocupam quase 50% da extensão territorial do DF. Essa é, proporcionalmente, a região de maior carência encontrada. De Riacho Fundo e Paranoá, não conseguimos, sequer, uma iniciativa para estudar; de Planaltina, região mais ampla do DF, colhemos informações de apenas uma iniciativa. Se juntarmos a essas regiões ocupadas por Brazlândia e por

Gama, ultrapassando 50% da área total do DF, evidenciamos os locais de grande carência de polos de irradiação de leitura. A eles opõem-se as regiões de Sobradinho, Ceilândia e Recanto das Emas, as mais beneficiadas.

Era nosso propósito inicial dialogar com as iniciativas existentes nas escolas públicas e particulares, faculdades e universidades. Os silêncios de omissão e os poucos contatos de retorno foram evasivos e sem nenhum interesse por esta pesquisa. Sem um universo educacional que pudéssemos considerar com dados para análise, optamos por trabalhar somente com o foco de nossa pesquisa, as iniciativas não-governamentais.

Vivenciamos deslumbramentos quando chegávamos a uma casa, denominada pelo próprio morador de “barraco” e, ao entrar, a casa estava cheia de livros. Tratava-se de um agente comunitário da leitura do Programa Mala do Livro. Ouvimos surpreendentes relatos de superação, de como a vida tinha aberto novos horizontes depois da chegada dos livros e de como tinham melhorado enquanto pessoas, os mediadores da leitura, esses heróis voluntários.

O teórico Antonio Cândido nos antecipara que poderíamos sentir estranhamentos com a leitura do sistema social, ele poderia nos provocar as mais variadas emoções relativas ao sistema literário. Paulo Freire antecipara que ler não é muito conveniente a determinados sistemas políticos. Dissera mais: que trabalhar com educação e com cultura é fazer uma opção política por excelência. Mesmo cientes disso, estranhamos, como inocentes, os silêncios por omissão ou por pressa. Mas aprendemos com cada um deles.

Mostramos, através das andanças, a face oculta da história da leitura no DF. Perseguimos e encontramos os voluntários da leitura. A maioria deles acolheu-a na sala de sua casa. A sociedade civil estava avançando muito rapidamente em suas ações e o governo não teve outra opção senão, também, começar a fazer o seu trabalho que, ora, estava sendo feito pela iniciativa privada.

Nesse sentido, governo e sociedade têm caminhado próximos, numa parceria capaz de render bons frutos. Ainda que em pastas separadas, MinC e MEC têm construído um capítulo especial da nossa história educacional-cultural. Será a partir dessa parceria que um novo contexto cultural acontecerá e, assim, o poder da sociedade e seus saberes emergirão. Mas a ponte existe para possibilitar o encontro desses dois

gigantes: governo e sociedade civil. Ainda estão cada um de um lado, caminhando na direção do outro. Nessa caminhada, muito já se fez. E muito ainda tem a ser feito.

A sociedade civil, destaque desta pesquisa, mora em palácios de madeira. Crianças que se juntam na sala de uma residência para brincar de ler, de folhear livros. Alguns lêem a história escrita; outros se encantam com as imagens. Os pequenos aparecem como se estivessem em cômodos de sua própria casa: meninos apenas de short, calção, pés no chão. Entram e saem, espontaneamente, do ambiente, do palácio que se abre para a imaginação, todos em volta de uma mesa, absortos com a presença dos livros, prontos para serem descobertos.

Creemos que nossa pesquisa conseguiu construir o Mapa Cultural. Vivemos momentos de transpiração e de inspiração, colhendo o melhor e o não-ideal da literatura, da cultura e, certamente, saímos fortalecidos. Este Mapa não pára. Está inacabado. A nossa leitura continuará colhendo a literatura que tem na sociedade, seu alimento.

Já é tempo de eliminarmos esse coro de discurso distante da prática. O governo pode e deve voltar-se para dentro e qualificar seu público interno em multiplicador de leitores. Desde o funcionário que ocupa a mesa de tamanho maior àquele funcionário que não precisa de mesa para desempenhar suas funções. Os representantes dos reitores, dos diretores, secretários e ministros, precisam sintonizar seu exército de colaboradores na mesma estação. Precisam fazer como fazem as iniciativas privadas.

Na casa habitada por homens e livros, as pessoas estavam contagiadas pelo processo que toda e qualquer leitura proporciona: o deslumbramento frente a algo importante. Eis o segredo das iniciativas não-governamentais: são desenvolvidas por leitores apaixonados e assim, conseguem contaminar todos em seu redor. O governo precisa “fisgar” cada leitor que “nem sabe ainda que é leitor” que tomou coragem e entrou em um de seus palácios ministeriais. Somos todos leitores.

Propomos que o espaço tão inteligentemente ocupado pela Parada Cultural T-Bone e de grande visibilidade para o público se transforme em uma vitrine atrativa, em uma biblioteca viva. Que ela fisgue aquele usuário de ônibus, leitor da vida, e que ainda não é leitor de livros. Mesmo sendo uma vitrine, essa iniciativa precisa da atuação importante do vendedor da idéia, o mediador. Na Parada Cultural T-Bone o mediador

será um multiplicador de leitores. Concomitante, essa iniciativa necessita de alguém que mantenha a estante e os livros, limpos, atrativos. A primeira leitura é realizada pelo contato visual e também tátil.

O resultado final desta pesquisa é o Mapa Cultural. Tão importante quanto os espaços preenchidos, temos os espaços vazios. É nosso desejo que esses vazios sejam preenchidos através de uma força tarefa composta por representantes do governo e da sociedade. Antes porém, que sejam preenchidos os espaços vazios de leitores nos organismos governamentais, nas escolas, nas faculdades, fontes que promovem a leitura na mídia e que esquecem de promover a leitura nos bastidores governamentais.

Isto posto, são essas as veias abertas do DF constatadas em nossa pesquisa. Elas revelam onde e porque sangra – ainda – a sociedade, quando se trata de leitura. Do encontro de discurso e prática, resultará o estanque da sangria. Será este um sonho? Certamente que não. Tudo isso pode se tornar uma realidade pois existe a ponte para promover, possibilitar a arte do encontro de culturas, de ações.

A ponte deve unir as pontas do processo entre os moradores dos palácios de tábuas com àqueles que habitam os palácios de concreto. Juntos, são poder. As pontas, com certeza, estão se aproximando, se interligando... ainda há muito a fazer. O importante é que vivemos o momento em que esses dois discursos VÊM a ponte... enxergam o que está do outro lado... do povo e do governo ... a realização do sonho... de tornar este um País de leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Galeno(Org). *Retratos da leitura no Brasil*. São Paulo:Imprensa Oficial:Instituto Pró-livro, 2008.
- ARCHELA, Rosely S. *Imagem e representação gráfica*. Revista Geografia, Londrina, v.8, n.1, p.5-11, jan./jun. 1999.
- ARCHELA, Rosely S; THÉRY, Hervé. *Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos*. *Confins* [Online], 3 | 2008, posto online em 23 juin 2008. Disponível em <http://confins.revues.org/index3483.html> . Acesso em março de 2010.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- Biblioteca Comunitária do Jaguar. Disponível em <http://www.bibliotecadojaguar.net> . Acesso em outubro de 2009.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Tradução Sérgio P. Rouanet. *In Obras Escolhidas*, v.1, São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CÂMARA, Tania Maria N de Lima. *Pontuação: chave de leitura do texto literário*. Disponível em <http://www.alb.com.br/anais14/Cse13.html> . Acesso em janeiro de 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 1º. Volume: 1750-1836; 2º. Volume: 1836-1880. 8ª ed. BH - RJ: Itatiaia Ltda Vol. I, p. 23, 1997.
- _____. *Iniciação à Literatura Brasileira*. 3ª. Ed. São Paulo: Humanitas (1ª. Ed. 1997) p. 15, 1999.
- Centro de Desenvolvimento Comunitário. Disponível em <http://www.acmbrasil.com.br> . Acesso em setembro de 2009.
- COUTINHO, Afrânio (1955). *A Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S.A.. Vol. I, p. 158.
- Cultura do Brasil. Disponível em http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_do_Brasil . Acesso em fevereiro de 2010.
- D'ANGELO, Martha. *A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin*. **Estud. av.**, São Paulo, v. 20, n. 56, Apr. 2006 . Disponível http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000100016&lng=en&nrm=iso . Doi: 10.1590/S0103-40142006000100016 . Acesso em 07 de abril de 2010.
- Diversidade Cultural. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Diversidade_cultural. Acesso em março de 2010.
- FARIAS, Fabíola. *Curso ensina a bibliotecário ser mediador de leitura*. Imprensa oficial do governo de estado de Minas Gerais.Em: <http://www.iof.mg.gov.br/index.php> acesso em abril de 2010.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1991.
- GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina: cento e vinte milhões de crianças no centro da tormenta*. Disponível em [http://copyright.noblogs.org/gallery/5220/Veias_Abertas_da_Am%C3%83%C2%A9rica_Latina\(EduardoGaleano\).pdf](http://copyright.noblogs.org/gallery/5220/Veias_Abertas_da_Am%C3%83%C2%A9rica_Latina(EduardoGaleano).pdf) . Acesso em fevereiro de 2010.
- HELENA, Lúcia. *Imagens dialéticas - história, tempo, alegoria e melancolia – concebidas por Walter Benjamin*. Alea vol.5 no.1 Rio de Janeiro Jan./July 2003. Doi: 10.1590/S1517-106X2003000100002 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2003000100002 . Acesso em março de 2010.
- Instituições de Ensino Superior. Disponível em <http://www.educacaosuperior.inep.gov.br> . Acesso em julho de 2009.
- INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO. Disponível em <http://igc.sp.gov.br> . Acesso em fevereiro de 2010.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO-2008. *Retratos da Leitura no Brasil*. Disponível em <http://www.prolivro.org.br> . Acesso em dezembro de 2009.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Relatório de Atividades 2007-2008
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do estético*.vol. 1,São Paulo:Ed. 34, 1996.

- JOLY, F. *A Cartografia*. Editora Papirus, São Paulo, 2005 (8ª edição).
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. Ed. São Paulo: Ática, 2003, p.308.
- LOCH, Ruth E. Nogueira. *Cartografia: representação, comunicação e visualização de dados espaciais*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.
- LONTRA, Hilda O. H. *A (est)ética da sensibilidade moderna, em Walter Benjamin* Curso ministrado na Universidade de Brasília; como disciplina do Programa de Pós-graduação em Literatura, 1º semestre de 2009
- MACEDO, Lino de. *A situação-problema como avaliação e como aprendizagem*. Disponível em <http://www.publicacoes.inep.gov.br> . Acesso em março de 2010.
- MARIA, Luzia de. *O clube do livro: ser leitor – que diferença faz?* São Paulo: Globo, 2009.
- _____. *Leitura & colheita: livros, leitura e formação de leitores*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- MAPAS TEMÁTICOS SOBRE O BRASIL. Disponível em <http://www.mediamapbrasil.org.br/index.php> . Acesso em dezembro de 2009.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2006 (coleção primeiros passos, 74)
- MEC. Ministério da Educação. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php> . acessos em julho de 2009.
- MEC; MinC. *Plano Nacional do Livro e Leitura*. Brasília: MEC, MinC, 2007.
- MEC; MinC. *Guia para elaboração e implantação dos Planos estadual e municipal do livro e leitura*. Brasília, DF: MEC, MinC, PNLL e Instituto Pró-Livro, 2009.
- MinC. *Caderno de propostas da II CNC-Conferência Nacional de Cultura*. Em Brasília, 2009.
- MinC. Manual do Participante da II CNC – Conferência Nacional de Cultura. Brasília, DF, 2009.
- MOUSINHO, Ronaldo Alves (Org.). *Geografia Poética do Distrito Federal (Coletânea Comemorativa ao cinquentenário do DF)*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- MOTA, Marcus. *Bakhtin / Vygotsky: Fundamentos da tradição do horizonte compreensivo da Linguagem* (Comunicação apresentada ao IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), Unicamp, Campinas, 1990). Disponível em <http://www.marcusmota.com.br/imagens/t02materias/confbakhtinvigotskiabralic.pdf> . Acesso em 2010.
- MULTICULTURALISMO. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural. Disponível em http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3186&cd_idioma=28555&cd_item=8. Acesso em março de 2010.
- Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura. Disponível em <http://www.nepec.com.br/1rev.htm> . Acesso em março de 2010.
- OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. e MATZENBACHER, Tatiana. *A experiência estética da leitura*. Entrelinhas, Ano IV, nº 2, jul/dez 2007. Acessível em www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=7...
- PASSOS, M. L. Perrone; EMÍDIO, Teresa. *Desenhando São Paulo: Mapas e literatura 1877 – 1954*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.
- PERNISA JÚNIOR, Carlos ; FIORENSE FURTADO, Fernando; ALVARENGA, Nilson (Orgs.). *Walter Benjamin: Imagens*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- Plano Nacional do Livro e da Leitura. Disponível em <http://www.pnll.gov.br> . Acesso em dezembro de 2009.
- PRÊMIO VIVALEITURA 2007. Disponível em <http://www.premioivaleitura.org.br/pdf/VivaLeitura2007.pdf> . Acesso em novembro de 2009.
- Programa Mala do Livro. Disponível em <http://www.sc.df.gov.br> . Acesso em julho de 2009.
- Programa Cultura no ônibus. Disponível em <http://culturanoonibus.blogspot.com> . Acesso em setembro de 2009.
- Programa Eu sou comunidade consciente. Disponível em <http://www.igtb.com.br> . Acesso em outubro de 2009.
- Programa Parada Cultural T-Bone. Disponível em <http://www.tbone.org.br>. Acesso em setembro de 2009.
- Programa Roedores de Livros. Disponível em <http://roedoresdelivros.blogspot.com> . Acesso diário.

- Revista CULT, de fevereiro de 2007. Walter Benjamin. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/website/dossie.asp?edtCode=9E022936-7BFD-42CD-832E-738C5FA7F3C7&nwsCode=3C7492E8-CF52-43CA-A483-23921D5BB2C8> . Acesso em março de 2010.
- SANTANA, Afonso Romano. *Ler o mundo*. Disponível em http://www.gargantadaserpente.com/artigos/afonso_romano4.shtml . Acesso em março de 2010.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Unidades de Leitura – trilogia pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000 (Coleção Linguagens e Sociedade).
- _____. *Leitura em curso – trilogia pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2003 (Coleção Linguagens e Sociedade).
- _____. *Conferências sobre leitura – trilogia pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004 (Coleção Linguagens e Sociedade).
- _____. *Leitura Crítica – portal Ezequiel Theodoro da Silva*. Disponível em <http://leituracritica.com.br> . Acesso em março de 2010.
- _____. *Leitura, subsídios para planejamento*. Disponível em http://www.cosmo.com.br/Leitura_subsidios_para_planejamento_Palestra_Prof_Ezequiel.ppt . Acesso em março de 2010.
- WESCHENFELDER, Eládio Vilmar. *A leitura da “palavramundo” no Brasil*. Disponível em http://www.dialnet.unirioja.es/servlet/fichero_articulo?codigo=1075646 . Acesso em fevereiro de 2010.
- ZILBERMAN, Regina. *Para uma história da leitura no Brasil*. Artigo disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/regina.html>. Acesso em fevereiro de 2010.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2002.
- ABREU, Jean Luiz Neves. *O flâneur e a cidade na literatura brasileira: proposta de uma leitura benjaminiana*. Mneme – Revista Virtual de Humanidades, n. 10, v. 5, abr./jun.2004. Disponível em <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme10/flaneur.pdf> . Acesso em fevereiro de 2010.
- ALMINO, João. *O livro das emoções*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ARENA, Dagoberto Buim. *Leitura no espaço da biblioteca escolar*. In: JUNQUEIRA DE SOUZA, Renata (Org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: mediador em formação*. São Paulo: Mercado de Letras, 2009. P.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARRENTO, João. *O arco da palavra: ensaios*. São Paulo: Escrituras, 2006.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral, sobre a linguagem humana In: *Sobre arte, técnica, linguagem e política*. Trad.: Maria Luz Mota, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio d' Água, 1992. p. 180.
- _____. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução Sérgio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo”. Tradução José C. Barbosa, Hemerson A. Baptista. In: *Obras Escolhidas*, v.3, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Sobre a arte, técnica, linguagem e política*. Tradução Maria L.Moita, Maria A. Cruz, Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água, 1980.
- BRANT, Leonardo. *O poder da cultura*. São Paulo: Peirópolis, 2009.
- BRENMAN, Ilan. *Através da vidraça da escola: formando novos leitores*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- CALVINO, Ítalo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

- CANDIDO, Antonio. *Educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- _____. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- _____. Papel do estudo sociológico da escola na sociologia educacional. In: Pereira, L. e Foracchi, M. (org.) *Educação e sociedade*. São Paulo: Cia Nacional, 1987.
- _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Radicalismos. *Estudos Avançados* 4(8): 5-18, 1990.
- _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- _____. Aliança é combinação transitória. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 15 out. CA, p. 52001.
- CANTINHO, Maria João. *Modernidade e alegoria em Walter Benjamin*
- COSTA, Marta Morais. *Mapa do mundo: crônicas sobre leitura*. Belo Horizonte: Leitura, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- ECO, Umberto. *Leitura do texto literário: lector in fábula*. Lisboa: Editorial Presença, 1983.
- ETIENE, Clara. *Entre as linhas do texto e o brilho da tela, uma rede e o leitor*. Universidade de Brasília. Departamento de Teoria Literária – Brasília: Agosto. 2009.
- FAC. *Guia Mapa dos Espaços Culturais do DF*. FAC.GDF. Brasília, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Walter Benjamin*. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- _____. *História e narração em Walter Benjamin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 17-18.
- GATTI, Luciano. *Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire*. Kriterion: Revista de Filosofia. 2009, vol.50, n.119. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2009000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em fevereiro de 2010.
- GUERRA, Jacinto (Org.). *O prazer da leitura*. Brasília: Thesaurus, 1997.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HAZIN, Elizabeth. *Martu*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do estético*. Vol 2. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2007.
- KOETHE, Flávio R. *Walter Benjamin: sociologia*. São Paulo: Ática, 1985.
- LAGE, Micheline Madureira. *Ler sem doer: perspectivas para a leitura do texto literário no ensino médio*. Minas Gerais: Unilest, 2003.
- LAGES, Susana Kampff. *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo: Edusp, 2002.
- LEVY, Tatiana Salem. *O fora como o (não-)espaço da literatura*. Disponível em www.letras.ufrj.br/ciencialit/encontro/Tatiana%20Levy.doc. Acesso em fevereiro de 2010.
- LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LONTRA, Hilda (org.). *Leitura e literatura infantil: a questão do ser, do fazer e do sentir*. Brasília: Finatec, UnB, 2000.
- LOWY, Michael. A filosofia da história de Walter Benjamin. **Estud. av.**, São Paulo, v. 16, n. 45, Aug. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000200013&lng=en&nrm=iso>. access on 07 Apr. 2010. doi: 10.1590/S0103-40142002000200013.
- MACHADO, Ana Maria. *Ilhas no tempo: algumas leituras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- _____. *Os livros e os dias*. São Paulo: Cia das Letras, 2007
- MANZOLILLO, Luiz. *Cultura: um salto na era cibernética*. Brasília: LGE, 2003.

- MARINHO, Marildes (org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.
- MORETTI, Franco (org.). *A cultura do romance*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MURICY, Kátia. *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. São Paulo: Unicamp, 2007.
- PENIDO, Stella. Walter Benjamin: a História como Construção e Alegoria. In: O que nos faz pensar. *Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC - Rio*, n° 1, junho 1989.
- PIZA, Daniel. *Mistérios da literatura: Poe, Machado, Conrad, Kafka*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. *Diário de escola*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- PERISSÉ, Gabriel. *Ler, pensar e escrever*. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.
- _____. *Literatura & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- REZENDE, Stela Maris. *Esses livros dentro da gente: uma conversa com o jovem escritor*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- RICOEUR, Paul. *Interpretações e Ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- ROSSI, Newton. *Alma da rua*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- SCHULER, Donald. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Ler o Livro do Mundo*. Walter Benjamin: romantismo e crítica poética. Rio de Janeiro: Iluminuras, 1999.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 8ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, José Maria da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SILVA, Rosa Amélia. *Ler literatura: o exercício do prazer*. Universidade de Brasília. Departamento de Teoria Literária – Brasília: outubro. 2009.
- SOUZA, Renata(org.). *Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação*. São Paulo: Mercado das Letras, 2009.
- SOUZA CRUZ, Ricardo. *Walter Benjamin: o papel da narração e a teoria do justo* (dissertação apresentada e defendida na Universidade Federal da Bahia, em 2007). Disponível em http://www.ppgf.ufba.br/dissertacoes/Ricardo_Souza.pdf . Acesso em março de 2010.
- TELLES, Lygia. *Invenção e memória*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- YUNES, Eliana, OSWALD, Maria Luiza(orgs.). *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.
- WALTY, Ivete Lara Camargos. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Anexo**QUESTIONÁRIO****INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**

com vistas a constituição do MAPA CULTURAL do DF

Nome oficial da instituição:

.....

Favor assinalar com um X a situação em que se enquadra a instituição dirigida por Vossa Senhoria.

BLOCO 1 – Identificação da instituição consultada:

- 1.1. Estabelecimento de ensino () público, () privado
- 1.2. Organismo não-governamental ()
- 1.3. Iniciativa privada individual ()
- 1.4. Outra situação () Qual? _____

BLOCO 2 – Faixa(s) etária(s) da clientela abrangida:

- 2.1. Criança em idade pré-escolar - menos de 5 anos ()
- 2.2. Criança de Educação Infantil – de 5 a 7 anos ()
- 2.3. Criança do Ensino Fundamental – 1º Ciclo ()
- 2.4. Criança do Ensino Fundamental – 2º Ciclo ()
- 2.5. Jovens do Ensino Médio ()
- 2.6. Jovens e adultos do Ensino fora do ensino regular ()
- 2.7. Comunidade em Geral ()

BLOCO 3 – Estratégia(s) utilizada(s) de fomento a leitura:

- 3.1. Distribuição (doação) de livros ()
- 3.2. Empréstimo de livros para leitura domiciliar ()

- 3.3. Leitura em classe ()
- 3.4. Sugestão de leituras extra-classe ()
- 3.5. Mediação de leitura ()
- 3.6. Leituras dirigidas ()
- 3.7. Contação de histórias ()
- 3.8. Transformação de textos lidos em atuações cênicas ()
- 3.9. Leitura oral de vários tipos ()
- 3.10. Outras estratégias – especificar:

BLOCO 4 – Memória dessa iniciativa

Favor completar com os dados referentes ao histórico dessa instituição.

4.1. Data da criação: ___/___/_____ .

4.2. Breve descrição do Objetivo:

4.3. Total aproximado de atendimento nos 2(dois) últimos anos (2008/2009):

4.4. Principais resultados alcançados:

4.5. Principais dificuldades vencidas:

4.6. Outras informações que ajudem na caracterização dessa instituição.

Data e assinatura de quem preencheu o instrumento

Anexo

UNIVERSO DA PESQUISA – por CIDADE

	INICIATIVA	RESP	LOCAL
1	Projeto Ler é bom demais (Flávia Gomes R de Moraes)	Fem	Brasília
2	Parada Cultural T-Bone (Luis Amorim) <i>(corpus)</i>	Masc	Brasília
3	Lucas Ferreira Ramos	Masc	Brazlândia
4	Raiane da Silva Santos	Fem	Brazlândia
5	Elza Caetano dos Santos <i>(corpus)</i>	Fem	Brazlândia
6	Projeto Leitores Pensantes	Fem	Ceilândia
7	Felicidade Clandestina (Grupo Atitude)	Fem	Ceilândia
8	Virgínia Ludmila Silva	Fem	Ceilândia
9	Raimunda de Souza Cruz	Fem	Ceilândia
10	Rosa Acácia Alves de Araújo	Fem	Ceilândia
11	Ailton V da Silva	Masc	Ceilândia
12	Hilariana Maria de Oliveira	Fem	Ceilândia
13	Israel Ângelo <i>(corpus)</i>	Masc	Ceilândia
14	Gislene de Souza <i>(corpus)</i>	Fem	Ceilândia
15	Reginalda F de Carvalho <i>(corpus)</i>	Fem	Ceilândia
16	Roedores de Livros (Ana Paula Bernardes) <i>(corpus)</i>	Fem	Ceilândia
17	Leitura e Criação Artística (Cristina Santana) <i>(corpus)</i>	Fem	Gama
18	Margarete Neris de Aquino	Fem	Guará
19	Bruna Tarawell Barbosa	Fem	Guará
20	Maria Raimunda Almeida	Fem	Guará
21	Maria Silvia Alencar e Nice Castro	Fem	Guará
22	La Bella Cultural (Laura Maria Rodrigues) <i>(corpus)</i>	Fem	Guará
23	Andréia Conceição dos Santos	Fem	Paranoá
24	Avelina M Aguiar Braga	Fem	Planaltina
25	Aisha M Galdemberg	Fem	Planaltina
26	Jerusa Nunes Neiva Eulálio dos Santos	Fem	Planaltina
27	Edilene (amigos do vôlei)	Fem	Planaltina
28	Sandra G Carvalho	Fem	Planaltina
29	Crislene das Neves Silva	Fem	Planaltina
30	Biblioteca Comunitária do Jaguar (Jairo Zelaya Leite) <i>(corpus)</i>	Masc	Planaltina
31	Gisseli Araújo	Fem	Recanto das Emas
32	Rocilda Farias da Silva	Fem	Recanto das Emas
33	Marília Cunha Rodrigues	Fem	Recanto das Emas
34	Biblioteca Comunitária Luís de Lima (Luís R de Lima) <i>(corpus)</i>	Masc	Recanto das Emas
35	Farmácia de Letras (Rosângela T dos S Pereira) <i>(corpus)</i>	Fem	Recanto das Emas
36	Alenize Almeida da Silva	Fem	Samambaia
37	Francinéia Souza Gonçalves Chaveiro	Fem	Samambaia
38	Doralice de Lourdes	Fem	Samambaia
39	Maria da Guia Melo	Fem	Samambaia
40	Júlia Pereira de Santana <i>(corpus)</i>	Fem	Samambaia
41	Maria do Amparo Moura	Fem	Santa Maria
42	Andréa de Oliveira Sousa	Fem	Santa Maria

43	Lúcia Tolentino Caetano	Fem	Santa Maria
44	Daniela Gabriela Adeodato da Silva	Fem	Santa Maria
45	Carlos (Salão Comunitário)	Masc	Santa Maria
46	Welber Félix de Santana	(<i>corpus</i>) Masc	Santa Maria
47	Trá-lá-lá ((Ieda Muniz)	(<i>corpus</i>) Fem	São Sebastião
48	Eu sou comunidade consciente	(<i>corpus</i>) Fem	Sobradinho
49	Marluce da Silva Franklin	Fem	Sobradinho
50	Renata Rodrigues Flores Alves	Fem	Sobradinho
51	Fabiana Guimarães Neves	Fem	Sobradinho
52	Josemarina Xavier da Silva Menezes	Fem	Sobradinho
53	Cultura no Ônibus (Antônio da C Ferreira)	(<i>corpus</i>) Masc	Sobradinho
54	Centro de Desenvolvimento Comunitário – CDC	(<i>corpus</i>) Fem	Sobradinho
55	Boneca Bela Aparecida (Ivone da Silva Oliveira)	(<i>corpus</i>) Fem	Sobradinho
56	Carlos José Machado Menezes	Masc	Sobradinho
57	Andrey do Amaral dos Santos	Masc	Taguatinga
58	Brincando de Biblioteca((Dinorá Couto)	(<i>corpus</i>) Fem	Taguatinga
59	Luz & Autor em Braille (Dinorá Couto)	(<i>corpus</i>) Fem	Taguatinga

1. Do UNIVERSO (59 iniciativas) desta pesquisa (conforme fornecido pelas fontes), podemos destacar o total – por sexo – de seus responsáveis:

FEMININO	MASCULINO	TOTAL
48	11	59

2. Do CORPUS (20 iniciativas) desta pesquisa, podemos destacar o total – por sexo – de seus responsáveis:

FEMININO	MASCULINO	TOTAL
14	6	20

QUANTITATIVO – POR CIDADE

CIDADE	CORPUS	UNIVERSO
Brasília	1	2
Brazlândia	1	3
Ceilândia	4	11
Gama	1	1
Guará	1	5
Paranoá	...	1
Planaltina	1	7
Recanto das Emas	2	5
Samambaia	1	5
Santa Maria	1	6
São Sebastião	1	1
Sobradinho	4	9
Taguatinga	2	3
TOTAL	20	59